

POKÉMON

A Animação

VOL.1

Partida

Autor | **Takeshi Shudo**

首藤剛志

Ilustradora | **Sayuri Ichiishi**

一石小百合



Tradução por Fokéverso

Autor/**Takeshi Shudo**

Um morador da prefeitura de Kanagawa. Apesar de ser um escritor terrível, começou a escrever roteiros com 19 anos. Desde então, já trabalhou em inúmeros projetos. Mais tarde veio a trabalhar com animes, romances, peças, etc. Trabalhos notáveis incluem “GoShogun” e “Gigi e a Fonte da Juventude”, entre outros. Mais detalhes podem ser revelados depois.

Ilustradora/**Sayuri Ichiishi**

Da prefeitura de Kanagawa. Designer de personagens e Diretora Principal de Animação em animes como “Pokémon” e “Wedding Peach DX.” Ela é uma animadora amante de água que tem bodyboarding como um de seus hobbies. Trabalha para OLM (Oriental Light and Magic).

Tradutora (EN-US)/**Amanda R. Sato**

Não é da prefeitura de Kanagawa. Começou a ver o anime de Pokémon quando tinha mais ou menos a idade do Ash e hoje em dia já tá mais perto da idade da Delia. Gosta de traduzir como hobby e gostaria de tornar isso sua profissão. Outras traduções que ela já postou publicamente incluem algumas novelizações de “Ace Attorney” e o jogo de PSP “The Reminiscences of Haruhi Suzumiya”.

Tradutor (PT-BR)/**Kel**

Paulista, Paulistano, nascido na Av. Paulista. Se mudou do Brasil com 14 anos e vive no Texas há quase uma década. Criou seu canal de Pokémon em 2014, Dragon Master Kel, que mais tarde se fundiu com seu outro projeto de Pokémon e virou o Pokéverso, onde ele preserva e celebra coisas raras da franquia do Brasil e do mundo. Formou-se em 2023 pela Universidade do Texas em Austin em Rádio-TV-Cinema.

ポケットモンスター

POKÉMON A ANIMAÇÃO

THE ANIMATION

VOL. 1

AUTOR

TAKESHI SHUDO

ILUSTRADORA

SAYURI ICHIISHI

Índice

Prefácio: O (Antigo) Mundo dos Pokémon 1

Prólogo 8

Capítulo Um: Partida de Pijama 18

Capítulo Dois: Um Encontro Eletrizante com Pikachu 64

Capítulo Três: Spearow no Dia da Partida 98

Capítulo Quatro: Ataque do Meowth 137

Capítulo Cinco: Atravessando a Floresta 193

Capítulo Seis: Butterfree Dispara! ???

Prefácio

O (Antigo) Mundo dos Pokémon

por Kel

Alô Pokénauta! Aqui é o Kel, criador do Pokéverso. Se isso aqui fosse um filme dublado, você taria escutando minha voz agora falando *Versão Brasileira: Pokéverso*.

Ahhh *Pocket Monsters: The Animation*. Um livro lendário entre os fãs mais dedicados do anime. Se você nunca ouviu falar dele, talvez seja interessante uma introdução básica antes de você mergulhar de cabeça nessa versão do mundo Pokémon complexa, esquisita e maravilhosamente idealizada por Takeshi Shudo.

Pra quem não o conhece, Shudo foi o roteirista-chefe da Saga Original do anime de Pokémon (ou seja, as temporadas de Kanto até Johto). Ele não só escreveu vários episódios (incluindo os dois primeiros), como também os três primeiros filmes, o especial *O Retorno de Mewtwo* e dois audio-dramas focados no Mewtwo e na Equipe Rocket (que inclusive era muito querida por ele). Não só isso, mas ele também é creditado com a criação do lema da Equipe Rocket e do Lugia. O cara não era pouca coisa, não!

Pocket Monsters: The Animation, livro lançado em 1997, é uma novelização que ele escreveu explorando o começo da jornada do Ash e o mundinho que ele vive. Nele, ele não só aprofunda e expande momentos que já vimos de jeitos que os episódios não podiam com seus vinte e poucos minutos, mas também pausa regularmente pra dar contextos extras e explicar histórias e *lore* que

ele idealizou pro Mundo Pokémon e os personagens do anime e não teve tempo de explorar; seja sobre o que aconteceu com o pai do Ash, o porquê das Jenny's e Joy's todas terem o mesmo nome, de onde veio o nome de Pallet, ou a lógica por trás da maioria penal completamente maluca aos 10 anos nesse mundo (é... se prepara).

Esse mundo Pokémon também é um pouco diferente do que a gente tá acostumado hoje em dia. Não só por detalhes que vieram a contradizer o livro mais tarde, mas também é bom lembrar que esse primeiro volume foi lançado em Outubro de '97, o que significa que os únicos jogos lançados até então eram Red e Green—não dá nem pra falar Red e Blue porque nem os jogos, nem o anime seriam lançados no ocidente até Setembro de '98—e o anime mal tinha chegado no episódio 30 no Japão, com Ash ainda com meras 5 insígnias, o que quer dizer que nem o incidente do episódio do Porygon (EP038) tinha rolado ainda ou ganhado a atenção internacional que ganhou.

Isso tudo é dizendo: eram outros tempos. Pokémon como a gente conhece hoje é infinitamente mais redondinho, consistente... ah é, e só a franquia mais rentável de todos os tempos. Tem isso também. A gente sabe mais ou menos o que esperar de gerações novas; ainda que a TPC esteja se aventurando um pouco mais com Legends agora, a nossa noção não só do que é um jogo de Pokémon, mas também do que é o Universo Pokémon e as regras que governam ele são as mesmas há anos.

AGORA ESQUECE ISSO TUDO! JOGA FORA!!
CHUTA PRA LONGE!!! Volta pra '97, com relatos do Mew sendo descoberto na Guiana Sulamericana, animais de verdade fazendo ponta no anime sem mais nem menos e o máximo de mitologia que tinha era uns três canarinhos mágicos e um gato rosa pelado com um clone com um nome muito, mas *muito* criativo que vem antes dele na Pokédex sabe-se lá porquê.

Não só isso, mas tem um fato *chave* em específico que vai te fazer cair pra trás e vai ser a base pra você entender esse livro.

Sabe a primeira vez que Kanto é chamada pelo nome no anime?

No episódio 39. Da OITAVA temporada.

Ou melhor, o episódio 132 de GERAÇÃO AVANÇADA.

Ou melhor ainda, o 408º EPISÓDIO DO ANIME.

EM 2005! 8 ANOS DEPOIS DESSE LIVRO!!!

Às vezes a gente esquece, mas Kanto foi baseada na região do Japão com esse mesmo nome, e nos primeiros jogos, era *literalmente* isso mesmo que Kanto foi pensada pra ser na lore dos games: uma região do Japão. Tanto que a única menção a esse nome em Red & Green, que era no mapa na casa do seu rival, foi retirada na versão em inglês—até parece que eles iam botar fé em pivete americano sacar de geografia estrangeira, né?

Assim como no anime, Kanto só foi se consolidar como o nome oficial da primeira região MESMO lá na 3ª Geração, que foi quando a gente começou a enxergar Pokémon como um universo diferente e com história totalmente diferente da nossa do que

como, sei lá, uma história que pudesse se passar no Japão de verdade um pouco mais no futuro, talvez.

Mas em '97? Era aquilo ali, cara. Um universo que inventaram um aparelho pra catar animal radioativo no Japão, e é isso aí. Agora, outras regiões inspiradas em outras partes do Japão? Outras regiões inspiradas em outros PAÍSES?? POKÉMON MOTOCA??? Acorda aí parceiro, cê bateu a cabeça muito forte na sua TV de tubo. Liga aí teu Game Boy e bora tentar pegar esse tal de Mew aí no caminhão.

Como você vai perceber, o Mundo Pokémon de Shudo ainda é incrivelmente fundamentado no mundo real, com a Cidade de Pallet sendo localizada no Japão e vários outros lugares que o Shudo menciona sendo versões mais parecidas do nosso mundo - o Planeta Terra.

Falando um pouquinho sobre a tradução em si agora. Minha tradução não é direta do japonês! Ela é feita com a [tradução pra inglês da Amanda](#) como base principal, que aí sim eu manjo bem.

Uma coisa importante de falar é que, não desmerecendo o trabalho que ela teve, obviamente, mas a tradução dela tá longe de perfeita. Aplaudo ela pelo esforço, mas mesmo sem saber japonês, dá pra perceber só de ler, por exemplo, que tem muita coisa traduzida ao pé da letra e sem muita adaptação e formatação e tals pra um formato mais ocidental, e na minha opinião o texto não flui muito e fica massante por causa disso em algumas partes. Não só isso, mas é difícil entender a coerência do que tá rolando em várias

partes; inclusive achei traduções alternativas de alguns trechos por outras pessoas e a mensagem era completamente diferente. Então dei meu melhor pra interpretar o que o texto original tava querendo dizer ao melhor do meu alcance! É aquela coisa né, não sei japonês, não dá pra saber o quão certa é a tradução dela, tô indo na base da confiança e interpretação de tempo mesmo. E a tradução dela também é a única completa na internet (pelo menos até onde eu sei), as traduções em outras línguas que você acha por aí basicamente vêm todas dessa. Então é o que a gente tem pra trabalhar.

Eu tive a sorte de também esbarrar no livro original completo no Internet Archive enquanto traduzia o capítulo 2 e pouco tempo depois também adquiri uma cópia física, então mais ou menos a partir dali eu comecei a dar uma checada escaneando com o Google Tradutor também além da tradução da Amanda (que sim, obviamente é superior ao Google Tradutor) pra tentar compreender ainda mais o sentido por trás de cada frase pra adaptar da melhor maneira possível, o que ajudou bastante também.

Além disso, eu também chequei bastante a dublagem brasileira do anime pra deixar algumas traduções mais parecidas com as que a gente tá acostumado quando possível e também o Pokémon GO pra algumas traduções oficiais em português.

Mas enfim, por conta disso tudo, queria deixar registrado aqui que essa é uma **tradução e adaptação livre**, comigo

adaptando sem restrições algumas partes pra soarem mais naturais e menos repetitivas/pobres em português.

Eu pessoalmente também gosto de escrita mais fidedigna (descobri essa palavra agora) e informal, então escrevo do jeito que eu acho que alguém falaria sempre que possível se faz sentido no contexto (“pra / tavam” em vez de “para / estavam,” esse tipo de coisa). A coisa que mais me tira da história consumindo coisa nacional é quando os personagens abrem a boca e os caras me metem um “Oh meu Deus!” em vez de um “MANO DO CÉU!” Que que é isso? Minha apostila de português? Pelo amor de Arceus, lek. Escrita pra mim tem que refletir a fala, não o contrário.

De vez em quando vou aparecer pra comentar também (sempre em bloquinhos), tanto notas de tradução quanto pensamentos que eu tenho sobre certas partes. Imagina essa versão do livro aqui como uma versão comentada do original.

Lembrando que eu não sou tradutor profissa também, sei lá se pode essas coisas ou não no meio profissional, se criança vai aprender a escrever coisa do jeito errado, CAGUEI, PROFESSOR PASQUALE!!!! RECLAMA NO RH DO POKÉVERSO!!! Ou melhor, MANDA NO PIX!

Mentira, eu moro na gringa. A gente só tem PayPal e saúde pública precária.

BOA LEITURA! VAMO QUE VAMO!!!

Kel

@keloliveirabr / @pokeverso

Eita, quanta palavra. Foi mal. Tem algumas ilustrações, mas essa versão de Pokémon não é um jogo nem um anime, mas sim um romance.

E como tal, também tem um prólogo bem compridinho.

Prólogo

Uma certa noite, uma fraca luz brilhou na escuridão.

Pop...

Um ruído ecoou pelo ar como uma explosão. E nisso, uma certa criatura veio a existir.

Enquanto isso, em outro lugar...

Pop...

Pop...

Pop...

Mais criaturas foram surgindo, uma após a outra.

As formas e aparências das criaturas eram diversas. Dentre elas, haviam várias que pareciam-se com outras que já conhecíamos. Mas na verdade, elas eram completamente diferentes de quaisquer outros seres vivos que já habitaram este mundo.

Assim como os humanos, que evoluíram de primatas há muitos anos, cada ser nativo deste mundo também tem seus próprios ancestrais. Mas essas criaturas eram diferentes.

De repente, naquela mesma noite...

Pop...

Pop...

Pop...

Elas apareceram de uma hora pra outra, de jeitos nunca antes registrados. Os habitantes do mundo logo passaram a chamar essas criaturas de Pocket Monsters.

"Por que? Como? O que trouxe os Pocket Monsters ao nosso mundo? Explicar esse mistério é tão difícil quanto explicar o mistério das origens da humanidade."

Trecho Retirado de "Uma Introdução à Pesquisa de Monstros de Bolso," por Prof. Samuel Carvalho do Departamento de Monstros de Bolso da *Universidade de Celadon*.

Uma Explicação para Pais e Responsáveis

Quando o assunto é Pokémon, uma imagem vale mais que mil palavras. Se você quiser aprender sobre eles, interagir com um diretamente vai te ensinar muito mais do que ler cem pesquisas te ensinaria. O que quer dizer que, como diz o velho ditado, não é vergonha nenhuma desconhecer aquilo que é um mistério para todos.

Resumindo, usar palavras para explicar Pocket Monsters para uma pessoa que nunca viu um seria incrivelmente difícil. Porém, este livro é um romance, não uma enciclopédia, então a aparência dos Pokémon vai ser descrita no texto.

Essas descrições são baseadas em “criaturas reais que não são Pokémon” definidas na edição de 1997 do mundialmente famoso DIO (*Dicionário de Inglês de Oxbridge*).

Oxbridge é uma brincadeira com duas das editoras mais famosas de dicionário no mundo, Oxford e Cambridge.

Por exemplo, “um Pokémon tartaruga” pareceria uma tartaruga, que é descrita como um tipo de réptil no DIO. Ela é caracterizada como “um animal cujo corpo é coberto por um casco na frente e atrás, com uma cabeça, uma cauda e um par de braços que podem ser retraídos para dentro do casco.” Isso informa a forma que tal Pokémon tartaruga teria.

Ou então “um Pokémon sapo.” O DIO descreve um sapo como “um anfíbio com poucas características faciais. Suas larvas são chamadas girinos. Eles vivem em beiras de lugares como rios ou

pântanos. Geralmente emitem barulhos no começo do verão e hibernam durante o inverno.” Essa é a forma que tal Pokémon sapo tomaria.

Resumo da ópera: o DIO é considerado a maior autoridade mundial para definições de termos. Se diante das descrições de tartarugas, sapos e outras coisas neste romance você se deparar com um animal que você não conhece, sinta-se à vontade para procurá-lo no dicionário. Não importa a editora; a definição da maioria das palavras comuns nunca vai ser muito diferente do DIO, então não se preocupe.

É... deixa eu ver, mais ou menos uma vez por mês? Eu tenho esse sonho.

Eu vejo o universo diante dos meus olhos, com inúmeras estrelas espalhadas por todo lado... e muito além de todas as milhares delas, nasce um sol gigantesco. E nesse momento, rola um *WUSHHH* e de repente eu ouço música ecoando por todo o meu corpo.

O som parece vir de um órgão, daqueles que você encontra em igrejas estrangeiras; aquele que parece um monstro de canos de metal. E o som vai ficando cada vez mais intenso.

Esse barulho... nem minha TV, nem meu toca-fitas seriam capazes de replicá-lo. Apesar de escutá-lo em meus sonhos, é algo impossível de se gravar num CD ou numa fita. E ainda assim, o som existe.

É eletrizante; faz a atmosfera tremer, minhas bochechas arderem um pouco e até mesmo o chão e as cadeiras parecem vibrar.

Mas o problema aqui é... quer dizer, não é bem um problema... mas essa melodia é familiar, eu a ouço frequentemente... é a mesma música do jogo Pokémon, e ela me enche de energia! Quando ela toca, me dá esse sentimento de *lá vem, tá na hora, bora lá!* Tipo isso, saca?

Ops... nesse mundo silencioso da palavra escrita, é meio difícil descrever a música do meu sonho. Mas enfim, essa música toda incrível e grandiosa e cheia de *wushes* toma conta de mim conforme o sol nasce. Mas a melhor parte ainda tá por vir.

O sol nasce e algo chega voando. Algo... que eu não consigo nem descrever sem soar convencido. Mas eu já tive esse sonho inúmeras vezes, eu até perdi a conta a essa altura. Eu vou só ser direto.

Sim, é um Pocket Monster. Ou simplesmente, um

Pokémon!

É um Pokémon de chamas que cuspia um fogo escaldante: Charizard, que tinha uma potente chama queimando na ponta de sua grossa cauda. É a forma evoluída do Pokémon Lagarto, Charmander. Apesar de ambos os Pokémon serem capazes de soprar fogo, Charmander poderia ser usado como um isqueiro de cigarro, enquanto o Charizard tá num nível completamente diferente.

Voando com suas grandiosas asas fazendo *UÁÁUMMM*, as chamas que solta são quentes o suficiente para derreter pedras maiores que a estátua de bronze no centro da cidade em um instante.

O Charizard, aparentemente nascido do sol momentos atrás, cospe chamas tipo *UÓÓÓÓÓRR* enquanto voa na minha direção.

Mas não fico com medo. Não me queima. Afinal de contas, isso é um sonho. E além disso, esse Charizard... é meu Charizard. Quando é que eu conseguiria um Charizard? Não importa, o sonho é meu.

Meu Charizard sobrevoa minha cabeça e eu olho pra trás e vejo ele voando em direção a um planeta azul. O planeta azul nesse universo é, obviamente, a Terra que habitamos.

Charizard mergulha pela atmosfera e chamas envolvem seu corpo por inteiro conforme desce.

Seguindo seu trajeto, poderia pousar nos Stadzunidos, na Inglaterra ou mesmo em Parris, mas é claro, decide pousar na Cidade de Tókiu, a capital do país onde eu moro. A Torre de Tókiu e o Centro de Exibição de Harimaku ficam lá, e já que o sonho é meu, Charizard voa pra onde é conveniente pra mim.

Sobrevoando a Cidade de Tókiu, Charizard não dá uma de monstro gigante e começa a destruir tudo desgovernado. Em vez disso, ele continua em direção ao distrito de Shifuya. Seu destino fica logo depois da Estrada do Parque de Shifuya: o Estádio Nacional de Yoki. Muito provavelmente, ele tá indo pra cerimônia de abertura das Pokelimpíadas, um evento internacional que acontece a cada quatro anos.

O Tókiu Dome também é maneiro, mas uma arena descoberta onde ele pode voar pelos céus azuis é mais a praia dele.

- Os nomes dos Estados Unidos (Stadzunidos), Inglaterra (Inglaterra) e Paris (Parris) são escritos em kanji no livro em vez de katakana, como geralmente são na vida real. Por isso os nomes adaptados na tradução.
 - Curiosamente, anos mais tarde, esses três locais ganharam suas próprias versões oficiais no Mundo Pokémon: Unova, Galar e Kalos (ou Lumiose, mais especificamente)!

- A Cidade de Tókiu é escrita como トウキョウシテイ, diferente da Tóquio da vida real que é 東京. A da vida real tem as duas vogais longas, enquanto só a primeira vogal de Tóh é longa, o que altera a grafia.
- Os lugares de Tókiu mencionados também são baseados em lugares reais, incluindo a Tokyo Tower, Makuhari Exhibition Center, Shibuya, Yoyogi National Stadium e o Tokyo Dome.

O estádio se encontra completamente lotado, é claro. A torcida vê o Charizard no céu e vai à loucura.

“Charizard!”

“Charizard!!”

“Charizard!!!”

Eles clamam pelo Charizard.

Charizard aterrissa dentro do estádio, perto da plataforma da chama sagrada, e retrai suas asas. Os competidores no campo da cerimônia de abertura se curvam.

Charizard observa a plataforma da chama e sopra fogo para acendê-la. A chama acende e se expande.

É isso mesmo, o meu Charizard é o último condutor da tocha das Pokelimpíadas.

O estádio vibra com gritos da torcida que nem Dolby Digital aguentaria. Equilibrados em suas caudas enroladinhas, uma banda de Seadra toca uma fanfarra de trompetes com suas bocas de corneta.

O juramento dos competidores começa. E o orador, é claro... sou eu!

“O juramento!” grito, com todo meu fôlego. 92 *fons* são tocados. “Nós, Treinadores Pokémon, no espírito da Liga Pokémon, juramos jogar limpo...”

Eu nem sei direito se esse negócio de espírito da Liga Pokémon existe ou não, mas é só um sonho, então releva. E sendo um sonho, essa próxima parte que eu menciono logo depois do espírito da Liga Pokémon é a mais importante de todas.

“... Pokelimpíadas. Treinador Pokémon Representante... *Ash Ketchum da Cidade de Pallet!*”

Cidade de Pallet... é a minha cidade natal. Ash Ketchum... esse é o meu nome.

Assim que eu escuto esse nome, eu acordo na hora.

O que é um Treinador Pokémon? O dicionário básico do computador de Ash o define como o seguinte.

“Treinadores oficialmente licenciados pela Liga Pokémon para treinarem Pokémon para batalhas. Existem várias regras e métodos para se tornar um Treinador Pokémon, mas o método mais comum é capturar Pokémon selvagens em Poké Bolas e treiná-los para se tornarem mais fortes. Em anos recentes, a troca de Pokémon entre treinadores tornou-se um hábito popular.

Para ser considerado um Treinador Pokémon bem-sucedido, você precisa competir em competições regionais, as quais requerem desafiar Ginásios Pokémon e coletar pelo menos 8 insígnias como provas de suas vitórias para só então se qualificar.

Para aprender mais sobre treinamento Pokémon, é mais eficaz sair numa jornada com o objetivo de se tornar um Treinador Pokémon do que ler livros didáticos. Experiência é o melhor professor. Esse é o segredo para entender os Pokémon.”

Agora, a definição de Pokémon é...

“Abreviação de Pocket Monsters,” e a definição de Pocket Monsters é que eles são...

“Monstros de Bolso (e também Monstros de Bolso em Miniatura), criaturas que podem ser capturadas em cápsulas quando sua energia é esgotada. Muitas vezes pertencem a Treinadores Pokémon. Quando treinados para ficarem mais fortes, podem evoluir para uma espécie diferente de monstro de bolso, as quais vêm nas mais variadas formas e tamanhos. Podem ser treinados de vários jeitos diferentes. Para aprender mais sobre eles, é mais eficaz se tornar um Treinador Pokémon do que ler material didático. Experiência é o melhor professor. Esse é o segredo para entender os Pokémon.”

Eis um dicionário básico para você. Foi escrito de um jeito simples para fácil entendimento; o que em contrapartida, deixa as definições um pouco vagas. Para realmente entender Pokémon, talvez devêssemos seguir Ash em sua jornada para se tornar um Treinador Pokémon.

Até agora, em japonês o Ash só se referiu com o pronome “boku” em vez de “ore,” que é o que ele e outros protagonistas de anime geralmente usam.

Capítulo Um

Partida de Pijama

Eu sou o Ash, tenho 10 anos.

Eu começo colocando meu boné Pokémon na cabeça.

Eu coloco uma luva de lançamento na mão direita pra proteger meu pulso.

E aí eu começo a lançar. Mas eu não tenho Poké Bolas, então é só treinamento com ar mesmo.

Quando eu pegar um Pokémon, eu vou precisar de uma frase de efeito pra gritar.

Beleza, pose!

“Pego!”

“Peguei!”

“Te peguei!”

“Você foi pego!”

Ash inventou dúzias de poses na frente de seu espelho. Ele estava tentando decidir sua frase de efeito pra quando capturasse um Pokémon.

Que pose e frase de efeito será que mais combinam comigo? Tem tantas frases diferentes pra escolher... Mas o mais importante é que eu escolha uma que soe maneira.

Ash procurou a palavra “capturar” no dicionário do computador dele e escolheu usar o sinônimo “pegar,” já que é a palavra mais comum usada por Treinadores Pokémon.

Em japonês, a palavra escolhida por Ash é **get** (pronunciada gue-to; é daí que vem o “Pokémon, Getto Da Ze!” da primeira abertura), que é uma palavra emprestada do inglês mesmo, significando pegar/conseguir. No caso, não é um termo muito usado no dia-a-dia do falante de japonês, como é explicado logo a seguir.

O dicionário deu a seguinte definição para “pegar.”

pe•gar [get]

obsoleto (popularmente usado no passado)

etimologia: pegar [get] - palavra inglesa

Capturar, obter. Coloquialismo para apanhar. No passado, era usado para se referir a quando um homem conquistava uma mulher (tornar algo seu) e vice-versa. Até o fim do século 20, seu significado foi mudando para se referir apenas à obtenção de itens, como quando você os compra. Hoje em dia, não é mais parte do vernáculo popular. Uma exceção a essa regra é o uso entre Treinadores de Pocket Monster (Pokémon), onde continua em circulação para se referir à captura de Pokémon.

Exemplo 1: “Peguei um Krabby! (Krabby é uma espécie de Pokémon caranguejo de rio)” ou “Peguei um Magikarp! (Magikarp é um Pokémon peixe predominantemente feito de ossos e escamas).”

Por um lado, capturar Pokémon comuns pode parecer perda de tempo.

Exemplo 2: “Quase peguei o Mew! (Mew é um Pokémon lendário cuja existência ainda não foi confirmada).”

Por outro lado, capturar um Pokémon cuja existência não foi confirmada? Seria de uma sorte inacreditável. E é, portanto,

considerada uma operação perigosa (de alto risco). É algo que requer grande esforço.

Ash não sabia dos significados antigos de “pegar.” Mas o uso de “pegar” no ramo de Pokémon é de conhecimento geral. Uma palavra tão comum entre Treinadores Pokémon quanto “bom dia” é dito em show business não importa a hora do dia. Até mesmo entre crianças brincando de Pokémon, você ouve elas dizendo “Vôti pegá” ou “Tipeguei.”

Ash não era mais criancinha, mas será que ele poderia usar a variante que as crianças usam quando brincam? Ele considerou por um segundo.

Mas é aquilo, seria meio impróprio falar errado desse jeito. A conclusão dele foi de que... talvez seja melhor só usar a palavra que ele já é acostumado? O que significa que, no fim, ele ficou com “peguei” mesmo.

Porém, mesmo que ele esteja acostumado a usar a palavra, usar ela no mundo real é outra coisa. Pode até ser uma palavra que todo mundo usa, mas ele queria uma pose maneira exclusiva pra quando ele falasse “peguei.” Então ele passou os últimos dez dias pensando, *Acho que não, não é maneiro o suficiente*, enquanto estava poses.

Sempre que tinha tempo, ele ficava se olhando no espelho. E assim continuou até a noite antes de sua partida.

Esse país lembra muito o Japão do século 20, mas existem várias diferenças. Permita-me explicar algumas delas.

Japão (Nippon) é escrito em katakana aqui em vez de kanji, o que é meio incomum, mas não *tão* inédito assim, então ficou com o nome normal mesmo na tradução, ao contrário dos outros países mencionados no Prólogo.

Por exemplo, a educação obrigatória termina na escola primária, com dez anos, e os alunos são livres para continuar para o Fundamental II se quiserem, ou não.

Quando crianças completam o Fundamental I com 10 anos, elas já são consideradas adultas legalmente.

Essa faceta é mais parecida com a Inglaterra — digo, *EN*glaterra — do que com o Japão do século 20. Essa é a “Lei que Todos os Formados da Escola Primária são Adultos.” Ou simplesmente LMFP (Lei da Maioridade de Formados do Primário).

O narrador inicialmente fala o nome da Inglaterra aqui em katakana antes de se “corrigir,” quebrando um pouco a quarta parede.

Basicamente, a partir de Abril logo após o seu décimo aniversário, você pode tirar uma Licença Pokémon e carregar Poké Bolas para capturar Pokémon. Mas é claro, ser legalmente um adulto não se resume apenas a poder ter Pokémon.

Todos os direitos de adulto se aplicam, com menores de 18 não sendo mais considerados menores de idade sob nenhuma

circunstância. Por exemplo, se você for pego roubando uma loja de conveniência, as consequências seriam mais severas do que só o dono da loja ficar bravo com você; você seria preso. E não importa o quanto seus pais tentem se desculpar por você, você ainda é um adulto e culpado.

O ponto mais importante dessa lei é... depois de terminar a escola primária, você faz o que quiser da vida. Você pode continuar seus estudos ou assumir os negócios da família.

Naturalmente, você também pode procurar por um trabalho que você queira. Se quisessem, um menino e uma menina de onze anos poderiam até se casar sem o consentimento dos pais. Você é considerado um adulto até para coisas como multas de trânsito e pagamento de impostos, como qualquer outro adulto.

Calma lá, Shudo. Que Arceus guie e proteja essas crianças.

Agora, sobre a cidade natal de Ash, a Cidade de Pallet...

A Cidade de Pallet é uma cidadezinha rural. Apesar de serem adultos legais, quase não existem oportunidades profissionais para formados do primário por lá. E devido à falta de vagas de trabalho, é uma cidade em que a maioria das crianças decidem se tornar Treinadores Pokémon.

E de fato, a maioria dos que precederam Ash deixaram a Cidade de Pallet para se tornarem Treinadores Pokémon. Mas infelizmente, nunca nenhum treinador da Cidade de Pallet entrou no top 10 nacional dos rankings diários dos jornais ou da televisão.

Felizmente, a famosa revista infantil *Quadrinhos Pokémon*, que conta com uma incrível audiência de cinco milhões de leitores, assim como a revista voltada para adultos *Treinador Pokémon Mensal* e sua publicação rival *Parceiros Pokémon* (comumente apelidada de *PokéParças*) sempre têm listas mensais dos 10.000 Melhores Treinadores. Se você olhar bem no fim dessas listas, talvez encontre alguns treinadores de Pallet.

Quando isso acontece, os treinadores ganham destaque com uma foto bem grande na primeira página do jornal local, o *Jornal Semanal da Cidade de Pallet*, e viram heróis locais. Todos na cidade fazem uma grande festa. O único mercado da cidade celebra com uma grande liquidação. Do lado de fora das casas de suas famílias, telegramas de parabenizações e buquês e mais buquês alinhados, como as decorações florais na frente de uma loja de pachinko.



À esquerda, o exterior de uma loja de pachinko em Shibuya, Tóquio, e à direita, uma máquina de pachinko.

Pachinko é um jogo de azar, que é meio que uma fusão de um pinball e um caça-níquel. É tradição no Japão ter flores decorando a entrada de lojas de pachinko

A seguir, uma velha história de mais de 100 anos atrás.

Um homem da cidade chamado Pallet Carvalho ficou em 931º lugar no ranking nacional de treinadores. Foi a primeira vez que alguém da cidade tinha ficado entre os Top 1.000. Pallet Carvalho foi mais que um herói local, ele foi praticamente venerado como um deus. Em meio à sua felicidade, o povo da cidade ergueu uma estátua de bronze dele no meio da cidade e mudou o nome da cidade para Cidade de Pallet.

Até ali, ela era conhecida como Cidade de Purity. Naturalmente, o novo nome da cidade foi decidido por votação popular. E além disso, Pallet Carvalho foi eleito o novo prefeito da cidade.

Em japonês, o nome original da cidade era **Masshiro** (branco puro), enquanto **Pallet** (paleta, combinando com as outras cidades de Kanto que todas têm nome de cor) atualmente se chama **Masara** (nova em folha). Tem uma similaridade sonora entre os dois nomes no original, então a Amanda teve a ideia de manter essa sonoridade na tradução também juntamente com o significado original de branco puro, e traduziu pra **Purity Town**.

Desde então, a família Carvalho passou a ser reverenciada na Cidade de Pallet e teve gerações seguidas de prefeitos.

Por acaso, o famoso pesquisador Pokémon Professor Samuel Carvalho é tataraneto de Pallet Carvalho (o bisneto do filho dele... ou ainda neto do neto) e é o mais novo de três irmãos na

família Carvalho. O mais velho é o atual prefeito da Cidade de Pallet, enquanto o do meio é dono do correio da cidade.

Enfim, pra ficar famoso nessa cidade, sua melhor aposta é se tornar um Treinador Pokémon. Crianças da Cidade de Pallet sonham em um dia superar o ranking de Pallet Carvalho (ou seja, 931º lugar) e ter o nome da cidade trocado em homenagem à elas.

Isso inclui eu mesmo. Eu vou mudar o nome dessa cidade pra Cidade de Ash e me tornar o cara mais maneiro de todos!

Ash ainda posava na frente do espelho.

“Peguei!”

“Te peguei!”

“Eu peguei?”

...as coisas não andavam muito bem.

“Tô interrompendo a sessão de fotos do galã?” uma voz sonolenta exclamou atrás dele.

“É pra bater antes de entrar!” respondeu Ash, virando-se.

Toc toc. A pessoa que falou bateu na porta do quarto de Ash, que já se encontrava completamente aberta. Era sua mãe, Delia, de pijama no batente da porta.

“É sua mama de pijama. O que é que manda, sacana? Ih olha, sou poeta e nem sabia.”

Essa fala é sensacional em japonês. パジャマのままのママだよ。おじやま？ (Pajama no mama no mamada yo. Ojama?)

Esse é o tipo de coisa que uma mãe normal diria?, pensava Ash de vez em quando.

Além disso, quando não está de pijama, ela geralmente usa uma mini-saia.

Vamos parar por um segundo, apesar de já estarmos levando um bom tempo, e falar sobre a mãe do Ash.

Que? Você não quer ler sobre pais chatos num livro de Pokémon? Você só quer seguir com a história do Ash?

Eu entendo seu lado, mas pensa assim: não muito tempo atrás, quando eles tinham a sua idade, a mãe de todo mundo já foi uma criança que amava desenhos e jogos assim como você. Eles nem sempre foram pais irritantes que te mandam estudar toda hora.

Então para de reclamar e sossega aí. Além disso, é capaz de você descobrir alguma coisa importante sobre o Ash aprendendo sobre a mãe dele. De várias maneiras, a mãe do Ash pode ser parecida com a sua, mas também podem haver diferenças notáveis.

O nome da mãe do Ash é Delia.

Olhando pra Delia, que ainda não chegou nos 30, você não diria que ela é mãe do Ash. Se Ash apresentasse ela pra alguém dizendo “Essa é minha mãe, ela vai fazer 30 logo logo,” eles provavelmente ficariam abismados e iriam balançar a cabeça em negação. Então eles soltariam uma risadinha pensando que ele estava brincando e responderiam “a Delia não pode ter mais de 20 e

pouco.” E bom, a Delia realmente não parecia nem um pouco mais velha do que quando ela tinha 20 e pouco.

Ah sim, revelar a idade da sua mãe quando apresenta ela pra alguém. Ótima ideia, vai nessa.

Mesmo com Ash preferindo que ela fosse mais como outras mulheres mais velhas, se desconhecidos vissem os dois juntos diriam que são irmãos.

Apesar de Ash não notar por estar com ela o tempo todo, a maioria das pessoas acharia ela muito bonita. E de fato, quando ela tinha 17 ela apareceu na capa da edição de ano novo do *PokéParças* junto com um Pokémon flor conhecido como Bellsprout. Foi o evento mais relevante da Cidade de Pallet desde que Pallet Carvalho ficou em 931º lugar no ranking de treinadores.

Ash nasceu aproximadamente dois anos depois, mas ela nunca contou pra ele sobre a aparição dela nessa edição especial de *Parceiros Pokémon* porque ela diz que “aiii, eu era muito imatura~!”

Depois que sua mãe faleceu, Delia assumiu o negócio da família, que é o único restaurante na cidade com uma pousada no segundo andar: o **Casa de Pallet**, o qual Delia administra completamente por conta própria.

O pai do Ash não era mais parte da vida deles. Ele era um Treinador Pokémon que deixou a cidade logo que o Ash nasceu e nunca mais voltou.

Falando nisso, o pai de Delia... ou seja, o avô do Ash, também era um Treinador Pokémon, e ele também saiu de casa quando Delia era pequena e nunca mais voltou.

Mas chega de Delia por enquanto, vamos voltar pra história do Ash.

Que situação...

Ash ficou envergonhado de sua mãe ter lhe visto praticando suas poses de pegar Pokémon e respondeu com a testa enrugada.

“Mas então... minha mama de pijama quer alguma coisa comigo?”

Em japonês, essa é a primeira vez que Ash refere a si mesmo pelo pronome “ore,” tendo usado “boku” desde o começo do Prólogo até agora.

Quando usa o computador ou tenta dar uma de bonzão, Ash refere a si mesmo pelo pronome “boku,” mas em geral ele sempre usa “ore.”

“Sua mama de pijama não quer drama não, meu garotinho. Que que cê tá fazendo acordado?”

“Não me chama de garotinho”, retruca Ash.

“Uuuu, se você não é um garotinho, o que você é?”

A relação dos dois era mais de amigos do que mãe e filho.

“Eu vou virar Treinador Pokémon amanhã, o que quer dizer que eu sou um adulto.”

Delia bateu a mão na testa.

“É verdade! Falei errado. Enfim, ô Seu Adulto... o senhor sabe que horas são?”

Delia apontou pro despertador na mesa do Ash.

Delia deu aquele despertador pro Ash de presente de décimo aniversário.

Tinha o formato de um Voltorb, um Pokémon bola; um relógio feito pra viagem. Ele abria em duas metades pra mostrar a hora do lado de dentro.

Quando soa o alarme, ele começa a fazer *ririri*. Aí se você não acordar, *biriri*. E finalmente *KABUM!*, um som de explosão.

Produtos temáticos de Pokémon são bem populares. Eles não são caros, mas sempre vendem que nem água, o que faz com que conseguir eles na Cidade de Pallet, onde Ash mora, seja bem difícil.

Até os scalpers de TCG o cara previu. Não tem como, Shudo GÊNIO.

Pra conseguir comprar esse relógio, Delia tirou folga de seu trabalho pesado por três dias e foi até a loja de departamentos da grande metrópole que é a Cidade de Celadon e ficou cinco horas na fila pra conseguir comprar.

Naturalmente, ela também comprou umas roupinhas e sapatos pra ela a preço de banana na loja de departamentos, mas ela só aproveitou que já tava lá mesmo, é claro.

Pra Delia, aquele despertador de Voltorb significava mais que só um presente de aniversário pro filho dela. Era um

testamento de amor de mãe pro Ash carregar com ele em sua jornada, com seu décimo aniversário sendo só uma oportunidade que ela achou de dar o presente pra ele.

“Xô ver...”

Ash abriu seu despertador de Voltorb e checkou a hora.

“Eita, já é 1 da manhã.”

Delia deu de ombros.

“Isso mesmo. 1 da manhã é hora de adulto... mas não é hora pra adultos novos de dez anos tarem acordados.”

“Mas amanhã eu já me mando.”

“Amanhã, não. É 1 da manhã. Já é hoje.”

“... Eu não consigo dormir.”

Delia afofou o travesseiro de Ash enquanto respondia.

“Eu te entendo. Todo mundo da cidade vira Treinador Pokémon quando faz dez anos. Seu pai, seu avô... e agora você.”

Quando mencionou o pai e o avô, ela usou o travesseiro como saco de pancadas.

“O papai e o vovô, né...”

Ash lembrou de algo de quando ele tinha cinco anos.



Era o dia em que ele ganhou seu primeiro computador.

Ele encarava seu PC de última geração enquanto Delia falava.

“Ô filho, xô te falar... Seu pai e seu avô são Treinadores Pokémon incríveis, certo?”

É claro, Ash sempre tinha achado isso.

“Ô mãe. Eu queria saber. Como é que é o papai? E o vovô, como ele era?”

Essa é a resposta que Delia decidiu dar pro pequeno Ash.

“Seu pai e seu avô são treinadores *surreais* que poderiam derrotar até o Pallet Carvalho...”

“Surreais?”

Era uma palavra que ele nunca tinha ouvido.

“Fora da realidade... super reais.”

“Então eles são tipo... super dahoras?”

“Claro, por que não?”

Mas no dia em que ele ganhou seu computador, as ilusões que ele tinha sobre seu pai e seu avô foram quebradas completamente. Ocorreu o seguinte...

Delia baixou a cabeça enquanto falava com o pequeno Ash.

“Desculpa. Eu menti pra você...” disse Delia a Ash, que se encontrava boquiaberto.

“Mentiu...?”

“Treinadores surreais. Surrealismo é super realístico, super realístico significa ser afastado da realidade. Em outras palavras, é tudo bobagem. Me dá um tempo!”

Era Ash que precisava de um tempo.

Delia perguntou o seguinte.

“Quando você começar a usar o computador, você vai ir online...”

“Aham” afirmou Ash com a cabeça.

“É claro, você tem acesso a páginas sobre Pokémon, e talvez você queira saber mais sobre seu pai e seu avô.”

“É, isso aí.”

“Mas é capaz de você não achar nada.”

“Por que não?”

“Porque eu te disse um monte de mentiras...”

“Ah...?”

“Não é mentira que o papai e o vovô tentaram se tornar Treinadores Pokémon, essa parte é verdade. De fato eles saíram numa jornada...”

“Aham.”

“Mas dizer que eles foram bem-sucedidos como treinadores...”

“Aham.”

“Seria mentira, provavelmente.”

“Mentira?”

“Você nunca viu seu pai ou seu avô entrarem nas listas de top 10.000 de nenhuma revista.”

“É, não mesmo.”

“Mas você nunca ligou pra isso porque o top 10.000 é composto só por participantes que competem nos torneios anuais

da liga. E liga é coisa fichinha pra Mestres Pokémon de verdade...
Tem muito incrível que nunca aparece na lista.”

“Aham.”

“Mas se você procurar na internet, eu não vou saber o que te dizer.”

“Internet?”

“É. Na internet, você consegue achar uma lista da *Associação Mundial de Treinadores Pokémon* facinho. Se você é registrado oficialmente, seu nome tá na lista. Eu ouço que tem mais de um bilhão de nomes lá, incluindo treinadores falecidos”

“Tem uma lista?... Eu não sabia.”

“Tem. E com um computador, até com um bilhão de nomes seria fácil procurar pelo papai e o vovô na lista. E é por isso que antes de você tentar procurar por eles, eu quero te dizer que... o papai e o vovô não tão na lista.”

“Por que não?”

“Porque o papai e o vovô ainda não são licenciados. Ou seja, eles não são considerados treinadores oficiais ainda.”

“Hmm.”

Um longo silêncio se estendeu entre Delia e Ash.

“Que que eles tão fazendo agora? O papai e o vovô.”

Delia deu de ombros.

“Nem ideia. Eles saíram pra virarem treinadores, mas os nomes deles nunca foram pra lista. É muito esforço em vão.”

“Muito esforço em vão...” repetiu Ash.

Delia não gosta de deixar o ambiente pra baixo, e por isso tornou a falar.

“Mas não significa que seu esforço é em vão, Ash. Então não liga pro seu pai ou pro seu vô, tá bom? Você virar treinador ou não depende de você e de mais ninguém.”

“Que porcaria!”

“Porcaria mesmo. Um monte de porcaria!”

Delia sorriu. Ela estava aliviada que Ash não ficou tão chocado com a revelação.

Os sentimentos do Ash eram só o que ele disse... “Que porcaria!”

Talvez se ele tivesse os conhecido significaria alguma coisa, mas ele só tinha visto o pai e o avô por fotos. Nenhum deles importava pro Ash de 5 anos. O sucesso ou não de seu pai e seu avô como treinadores não teve impacto algum nos sentimentos dele sobre querer se tornar um Treinador Pokémon. Porém, se ele tivesse descoberto pela internet, ou mesmo quando fosse um pouco mais velho, poderia ter sido um choque.

Refletindo sobre isso mais tarde, carregar a pressão do fracasso de seu pai e de seu avô com ele era como um tipo esquisito de motivação.

Por exemplo, tinha esse menino chamado Gary.

Gary Carvalho tinha a mesma idade de Ash. Ele era o neto do pesquisador Pokémon Professor Carvalho, que era o neto do neto de Pallet Carvalho, o qual tinha uma estátua no centro da cidade.

Ele era um babaca egocêntrico que se achava melhor que todo mundo só por ser parte da família Carvalho. O sangue era a única coisa que ele tinha pra se gabar e mesmo assim se achava o máximo.

Já que o irmão de seu avô era o prefeito, ele não foi pra escola primária na cidade, ele se matriculou de propósito em uma escola na cidade ao lado. Todo dia eram duas horas pra ele ir e voltar pra Cidade de Pallet.

Apesar de não especificada, a cidade ao lado de Pallet seria, no caso, Viridian, que realmente tem uma escola nos jogos: a **Pokémon Academy**.

Deve ser difícil ter que carregar o peso dos seus antecedentes nas costas, pensava Ash de vez em quando sobre Gary. Por outro lado, com um pai e avô que eram fracassos completos, é bem possível que Gary também achava Ash digno de dó.

“Eu não vou acabar que nem o pai ou o vovô.”

Ash posou com seu punho no ar diante de Delia.

“Bom, não tem como você saber...”

Delia se arrependeu de ter dito aquilo e tentou descontraír.

“Mas você já superou eles no estilo.”

“Áh? No estilo?”

“É, seu negócio todo de pegar lá.”

Delia imitou as poses que Ash estava praticando de forma exagerada.

“Peguei, peguei, pegueeeeei, lalalá-lalá-lá!”

Ash revirou os olhos.

“Você não entende o quão maneiro que eu sou.”

“Pera, você acha aquilo maneiro *mesmo*?” perguntou Delia.

“...” Ash não tinha resposta pra aquilo.

“É lógico. Você é tão estiloso... mas não tem porquê ficar inventando coisa antes mesmo de pegar um Pokémon.”

“Não é da sua conta, mãe.”

“É sim.”

“Como?”

“Eu não quero o povo pensando que eu sou mãe de um treinador careta.”

“Você sempre usa a desculpa de mãe.”

“Claro. Eu não sou sua mãe? E de qualquer forma, pessoas que precisam de poses estilosas pra dizer que são legais têm muito que aprender ainda. Você não vai entender o prazer, a felicidade de pegar um Pokémon até você pegar um. E enfim, a reação que você tiver quando se sentir realizado vai ser natural. Esse é o estilo que vai combinar mais com você... não dá pra saber qual é até pegar seu próprio Pokémon. Além disso, têm coisas mais importantes que você deveria estar decidindo.”

“Áh?”

Delia devolveu o travesseiro pra cama e clicou no botão de TV do monitor na mesa.

“Aí, você assiste isso aí toda hora, não assiste?”

Um vídeo de uma palestra introdutória sobre Pokémon começa a tocar. De tanto ver, ele já sabia tudo de cor. Ash achou que não tinha mais nada pra aprender com o vídeo.

“Já cansei desse vídeo.”

“É mesmo?... Então talvez eu aprenda algo.”

O vídeo explicava que depois de uma semana sem tomar banho seu cabelo ficaria cheio de caspa, mostrava a barba que você teria depois de dez dias sem raspar, o quão sujas as suas roupas ficariam depois de serem usadas por um mês inteiro... o vídeo era apresentado por um sujeito que provavelmente tinha uns 50 anos de experiência de vida.

Além de Pallet Carvalho, que tinha uma estátua na cidade, a segunda pessoa mais famosa era o Professor Carvalho.

“Como sabem, a *Associação Nacional de Pokémon* é capaz de prover um único Pokémon para formados da escola primária que querem se tornar Treinadores Pokémon. Há muitos Pokémon ideias para iniciantes, porém para Treinadores Pokémon começando suas carreiras, eu pessoalmente recomendaria um desses três...”

“Nossa, mesmo que seja o Professor Carvalho dizendo... você não quer ver?” perguntou Delia a Ash.

“De boa. Eu conheço todos os três.”

Ash começou a listá-los.

“Bulbasauro, um Pokémon que parece um sapo e que tem um bulbo nas costas desde o nascimento... Fácil de criar, e portanto perfeito pra iniciantes.”

“Tendi”, concordou Delia com a cabeça.

“Aí tem o Squirtle, que é tipo uma tartaruga que esguicha água pela boca... É meio difícil de lidar no começo, mas é melhor a longo prazo.”

“Saqueei, saqueei.”

“O último é o Charmander. Ele tem uma chama na cauda desde que nasce. É um Pokémon meio dinossauro que anda em duas patas... É recomendado pra pessoas que gostam de desafios.”

“Você tá sabendo mesmo. Mas então, já decidiu... seu novo queridinho?”

“Que?”

“Seu primeiro Pokémon.”

“Ah...”

Ash ainda não tinha decidido. Se encontrava completamente perdido pensando em qual dos três seria a melhor escolha pra ele.

“Não adianta esconder, me conta~”

Ele andava praticando sua pose de pegar Pokémon sem nem decidir qual seu primeiro Pokémon seria. Grande porcaria. Porcaria total...

Ele não podia admitir aquilo pra Delia.

“Não vou falar. Segredo do ofício.”

“Tendi. Seria uma pena se alguma outra criança pegasse o Pokémon que você queria antes de você.”

Delia casualmente aumentou o volume do vídeo.

O Professor Carvalho ia virando a imagem dos Pokémon conforme ia descrevendo cada um.

“Devido ao aumento de candidatos a Treinador Pokémon nos últimos anos, eu só tenho um de cada Pokémon prontos pra serem levados no meu laboratório. Se você quiser um deles, certifique-se de chegar cedo no dia marcado. Vou começar a distribuí-los assim que amanhecer.”

“Você ouviu o que o Professor falou?”

“Sim, eu sei.”

“Eu não vou te acordar de manhã.”

Delia sempre saía de casa de manhã quando ainda estava escuro, antes do Ash acordar. Ela tinha que ir ao mercado na cidade ao lado pra comprar ingredientes pro restaurante.

“Relaxa, eu tô preparado.”

Ash colocou seu despertador de Voltorb no criado-mudo.

“Programei pra bem de manhãzinha.”

“Então vai dormir logo. Ah, e não esquece de botar seu pijama.”

Ela puxou o pijama dele do cesto e deu pra ele. Ash concordou com a cabeça quando pegou.

“Eu sei.”

“Bom, contanto que você saiba...”

Delia olhou em volta pro quarto do Ash. Tava arrumado demais. Não ficava arrumado assim nem depois das faxinas gerais. Ash realmente estava partindo...

Esse quarto... Ash tinha dormido aqui todas as noites pelos últimos dez anos desde que era um bebê, mas amanhã ele se iria.

Demoraria um bom tempo pra ele voltar pra lá. Se fosse que nem o pai, talvez nunca acontecesse.

A ficha começou a cair. Mas Delia odiava despedidas chorosas.

Quando se cortava, machucava ou mesmo tinha uma farpinha presa no dedo, Delia fazia um escândalo e chorava que nem bebê. Mas desde que o pai do Ash os deixou, ela nunca deixou escorrer uma lágrima de despedida sequer na frente de alguém.

“Vai dormir logo...” repetiu Delia mais uma vez antes de fechar a porta.

Delia secou as lágrimas nos olhos e as secou em seu ombro.

Lágrimas... Eu ainda sou tão nova, mas já sou mãe de um pleno adulto desses na minha idade... Como mãe dele, eu tive que ser forte por ele... Eu lembro de todos os últimos dez anos com o Ash, os dez anos, dez meses e dez dias... Todas as dificuldades... As vezes que doía demais seguir... Ser mãe não foi fácil de maneira alguma... mas não me arrependo por um segundo.

No Japão, 10 meses e 10 dias é ditado popular pra quanto tempo dura uma gestação de um bebê. Por muito tempo essa fala foi levada ao pé da letra e fãs concluíram que o Ash tinha 10 anos, 10 meses e 10 dias quando começou sua jornada no dia 1 de Abril (dia da estreia do episódio 1), o que colocava o aniversário dele em 22 de Maio, o que não é o caso. **O aniversário dele mesmo é 1 de Abril mesmo! =)**

Foi assim que Delia se sentiu no dia que seu filho saiu de casa.

Daqui até a próxima lacuna, a gente vai falar mais um pouco da Delia. Pode ser que demore um pouco, então se você não liga pros sentimentos da mãe do Ash, sinta-se à vontade pra pular essa parte. Mas se você perseverar e continuar lendo aqui, você pode ser recompensado. Pode se conectar com o que Ash vai fazer daqui pra frente.

Você sabe o que sua mãe pensa enquanto você tá brincando do lado de fora ou jogando videogame? E isso é fato. Muitas delas tão pensando “Que droga.” E não é porque você tá brincando em vez de estudar; é porque elas querem brincar também, mas não podem.

Quando você gasta sua mesada com videogame, elas pensam “Sortudo,” porque com o dinheiro que você gasta elas não podem mais comprar sapatos ou roupas novas pra elas.

Quando ela faz sua janta, elas tão pensando “Eu não quero fazer isso.” Elas prefeririam mil vezes ir em um restaurante e deixar um mestre-cuca preparar uma comidinha caprichada pra elas. E no restaurante, não precisa tirar a mesa quando acaba.

Todo dia sua mãe pensa “Que droga,” “Sortudo” e “Eu não quero fazer isso” quando fazem deveres de mãe, que incluem te criar, te ajudar a ir bem na escola... é trabalho duro. Pode ser interessante observar sua mãe pelo ponto de vista dela.

A linha tênue entre admiração e misoginia do narrador é maluquice. Fã ou hater?

Enfim, no caso da Delia... ele não considerava ser mãe um fardo.

É claro, nunca foi fácil... mas ainda assim, ela sempre sentia a necessidade de falar “Brigada, meu lindo” pro Ash de vez em quando.

Cuidar de um bebê é comparável a cuidar de um Pokémon em termos de esforço, mas Delia achou que pelo menos era melhor do que ficar sozinha depois do marido ter saído de casa.

Pelo menos um bebê te dá mais emoções que um bichinho virtual, se morrer não dá pra dar reset.

...

Falei demais?

Ele ficou rebelde pela primeira vez com 3 anos.

“Ash... você tá armando pra mim...”

Ela sentiu intensamente o Ash por perto.

“Ter um filho rebelde desses me faz a beldadezinha mais triste do mundo... *Sniff, sniff. Uáááá, uáááá*” e começava a chorar.

Normalmente na idade dela, garotas podiam sair e se divertir, e não tinham que trabalhar sendo mães solteiras, ela realmente se sentia infeliz por um lado. Ela começou só fingindo chorar, mas pensando na situação de vida dela, as lágrimas viraram reais.

Ash ficou perplexo com o choro dela e parou de fazer bagunça. “Que foi, mamãe? Cê tá bem?”

Isso era tudo que ele podia fazer pra confortar ela.

Quando valentões mexiam com o Ash no prézinho e na escola, ele falava pros professores ou pro pai deles fazerem eles pararem. Ou melhor, se o pai do valentão não fizesse nada, ele se certificava que o professor fizesse.

O restaurante da Delia era o único da Cidade de Pallet. Pra homens solteiros ou homens que tinham brigado com a esposa e queriam comer, as únicas opções eram o restaurante da Delia ou comprar um bentô na única loja de conveniência da cidade.

Bentô é uma marmitinha japonesa clássica. E aprender a cozinhar que é bom, nada, né?

A comida da Delia é tão boa que recebeu destaque no livro *Regiões Inexploradas: As Melhores Comidas de Cidades Pequenas*. Porém, se você brigasse com a Delia, a comida dela ficava intragável rapidinho.

E também, com a Delia sendo uma beldade que apareceu numa capa de *Parceiros Pokémon...* nenhum homem de Pallet merecia ela.

“Crianças precisam de uma mãe e de um pai! Especialmente de um pai! Você não pode subestimar a importância de um pai! Um pai não pode só trabalhar o tempo todo, ele precisa passar tempo em casa!” Delia reclamaria pros pais dos valentões.

Os pais calavam a boca e escutavam. Em troca... se é que você pode chamar de troca... Delia ouviria os problemas deles com as esposas.

Até o Ash fazer dez anos, Delia já tinha rejeitado mais de 100 caras. Tiveram alguns rumores de rolos dela com homens, mas nenhum era verdade. Na verdade, ela nunca nem tinha se divorciado do pai ausente do Ash.

Por conta disso, as mães da cidade nunca reclamavam dos maridos irem pro Casa de Pallet depois do trabalho. Inclusive, quando eles chegavam tarde em casa e diziam que tavam no Casa de Pallet, elas ficavam aliviadas. Conversar com a Delia inspirava os pais da Cidade de Pallet a dar o melhor deles em casa e com as crianças.

Isso ajudava a melhorar o humor das mães da cidade. E com os dois pais de bom humor, as crianças ficavam de bom humor também.

É difícil dizer se esse tipo de coisa afetaria o mundo numa escala maior, mas pelo menos numa escolinha na Cidade de Pallet, o bullying com o Ash acabou.

Sem sofrer bullying, ele amava brincar e aprontar. Ela dava um corte nele quando aprontava demais, mas Delia nunca o forçou a focar nos estudos.

Mas de vez em quando ela murmurava.

“E seu pai e seu avô tão por aí tentando a vida de Treinador Pokémon... Queria eu...”

Ela só falava isso baixinho e de vez em quando, mas ao longo de dez anos, foi o suficiente pra chegar nos ouvidos do Ash.

É natural que Ash sonhasse em ser Treinador Pokémon. Os murmúrios de Delia nunca eram por ligar pro pai ou o avô do Ash; ela amava Pokémon e queria ter se tornado Treinadora também.

Se ela não tivesse tido que assumir o Casa de Pallet por ser a única filha da família, Delia teria ignorado as oposições da mãe e saído de casa pra virar Treinadora Pokémon quando fez dez anos, assim como Ash.

Dizem que quando você quer se tornar Treinador Pokémon, quanto mais cedo melhor. Mas não é tarde pra eu começar como adolescente. Se tiver alguém pra assumir o Casa de Pallet, eu vou deixar tudo com essa pessoa e deixar a cidade.

Ela não tinha desistido ainda.

Porém, quando ela tinha 18 e sua mãe ainda estava viva...

Um dia um jovem que queria ser Treinador Pokémon se hospedou no Casa de Pallet, e eu me apaixonei à primeira vista. Foi tudo muito rápido e intenso e, num piscar de olhos, a gente tava casado.

E em outro piscar de olhos, o jovem deixou a cidade pra nunca mais retornar.

E em mais um piscar de olhos, sua mãe adoeceu e faleceu, deixando ela apenas com o Casa de Pallet e um Ash recém-nascido.

Se você me perguntasse se eu ainda amo aquele jovem, Seu Ketchum... minha resposta seria um “Não” curto e grosso.

Depois de deixar uma mulher como Delia sozinha por mais de dez anos, se ele voltasse agora ela só o ignoraria e acabou. É uma situação absurda demais pra ficar brava.

Até o dia em que Ash sairia de casa numa jornada pra se tornar Treinador Pokémon, ela tinha segurado as pontas sozinha.

É natural, pensou Delia.

Ash era seu filho querido e ela tomaria conta dele até o dia em que ele partisse. Era sua responsabilidade. Delia tinha decidido continuar a dar o seu melhor por conta própria por todo esse tempo, mas na manhã seguinte, ele finalmente estaria partindo.

Ela estava triste com o Ash saindo de casa, mas também animada, por outro lado.

Quando amanhecer, vou estar livre. Ainda tô nos meus vinte... É meio tarde pra se tornar Treinadora Pokémon, mas tem muita coisa que eu posso fazer.

Delia brevemente reconsiderou todos os caras que ela tinha rejeitado...

Hahahahaha... Mas nem ferrando.

Delia se sentia uma aluna prestes a entrar de férias sem lição de casa nenhuma.

Então recuperou os sentidos.

Ash não partia até de manhã. Até lá, ela ainda precisava ser mãe dele.

Delia concordou com si mesma e disse “Isso aí.”

Ash não conseguia dormir.

Ele já tava de pijama. As luzes já tavam apagadas e ele enrolado nas cobertas.

Ele tinha desistido de escolher uma pose de captura. Porém, ele não conseguia decidir qual dos três Pokémon recomendados ele deveria escolher no Laboratório Carvalho da Cidade de Pallet.

Bulbasauo...?

Squirtle...?

Charmander...?

Ele não sabia qual escolher. Quanto tempo faltava?

Conforme Ash foi apagando, ele ouviu um som distante, vindo de algum lugar de fora de sua janela...

“Dooo... Dooo... Dooooooo... Do-dodo-dodo”

Era um Dodrio soltando um trio de cantos pra declarar que a manhã tinha chegado. Dodrio é um Pokémon pássaro triplo, que é tipo um avestruz de três cabeças.

Ainda era escuro lá fora. Mas hoje, o canto do Dodrio foi como uma canção de ninar pro Ash.

Até em seus sonhos, Ash estava indeciso.

“Bulbasauo, Squirtle, Charmander... Qual que eu escolho?”

Mas ele tinha que escolher um alguma hora.

“Beleza, Bulbasauo, eu escolho você!”

Ash tacou uma Poké Bola no sonho dele. Um Bulbasauo saiu da bola fazendo *“Saauur”*... ou pelo menos devia ter feito.

O que saiu em vez disso foi um Squirtle dizendo
“*Squirtsquirt.*”

“Que? Você não é o Bulbasauo.”

Mas então Ash mudou de ideia.

“Um Squirtle é legal também... Squirtle, fico feliz que seja você. Squirtle, eu escolho você!”

Mas no momento que ele decidiu, Squirtle foi coberto por fumaça e virou um Charmander.

“*Mander? Mander?*” Sua cauda mexia com hesitação, parecendo estar perguntando “Eu não sou bom o suficiente?”

Ash respondeu quase que instintivamente.

“Charmander... me desculpa. É você que eu quero.”

Então Bulbasauo apareceu de surpresa.

“*Saaaauur?*”

Mas não foi o que você disse antes, foi? perguntou, fazendo beicinho com o bulbo em suas costas.

“Não, não foi, não mesmo. Eu quero todos vocês.”

Ele diz isso, mas “Eu quero vocês três” é ser muito egoísta.

“*Squirt...*” “*Mandeeer...*” “*Saurrrrr...*”

Todos os três viram as costas pra Ash e vão embora.

Grrrr... voltei pra estaca zero de novo.

“Vamos tentar de novo... Dessa vez, Charmander! Eu escolho você!”

Ele taca uma Poké Bola de novo. Mas quem sai é o Bulbasauo.

“Por que que isso tá rolando? Bulbasauero... não, mais uma vez! Squirtle!

Ele taca a Poké Bola de novo. Por alguma razão, veio o Charmander.

Não importava quantas vezes ele tentasse, nenhum dos três saíam quando ele queria.

“Agora sim, essa vai, certeza!”

Ash continuou a jogar Poké Bolas em seu sonho.

Num ato meio sonâmbulo, uma hora ele pegou seu despertador de Voltorb.

“Essavaiaessavaiaessavai!”

Achando que jogava uma Poké Bola, Ash tacou seu relógio de Voltorb.

Depois de quebrar na parede, o relógio não fez mais *biriri* ou *ririri*. Ele quebrou sem fazer nenhum barulho.

Porém, sem notar, Ash continuou a tacar Poké Bolas em seus sonhos.

Ding... dong... ding... dong...

O sino do centro da Cidade de Pallet tocou. 9 da manhã. Todos na cidade estavam indo trabalhar.

Ash soltou um longo bocejo.

“... Ding dong ding dong... Esse som... NÃO É DO DESPERTADOR!”

Ash pulou da cama.

“O SINO DO CENTRO!”

Ash abriu as cortinas. Já era de manhã lá fora.

Ah não... Ele tinha planejado sair perto do nascer do sol, mas agora já era quase meio-dia.

“QUE?! MAS COMO?”

O relógio de Voltorb se encontrava perto da parede.

“POR QUE NÃO DESPERTOU?”

Ash pegou o relógio e chacoalhou.

“Funciona... Funciona... Funciona...”

O Voltorb fez um som de quebrado.

“Ah, FALA SÉRIO!”

Ash meteu o relógio no bolso do pijama e saiu correndo do quarto.

“Squirtle, Charmander, Bulbasaur, qualquer um pra mim tá ótimo, mas por favor, guarda um pra mim!”

Ele desceu as escadas pro Casa de Pallet. Já de volta das compras na cidade ao lado, Delia ajeitava as coisas antes de abrir o restaurante.

“Ah, você ainda tá aqui, Ash.”

“TÔ ATRASADOOOOOOO!”

Sem nem notar a Delia, Ash se mandou pela porta da frente ainda de pijama.

“Nunca muda... Não tem jeito.”

Delia deu de ombros. Ele ficou acordado até tarde e dormiu demais... Nada mudou, nem no dia que ele sairia de casa.

“É, Seu Ketchum... É, pai... O bichinho é sangue do seu sangue mesmo.”

Uma das frases que eu mais gostei de traduzir. A Amanda traduziu como “Dad... Grandpa... I suppose he really is your child.” Não achei que combinaria muito ela chamar o pai e avô do Ash de pai e avô, ou mesmo dizer que é filho dos dois, porque é filho de um e neto do outro.

“Sangue do sangue” caiu como uma luva. Mas aí tem um problema. Não só a gente não sabe o nome do pai do Ash, mas a Delia também não tem afeição nenhuma por ele pra chamar de, sei lá, amor... então do que ela chamaria ele no dia-a-dia sem revelar o nome dele pra gente?

Acho que “Seu Ketchum” encaixa bem, dá um tonzinho de raiva, e afinal de contas, por lógica seria o nome dele mesmo. Apesar do Ash nem sobrenome ter originalmente hahaha. Mas pra gente funciona!

E o “bichinho” é o temperinho perfeito pra transmitir o sentimento e deixar a frase ó, **beijinho de chefe**

Mas então sorriu e murmurou pra si mesma.

“Mas ele é sangue do meu sangue também...”

Delia terminou de passar o aspirador pelo chão todo. Bom, a limpeza acabou por agora.

“Tudo certo! Hora de começar o dia.”

Delia foi pra cozinha preparar o especial do dia.

Muita gente tende a comer algo leve no almoço, tipo um bentô ou um sanduíche. Mas a Delia não.

Tem gente que não acorda direito até de tarde. Pra ir com tudo sem ficar cochilando, você precisa encher seu estômago com coisas nutritivas. E não só em quantidade, você precisa de um almoço caprichado que te dê energia. Delia achava o almoço a refeição mais importante do dia.

Essa é a verdade. Ela escolhia os melhores ingredientes e usava eles pra fazer pratos com nutrição balanceada, e é por isso que o restaurante da Delia tinha uma reputação tão boa na cidade.

Infelizmente, não temos tempo pra explicar o cardápio especial de almoço da Delia em detalhe. Se você quiser saber mais sobre os tipos de receitas boas que ela faz, eu sugeriria perguntar sugestões pra alguém que preparou o cardápio da lanchonete da sua escola ou em algum restaurante com cardápio de almoço especializado.

Mas algo incomodou Delia hoje. Ela soltou a faca que usava pra cortar a okra (um tipo de vegetal nutritivo conhecido por ser grudento) e experimentou um pedacinho.

“Hmmm, tá ótimo...” disse a si mesma, antes de subir pro quarto de Ash.

“Eu sabia.”

Ash tinha esquecido a mochila que ele ia levar na viagem. Ela achou que deveria ir levar pra ele.

“Vou ir dar tchau pra ele direito, vai.”

Delia voltou pra cozinha e começou a colocar o especial do dia num bentô. Não era pro Ash.

Os clientes iam chegar pra comer o especial do dia. *Ah, meu filho esqueceu umas coisas então eu vou fechar pro almoço pra ir levar pra ele, então sem especiais do dia...* Não dava pra falar uma coisa dessas pra eles.

O laboratório do Professor Carvalho, que era pra onde Ash rumava, ficava nos arredores da Cidade de Pallet.

Quando ele ia pra escola no centro da cidade, ele tinha conseguido se manter na hora e sempre estar na mesa quando sua professora fazia chamada, mas parece que hoje ele não chegaria a tempo.

Até correndo em velocidade máxima em seu pijama, seria impossível.

Continua no Capítulo 2

Apêndice 1.0

(Se estiver com pressa, fique a vontade pra pular pro Capítulo 2. Porém, pode ser que tenha informações importantes aqui que ninguém nunca ouviu antes.)

Material Referencial Pokémon #1

Deixa eu te contar uma lenda Pokémon que eu sei que muito pouca gente conhece...

Monstros de Bolso... ou simplesmente, Pokémon.

Pesquisadores Pokémon já publicaram inúmeras teorias, mas ainda sabemos muito pouco sobre eles.

Mesmo existindo lado a lado com eles, não sabemos quase nada sobre a ecologia (jeito de viver) da espécie Pokémon.

Mas é entendível.

Durante todos os milhares de anos da história humana, foi só relativamente recentemente que fomos entender os animais conhecidos como cães e gatos. Até então, as pessoas achavam que cães e lobos eram criaturas sem ligação alguma. Ninguém acreditaria que ambos gatos e leões são tipos de felinos.

Mesma coisa com os Pokémon. Por exemplo, o Meowth é um Pokémon que lembra um gato, mas ainda não sabemos da ligação que ele tem com gatos de verdade.

Primeiramente, é importante apontar que só recentemente começamos a chamar essas criaturas de Pocket Monsters (monstros de bolso).

Por muito tempo, humanos só se importavam com um tipo de criatura. Animais como vacas e porcos (que eram comestíveis),

animais como cavalos (que serviam de montaria), e animais como cachorros (que podiam servir como cães de guarda ou mesmo só como bichinhos de estimação). Basicamente, eles ligavam pra animais que eram úteis pra eles; afinal, durante toda a história humana, a disputa por comida e sobrevivência sempre foi presente.

Por essa razão, demorou muito tempo até os humanos realmente entenderem os animais. Amigo? Ou inimigo? Isso era tudo que importava.

Conforme a vida foi ficando mais fácil, humanos ganharam mais curiosidade sobre o mundo ao redor deles e começaram a estudar criaturas além deles mesmos... O estudo de animais que não são humanos, conhecido como (pode ser que essa seja uma palavra difícil) biologia, é uma iniciativa bem recente na história humana.

Enfim, pesquisas de Pokémon mais criteriosas só começaram mesmo nos séculos mais recentes.

Então quando um pesquisador de monstros de bolso (Pokémon) conhecido como Professor Carvalho de uma cidade rural chamada Cidade de Pallet afirmou que Pokémon são criaturas fundamentalmente diferentes de outros animais 30 anos atrás, uma grande porção da comunidade científica voltou os olhos pra ele.

O quão antes dos humanos surgiram os Pokémon? Ou melhor, será que eles realmente existem há mais tempo? A resposta não é clara.

É dito que os ancestrais dos Pokémon viveram há dois milhões de anos atrás. Porém, também não há evidências concretas para essa hipótese. Dois milhões de anos atrás foi aproximadamente

quando a humanidade surgiu. Ou seja, é teorizado que os humanos e os Pokémon existem há mais ou menos o mesmo período de tempo.

No começo do século 20, a descoberta do Homem de Pequim e do Homem de Java nos fizeram estimar que o surgimento do homem havia ocorrido aproximadamente há meio milhão de anos atrás.

Mas então os ossos do Australopiteco foram descobertos na África, os quais tinham aproximadamente um milhão de anos. Então foi sugerido que a humanidade tinha surgido em tal período.

E agora, com a descoberta dos ossos de um homem primata conhecido como Ramapithecus, a estimativa é de dois milhões de anos.

Conforme novas escavações ocorrem, novas descobertas sobre a origem do homem podem vir à luz nos próximos anos. Alguns acreditam que a humanidade pode ter surgido até mesmo três milhões de anos atrás.

Hoje, Março de 2024, a estimativa ainda é por aí. 2 milhões de anos atrás.

Realmente é possível que humanos existiram há mais de dois milhões de anos. Examinando as propriedades químicas de fósseis escavados, somos capazes de terminar a era em que eles viveram.

Contudo, esse método não funciona com os Pokémon.

Não é de conhecimento geral, mas é impossível detectar a composição química do corpo de um Pokémon. E portanto,

quando um fóssil Pokémon é descoberto ocasionalmente, não somos capazes de determinar o período em que viveu, ao contrário de outros fósseis.

Essa não é a única diferença entre Pokémon e outras criaturas. A geometria molecular do corpo de um Pokémon também é diferente de outros seres vivos.

Basicamente, Pokémon são criaturas incrivelmente misteriosas. Em relação às origens dos Pokémon, só há uma coisa que os pesquisadores realmente podem afirmar: eles já existiam antes de serem descobertos pelos humanos.

Portanto, é possível que Pokémon existam desde que a humanidade surgiu.

Dito isso, no final das contas, é algo impossível provar. Apesar de que, se pararmos pra pensar, o mesmo pode ser dito sobre as origens dos humanos.

É impossível saber se os fósseis de dois milhões de anos atrás se consideram humanos quando eram vivos. Isto é, quando os humanos entenderam o que eram, eles já existiam.

Esses são questionamentos comuns dentre os humanos. Quem sou? De onde venho? Pertencço aqui? As respostas pra essas perguntas provavelmente já se encontram dentro de ti. Estamos aqui porque estamos.

Da mesma forma, Pokémon existem nesse mundo porque existem.

Portanto, se fossemos descobrir por que os Pokémon existem nesse mundo, a resposta provavelmente estaria ligada com o porquê da humanidade também existir.

E é por isso que com exceção de pesquisadores profissionais como o Professor Carvalho, muitos só pesquisam Pokémon como hobby.

Agora que a longa introdução está concluída, vamos para o que interessa. O que eu sei sobre Pokémon como um pesquisador Pokémon de cidade pequena...

Eu tenho algumas informações raras que podem interessar um amante de Pokémon como você.

Em uma certa área rural, uma lenda continua relativamente desconhecida.

Como muitos tem conhecimento, o universo foi criado numa grande explosão conhecida como o *big bang*... ou, pelo menos, é isso que dizem.

Contudo, de acordo com essa lenda, o *big bang* não foi o início de tudo.

AVISO: TIREM OS DARWINISTAS DA SALA!

Houve um Deus que criou o mundo. No princípio, o mundo tinha cima e baixo, mas era coberto de trevas. Então, fez-se luz para que as coisas pudessem ser vistas. Mas já que a clareza perpétua atrapalhava o sono, separou-se o dia em luz e trevas. E assim fez-se o dia e a noite. Esse foi o primeiro dia.

Contudo, apesar de haver luz durante o dia, se você olhasse pro mundo à sua volta, era uma bagunça total. Ou melhor dizendo, era um **caos**.

Bom... não era legal deixar uma baderna daquelas largada, então no segundo dia Deus pegou a bagunça total e a dividiu em céu e mar.

Mas Deus sentiu que ainda era meio vazio só com o céu e o mar.

Hoje em dia, kits de tinta e giz de cera vêm com pelo menos doze cores. Até um arco-íris tem sete cores. Mas a única cor no céu e no mar era azul.

A situação era triste.

É por isso que no terceiro dia, Deus criou terra no mar. Uma terra toda marrom seria chata, então ele cobriu a terra com coisas verdes: grama e árvores, bosques e florestas... basicamente, ele criou vegetação.

E então, no quarto dia, Deus olhou pro céu e o achou meio vazio. Então ele fez o Sol pra iluminar o dia e as estrelas e a lua pra brilharem de noite.

Eu me pergunto, será que Deus se sentiu uma criança com seu primeiro kit de lápis de cor ou giz de cera a esse ponto?

...

Daria pra entender.

Mas ele olhou pro mundo e sentiu que precisava de algo que pudesse se mexer. Se você prestasse atenção, o mar tinha ondas

e o vento soprava as folhas das árvores... mas era quieto demais.

Deus queria algo mais animado pra se mover por aí.

Em vez de paisagens, que são como pinturas em paredes, ele queria algo que pudesse se mexer dinamicamente, como um desenho animado.

E então, no quinto dia... ele criou aves pra voarem no céu e peixes pra nadarem no mar.

Agora, e os insetos, tipo as libélulas e as cigarras? Ou os mariscos, lulas ou polvos? Os golfinhos e baleias contam como peixes?

Que? Ah... Olha, essa é só uma lenda que eu ouvi... não me pergunta esse tipo de detalhe.

Enfim, quinto dia, Deus fez animais pro céu e pro mar.

E então, o sexto dia... Dessa vez, ele resolveu fazer vários animais pra terra.

Foi nesse ponto que Deus se deu conta. Ele fez todos esses animais no céu, no mar e na terra, mas talvez ele tenha feito demais... se esses animais competissem pelo espaço limitado, seria um problema.

E então, sendo um Deus brincalhão, sem consultar nenhuma das outras criaturas, ele criou uma à sua imagem: os humanos.

Mesmo que os humanos só fossem semelhantes a ele em aparência, Deus achou que eles deviam ser capazes de se comunicar com os outros animais.

Então Deus lhes disse: “Dominem sobre as criaturas deste mundo.”

E disse às criaturas: “Humanos são seus mestres.”

Se as criaturas protestaram ou não, não há registros na lenda. Mas já que a lenda foi passada de geração em geração por humanos, eles podem facilmente ter cortado qualquer parte que pintasse uma imagem ruim deles.

Mas enfim, né... Deus provavelmente não esperava que os humanos fossem ser criaturas que oprimiriam as outras ou que travariam guerras entre eles próprios.

Finalmente, no sétimo dia, tendo concluído o mundo que realizara, Deus descansou. Hoje chamamos esse dia de Domingo.

Mas Deus gostou *mesmo* de criar animais.

Era o dia de folga dele, mas ele quis rabiscar mais umas criaturinhas pro mundo.

Quanto às criaturas que fez em seu dia de folga... Na pressa, Deus acabou nunca lhes dizendo pra que “Dominem sobre os humanos” ou que “Sejam dominadas por humanos”...

Essas são as criaturas que nós chamamos de **Monstros de Bolso**.

Enfim, essa é a lenda. Como eu disse antes, muitas poucas pessoas a conhecem. É bem plausível que eu, o escritor disso, e você, o leitor, somos os únicos que sabem dela.

Inclusive, até o momento do envio dessa correspondência, eu ainda não consegui confirmar a veracidade da lenda, e portanto, eu te aconselharia a não falar abertamente com outras pessoas sobre ela e guardá-la bem.

-Um Pesquisador Pokémon Anônimo sem
Absolutamente Ligação Nenhuma com o
Professor Carvalho

Trecho Retirado de um E-mail enviado a Bill Sonezaki
Um Analista Pokémon Participante da
97ª Conferência Acadêmica Internacional de Monstros de Bolso

Bill não tem sobrenome nos jogos ou nas mídias americanas, mas em japonês o nome dele é Masaki Sonezaki.

Sonezaki é uma área de Osaka, a cidade que Goldenrod foi baseada, que é de onde o Bill é originalmente.

A Bulbapedia consta que a gente adaptou como Bill Sonezaki no Brasil em alguma mídia, provavelmente no mangá, mas acho uma pena terem mantido o sobrenome em japonês, tinha que ter sido mais localizado.

Solidago é o nome científico do gênero das flores conhecidas como goldenrods, então acho que teria sido uma boa opção. “Bill Solidago.”

Capítulo Dois

Um Encontro Eletrizante com Pikachu...

Pra falar sobre a partida do Ash, primeiro você precisa saber mais sobre o Professor Carvalho. Pode demorar um tico, mas eu vou te contar um pouquinho mais sobre ele.

Pode pular pra próxima lacuna se quiser, mas se algo daqui for mencionado depois e você ficar perdido, a culpa não é minha, então peço sua compreensão.

O Professor Carvalho era amplamente conhecido na comunidade científica Pokémon. Em seu livro “Uma Introdução à Pesquisa de Monstros de Bolso,” ele afirmou que “os Pokémon são diferentes de todas as outras criaturas deste mundo,” o que rendeu muita atenção da comunidade científica a ele com seus 20 anos.

Com os resultados de seus estudos sendo amplamente aceitos, ele se tornou um respeitado professor no Departamento de Monstros de Bolso da *Universidade de Celadon*—o mais jovem da história, com meros 25 anos.

Contudo, por alguma razão ele não publicou mais nenhum estudo notável e se mudou de volta pra sua cidade natal, a Cidade de Pallet, em seus 30 e abriu um pequeno Laboratório Pokémon.

Havia uma série de rumores sobre o motivo do ocorrido, que iam desde ter atingido os limites de sua pesquisa até ter tido seu coração quebrado por uma atriz de um filme Pokémon no qual ele

atuou como supervisor, dentre muitas outras explicações. Porém, a razão real permanece um mistério até os dias de hoje.

Assim como os próprios Pokémon, também há vários mistérios sobre pesquisadores Pokémon.

Quando você para pra pensar, também é um mistério como depois de todos esses anos tentando se tornar Treinadores Pokémon os nomes do pai e do avô de Ash ainda não aparecem no registro oficial de Treinadores Pokémon.

É dito que esforço traz resultados... mas não importa o quão patético alguém é como um treinador, você assumiria que depois de dez anos o nome do sujeito pelo menos apareceria no registro oficial de treinadores. Mesmo que você não consiga bancar a mensalidade, também tem registros grátis para membros associados.

... Enfim, existem muitos mistérios relacionados a Pokémon.

Nos 20 anos desde que Professor Carvalho retornou à Cidade de Pallet, ele continuou sua própria pesquisa Pokémon pessoal. Então como ele ainda ganha a mesma quantia de dinheiro que ele ganhava quando era um professor renomado na *Universidade de Celadon* vivendo como um ermitão?

Vinte anos atrás, ele escreveu um livro de referência pra Treinadores Pokémon em potencial chamado *Poké Referência do Carvalho*, um clássico cuja capa o pai ou mãe de qualquer um reconheceria num instante, contendo “Diagramas úteis e métodos atuais infalíveis para ter êxito com Pokémon.” Ele se mantém um

sucesso de vendas até hoje, e por isso é a explicação mais provável da renda do Professor.

Ash anteriormente já tinha visto o Professor Carvalho indo jantar no Casa de Pallet tarde da noite.

Era sempre logo antes da hora de dormir dele, e não era algo que ele já tinha chegado a discutir, mas ele o considerava um velho estranho por ter a opção de comer a famosa comida da Delia e mesmo assim só pedir furikake ochazuke e curry instantâneo e ficar lendo um livro no canto do restaurante enquanto comia.

Que esquisitão. Ele podia comprar furikake e curry na loja de conveniência.

Furikake é um tipo de tempero pra arroz e ochazuke é arroz com chá derramado por cima, uma vibe meio leite no cereal.

O restaurante é sempre lotado à noite, então a Delia nunca prestou muita atenção no Professor Carvalho.

No fim das contas, não importa que tipo de pessoa ele era, ele tinha o único Laboratório Pokémon oficial da cidade, o *Laboratório Pokémon Carvalho*. Não havia nenhum outro lugar pra treinadores conseguirem seus primeiros Pokémon.

“Me esperem, Squirtle, Charmander, Bulbasaur!”

Ash continuou a correr, correr e correr em direção ao *Laboratório Carvalho*.

Por alguma razão, havia uma multidão de pessoas do lado de fora do laboratório. Sinos tocavam e tambores rufavam.

Ash foi se enfiando no meio das pessoas.

“Sai, sai, sai da frente! Preciso chegar no laboratório!”

Ele achou que finalmente tinha conseguido passar pela gente toda, quando *BAM!* Ele bateu de cabeça com um menino saindo do laboratório.

“AIAIAI!”

Ash caiu no chão e segurou seu nariz, que agora se encontrava vermelho.

“Quem se machucou fui eu,” disse a pessoa que bateu com ele.

“Hm? Ah, é o Ash. Fala aí, Seu Ketchum. Cê tá bem?”

Ele ofereceu sua mão pra ajudar o Ash a levantar.

“A r e y o u a l r i g h t ?”

Ele repetiu a pergunta em inglês de propósito. Convencido de merda.

Ash instintivamente murmurou o nome dele.

“*Gary...*”

“*Senhor Gary pra você, eu exijo respeito. E então, Ashzinho, veio se despedir de mim também?*”

Gary Carvalho, parente do prefeito da Cidade de Pallet e neto do Professor Carvalho. Ele tinha a mesma idade de Ash, e também começava sua jornada hoje.

Porém, sua despedida de Treinador Pokémon era um tanto quanto extravagante. Pra começo de conversa, ele vestia uma camisa com babados com um terno por cima e uma orquídea cattleya

presa no peito. Ele parecia um membro da família real ou coisa do tipo.

E nem vamos entrar em detalhe no que as outras pessoas vestiam. Mas Ash estava de pijama.

“Se despedir de você? Conta outra,” respondeu Ash.

Gary chacoalhou a cabeça como se só tivesse entendido a situação agora.

“Que? Ah é, você também vai começar uma jornada de treinamento Pokémon.”

“Pode apostar. Sou da mesma idade que você.”

“Mas só de chegar atrasado no primeiro dia já mostra que você...”

Gary apontou pra Ash.

“...não é competente pra ser meu rival.”

“Sr. Gary...”

“Sim? Que foi, Ashzinho?”

Não bastava ser um convencido de merda, mas sua resposta respeitosa também estourava com sarcasmo.

Ash fez logo a pergunta mais importante.

“Você já ganhou seu primeiro Pokémon?”

“Claro que sim. Tá bem aqui nessa Poké Bola.”

Gary colocou a Poké Bola na ponta de seu dedo pras pessoas verem e a girou. A multidão foi à loucura.

“*Vai, vai Gary! Boa sorte, Gary!*”

Tinham até líderes de torcida com pompons e uma banda de metais. A torcida pra se despedir dele era imensa.

Gary acenou pra todos enquanto se despedia.

“Obrigado! Amigos, gatinhas... eu vou me tornar um Treinador de primeira e tornar o nome da Cidade de Pallet conhecido no mundo todo!”

“Vai, vai, Gary! Boa sorte, Gary!”

Os gritos das líderes de torcida se intensificaram.

“Desculpa interromper, mas Sr. Gary...” cochichou Ash pra Gary.

“Sim?” respondeu Gary, genuinamente de forma educada.

“Que Pokémon você pegou, Gary?”

Gary deu um sorrisinho.

“Eu não preciso te contar. Eu sou neto do famoso pesquisador Pokémon Professor Carvalho.”

Ele andou pra frente da placa do *Laboratório Carvalho* e posou e fez um sinal de paz com a mão pras pessoas que vieram se despedir.

Vários flashes de câmera dispararam. Provavelmente um jornalista do *Jornal da Cidade de Pallet*. Gary virou pros flashes e gritou.

“Em nome do meu avô, eu vou capturar todos os Pokémon do mundo!”

A Poké Bola no dedo de Gary girou e girou e girou mais.



Hm, até que ele praticou bem...

Ash se sentiu bem humilhado. Gary o ignorou completamente e focou na multidão que veio pra despedida dele.

“Agradeço a todos que vieram me ver! Essa é a hora de eu, Gary Carvalho, partir para me tornar um Treinador Pokémon! O dia em que eu retornar será o dia em que essa cidade nomeada em homenagem ao avô do avô do meu avô, Pallet Carvalho, vai ser renomeada pra Cidade de Gary!”

“Aiiiii, ele é um sonho!” As líderes de torcida se animaram ainda mais.

... De onde é que saíram umas meninas dessas?

Ash esticou o pescoço. Ele nunca tinha visto elas antes.

Elas eram meninas do Fundamental II que iam pra escola na cidade ao lado e que trabalhavam meio período pra uma empresa feminina de campanhas que o prefeito da Cidade de Pallet, o irmão mais velho do avô de Gary, sempre contratava em época de eleição.

O prefeito tinha o microfone agora.

“Nesse momento, meu caros cidadãos da Cidade de Pallet, em honra de suas futuras proezas, sigamos Gary da família Carvalho até os arredores da cidade antes de nos despedirmos.”

A banda de metais tocou pra celebrar.

Gary continuou a acenar enquanto pulava em um conversível com um motorista particular.

Ainda falando no microfone, aparentemente de propósito, o prefeito falou com Gary.

“Ô Gary, não se esqueceu de nada, não? Pegou seu bentô?”

“Peguei, tá bem aqui. Inclusive, esse carro é estrangeiro! É um Vento Alemón.”

Era só uma piada idiota combinada.

Bentô e **Vento** têm pronúncia igual em japonês. E Alemão é escrito em kanji em vez de katakana, igual os países de antes, então alterei a grafia também.

Que patético... Ash pensou, morto por dentro. Mas a multidão riu. Como as líderes de torcida e a banda de metais conseguiram rir de uma piada forçada dessas, é um mistério.

“Fico feliz por terem vindo! Obrigado! Obrigado por todo o seu apoio!”

Poof!

O carro de Gary soltou fumaça no Ash todo enquanto partia.

Ash tossiu se engasgando com o gás, e quando recuperou o fôlego não tinha nem mais sinal da multidão de antes; a única companhia de Ash era o vento.

Ash fechou seu punho tremendo...

“Eu não vou perder.”

Sua mão acalmou novamente.

“Gary... é meu rival.”

E então uma voz suspirante falou atrás de Ash.

“Haa... Bom, tenho certeza que Gary é capaz de atender às expectativas. Mas se ele continuar com essa atitude como adulto, pode virar problema... é melhor ele tomar cuidado.”

Professor Carvalho se encontrava parado ali coçando seu cabelo cheio de caspa. Ash se afobou quando ouviu a voz do Professor.

“Professor Carvalho, o-onde está meu Pokémon?”

“Ãh? Você vai sair numa jornada Po... É mesmo, tinham quatro de vocês começando hoje, mas... ô, garotinho. O Gary exagerou um pouco com o terno, mas você não planeja viajar de pijama, né?”

... Eu não quero drama por pijama. Eu fui moleque por ter me enrolado, mas garotinho eu não sou... Perai... Ops, ficar reciclando as piadas velhas da mãe só vai me atrasar mais.

Em japonês, o professor chama o Ash de “**bouya**” (garotinho, o mesmo termo que a Delia usou no último capítulo), e a resposta do Ash foi que ele pode ter se enrolado (**boyaboya**) mas que garotinho (**bouya**) ele não é. E o Ash usou “drama” e “pijama” de novo, que nem a Delia no último capítulo.

“Enfim, sobre o meu Pokémon...”

“Ah, sim... Por aqui.”

O Professor Carvalho conduziu Ash ao laboratório.

“Os Pokémon estão naquelas cápsulas.”

Três cápsulas se encontravam em cima de uma bancada na sala do laboratório que Professor Carvalho o levou.

“Meu Pokémon...”

Ash correu pra bancada. As cápsulas eram translúcidas, você não conseguia ver dentro delas. Mas estavam marcadas com o que tinha dentro.

Ash engoliu seco vendo os três nomes nas cápsulas de perto. Squirtle, Bulbasaur, Charmander... os três do sonho dele.

Ele então confessou pro Professor Carvalho.

“Eu tava indeciso até agora. Mas já me decidi.”

“Qual vai ser?” perguntou Professor Carvalho em resposta.

“Squirtle, eu escolho você como meu Pokémon.”

“Muito bem, pode abrir.” disse Professor Carvalho.

“Beleza.”

Ash abriu a cápsula mal conseguindo se conter de tanta ansiedade.

“Ah?”

Vazia.

“Ele já foi levado por um garoto que não estava atrasado,” disse o Professor.

“Ugh... Culpa minha por ter me atrasado.”

Ash recuperou a compostura.

“Nesse caso, meu Pokémon vai ser o Bulbassauo.”

Ele abriu a cápsula do Bulbassauo. Vazia.

“Ele já se foi... Bulbassauo...”

“Não adianta balbuciar. Também já foi levado por alguém que chegou na hora.”

O nome em japonês do **Bulbassauo** é "**Fushigidane**," que pode ser lido como "semente misteriosa" ou "que misterioso." Aqui, quando o Ash comenta do Bulbassauo já ter sido levado, o Professor Carvalho responde "**Fushigi** wa nai," ou "Não é mistério nenhum," pra soar parecido. Por isso eu adaptei pra **balbuciar** em português! =)

“Tendi... Bom, nesse caso... eu escolho você como meu Pokémon em vez disso, Charmander.”

E não tinha Charmander nenhum na última cápsula, também vazia.

“Mentira.”

“Se atrasar um pouquinho de nada pra pegar um trem ou um Pokémon pode mudar seu rumo drasticamente. É fato da vida. Eu já recebi três aspirantes a treinador hoje, e tem três Pokémon que eu recomendo... Três menos três é zero. Já foram todos. Espero que entenda.”

Professor Carvalho concordou com a cabeça repetidamente.

“Não me vêm com essa de “espero que entenda” e “zero” e não sei o que... Cê tá me dizendo que eu vou ter que sair de casa sem Pokémon?”

“Sobrou um, mas...”

Professor Carvalho pegou uma cápsula de um armário no fundo do laboratório.

“Então ainda tem um! Eu levo.”

O Professor fez uma cara hesitante.

“Esse último Pokémon tem, digamos, uns problemas...”

“Problemas... Eu ter chegado atrasado que é problema.”

“Bom, sinto que esses problemas devem ser resolvidos.”

Ash tinha se decidido sobre a cápsula que Professor Carvalho segurava.

“Eu escolho esse aqui.”

“Já tá se entregando,” murmurou Professor Carvalho.

“Que?” Ash esticou o pescoço. Ele não fazia ideia do que o Professor queria dizer.

“Se entregar é ceder, mas se entregar pros seus objetivos é o caminho da felicidade. Se entregar é um termo com diversos significados. É importante se entregar ao máximo e entregar tudo, mas também aguentar as pontas pra nunca se entregar pras dificuldades... É fato da vida. Espero que entenda.”

Esse diálogo originalmente era em torno do termo “**koufuku**,” que dependendo de como é escrito em kanji pode significar **se render** (降伏) ou **felicidade** (幸福). Acho que **se entregar** encaixou bem!

Professor Carvalho parecia ser o tipo de pessoa que jogava lógicas indecifráveis nas pessoas e esperava que elas entendessem.

Parando pra pensar, mesmo com as visitas rotineiras dele no restaurante da Delia, Ash nunca tinha parado pra ter uma conversa de verdade com ele. Mas baseado nessa conversa, ele sentiu que não teria entendido ele mesmo.

“Então aguente,” disse Professor Carvalho.

O que ele falou não fez sentido nenhum, mas Ash faria qualquer coisa pra conseguir seu Pokémon.

“Eu aguento qualquer coisa.”

“Muito bem.”

Professor Carvalho colocou a cápsula em cima da bancada. Não tinha nome.

“O que tem dentro?”

“Você verá.”

Ash tocou a cápsula e um brilho emanou dela.

“Pika...”

Foi o que a voz disse. Pika é o único jeito de escrever.

“Píca?” A cápsula se abriu quando Ash repetiu.

Selo de 1º Momento Exclusivamente Cômico na Versão Brasileira ©

“Chuu...”

Dessa vez, um Pokémon apareceu de dentro da cápsula. Era pequeno e gordinho.

Sua cor era amarela. Se você olhasse com atenção, também notaria que ele tinha listras marrons nas costas e que as pontas de suas orelhas eram pretas, mas no geral seu corpo era todo amarelo.

Tinha membros curtos e pelo macio, o que o fazia parecer um bicho de pelúcia. Tinha o tamanho certinho pra uma criança pequena conseguir segurar; era bem o tipo de coisa que você teria vontade de pegar no colo e abraçar.

“Ele é um Pokémon conhecido como Pikachu. Você aguenta ficar com ele?” perguntou Professor Carvalho.

“Nossa... aguentar? Ele é tão fofinho. É o melhor de todos.”

“Você achou?”

“Total. Prazer, Pikachu.”

Ash pegou Pikachu com as mãos.

“Piká!”

Não encosta em mim!...



Pikachu exclamou com uma expressão claramente irritada.

E então...

Pikachu descarregou uma forte corrente elétrica pelo corpo de Ash. Do coração até as unhas, em vez de deixar tudo dormente, parecia que a eletricidade ia explodir o corpo dele em átomos.

“I-i-i-isso...”

Ele tremia tanto que nem conseguia mexer o corpo o suficiente pra colocar o Pikachu no chão.

O Professor Carvalho usou uma lente de aumento pra examinar as marcas que pareciam verrugas nas bochechas de Pikachu.

“Olhando pras bolsas de eletricidade do Pikachu, dá pra ver que ele está com uma carga bem alta.”

Aparentemente dá pra determinar a carga de um Pikachu examinando as bochechas.

“Ch-ch-chocante.”

“Bom, é claro. Pikachu são amplamente conhecidos como ratos elétricos, e esse Pikachu em específico é bem introvertido e não gosta muito de humanos, então se você tocar nele do jeito errado é assim que ele reage.”

“Devia ter me contado isso antes,” disse Ash, que continuava a tremer, com faíscas ainda pulando em seu cabelo.

Professor Carvalho parecia ser o tipo de pessoa que não só não pensava nos outros, como também não ligava pra eles.

“É, acho que devia.”

Ele abriu a gaveta da bancada sem ligar muito pro nível da tremedeira do Ash. De lá, ele tirou duas coisas que o Ash só tinha visto em seus sonhos.

“Bom, aqui estão dois presentes pra sua jornada... Poké Bolas pra carregar seus Pokémon e uma Pokéagenda.”

Escolhi traduzir Pokédex pra Pokéagenda, assim como eles faziam no começo do anime! =)

Abrindo a capa da Pokéagenda, você encontra uma tela LCD do lado de dentro; parecia com um palmtop. É mais ou menos do mesmo tamanho e grossura do livro que você tá lendo...

Pra galera mais jovem (que nunca viu Cyberchase na cultura), palmtops eram uns mini computadores portáteis lançados nos anos 90, foram meio que predecessores de um smartphone. Dependendo da versão, podia parecer um 3DS com um teclado completo em vez de tela de baixo ou um Kindle. E no caso, é uma boa referência pra quem não tá lendo em formato físico—ele tem 260 páginas no total e é bem do tamanho de um 3DS XL fechado mesmo.

No momento exato em que Professor Carvalho foi entregar a Pokéagenda pro Ash, Pikachu mandou outro choque pelo corpo de Ash.

“Entendi, é bem eletrizaaaaante.”

“É-é-é uma vibração que só.”

Pikachu continuou a chocar os dois por mais de dois minutos.

Por fim...

Enquanto o cabelo de Ash soltava suas últimas faíscas sobrando, o cabelo do Professor Carvalho soltava fumaça. Parece que a eletricidade tinha queimado as caspas dele. À esse ponto, era capaz até da cabeça dele pegar fogo e o deixar careca.

“Pikachuuuuu.... não é muito bom, hahaha... ficar gastando energia à toa assim,” disse o Professor ao Pikachu, com sua língua vibrando.

Dando ouvidos ao Professor, Pikachu parou sua descarga.

“Você espera que eu leve essa coisa?” perguntou Ash, cujo pijama se encontrava acabado agora, ao Professor Carvalho, cujo jaleco se encontrava preto de queimado.

“É o único restante. Mas em defesa da espécie, os Pikachu geralmente são gentis e se dão bem com humanos. Eu já criei vários de estimação, eles são bons de ter como gerador de emergência em caso de apagão.”

“Eu levo um dos seus então” retrucou Ash.

“Você daria um bichinho de estimação seu pra alguém sem mais nem menos?” respondeu Professor Carvalho friamente.

“Ah... Tem isso.” Ash deu de ombros.

“De qualquer forma, esse Pikachu é meio diferente dos outros.”

Ash deu uma olhada no rosto de Pikachu, tomando cuidado pra não tomar choque.

“Tu é meio zureta, né?”

Pikachu virou o rosto bufando.

“Todos os Pokémon têm suas exceções. Enfim, ele ser diferente pode fazer dele mais gratificante ainda de criar” disse Professor Carvalho, como quem diz “problema teu.”

“É, você tá certo.”

Ash olhou pro Pikachu. Olhando com atenção (ou de qualquer jeito), ele ainda era fofinho. Ash preferia olhar pelo lado bom.

“É só eu pensar nele como meu Pikachuzinho especial.”

“Não importa o que você pensa, é sua única opção.”

“Certo!”

Ash apontou pro Pikachu e declarou.

“Pikachu, eu escolho você!”

Pikachu ainda se recusava a olhar pra ele.

“E então, vai chamar do quê?” perguntou Professor Carvalho.

“Áh?”

“Pikachu é a espécie dele. Você não sai por aí chamando seus amigos de ‘humanos,’ sai garotinho?”

FINALMENTE ALGUÉM FALOU DISSO!

Ash tinha consciência daquilo. Ele já tinha escolhido nomes. Se fosse o Squirtle ia ser Squirtuguita, Bulbasauo ia ser Sauron e Charmander Mandrake.

Tradução livre haha! Em japonês: **Zenigame** (Squirtle): **Zenibou** / **Fushigidane** (Bulbasauo): **Danesuke** / **Hitokage** (Charmander): **Kagetarou**.

Se a mãe dele, Delia, soubesse dos nomes que ele escolheu, certamente questionaria a noção dele e lhe daria um tabefe com um leque.

Mas enfim, Ash nunca tinha pensado na possibilidade que ele acabaria com um Pikachu.

“Áãhhh, xô ver... Já sei! Pikaguita... Pikachon... Pikrake...”

Pikachu mal olhava pro Ash até então, mas agora ele se virou completamente de costas pra ele.

“Acho que ele não gostou de nenhum desses nomes.”

Professor Carvalho deu de ombros.

Ash continuou a jogar ideias de nome no ar conforme ia pensando.

“Pikão. Pikatinho. Pikazão. Pikazera. Pikabelo...”

Os originais: Pikabou, Pikasuke, Pikatarou, Pikao. Pikata, Pikazaemon, Pikanosuke, Pikabee.

... *Só para...* Pikachu deu um olhar pro Ash que parecia dizer isso.

As bolsas de eletricidade nas bochechas dele começaram a soltar faíscas de novo.

“Talvez você devesse desistir de dar um nome pra ele,” disse um Professor Carvalho nervoso.

“O Pikachu tá bravo?”

Pikachu concordou com a cabeça.

“Alguns Pokémon que não gostam de serem domesticados se ofendem com a ideia de humanos botarem nomes que eles querem neles sem mais nem menos,” disse Professor Carvalho.

“É o caso dos Pikachu?”

“Normalmente não teria problema. Inclusive, eles gostam bastante de receberem nomes. Pikachu normais são ótimos animais de estimação.”

“Então esse Pikachu não é normal...?”

“Isso mesmo.”

Ash então falou com Pikachu.

“Então seu nome é Pikachu. Tudo bem pra você, Pikachu?”

... *Tanto faz...* Parecia ser o sentimento que o Pikachu transmitiu, dando de ombros (inexistentes).

Ash concordou em resposta.

“Beleza, Pikachu. A partir de agora, você é o Pikachu.”

“Ah é, a propósito...” disse Professor Carvalho como quem não quer nada.

“Tem mais?” perguntou Ash.

“Esse Pikachu odeia lugares pequenos.”

“Que?” Ash não entendeu onde o Professor queria chegar com aquilo.

“Ele se recusa a entrar na Poké Bola. E por isso, não dá pra carregar ele no bolso.”

“...”

Ash estava sem palavras.

Pokémon significa *literalmente* monstros de bolso. Eles chamam assim porque dá pra você guardar eles no bolso usando Poké Bolas. Um Pokémon que não quer ir no seu bolso... Isso faz do Pikachu o que?

Pikachu murmurou pra si mesmo.

“*Pikachu, pika, Pikachu...*”

Eu sou só o Pikachu... é o que o Pikachu pareceu dizer.

“Mãe!”

Ash foi surpreso quando saía do laboratório com Pikachu.

“É hora do almoço, então eu vim ver como é que as coisas vão indo.”

Delia se encontrava parada na frente do portão. E não estava sozinha.

“Todo mundo tinha um tempinho livre também, então vieram se despedir de você. A maioria é tudo vizinho e cliente... Espero que esteja grato.”

Naquele momento, o tom de Delia puxava mais pra mãe japonesa do que mãe casual do dia-a-dia.

O pessoal mais de idade que morava por perto e vários fregueses estavam lá com potes, panelas e colheres de madeira do restaurante. Algumas pessoas até vestiam bandanas e chacoalhavam bandeiras com “Vitória Certa” escrito nelas.

Como esperado, Delia tinha fechado o restaurante temporariamente pra ir entregar as coisas que Ash esqueceu pra ele.

E com o restaurante fechado, os clientes que receberam o bentô com o especial do dia concluíram que já que eles iam almoçar do lado de fora mesmo, que acompanhassem a Delia.

Já que a maioria das pessoas presentes estavam mais interessadas em comer com a Delia do que se despedir do Ash, a atmosfera era bem relaxada... Nada como a banda de metais e líderes de torcida do Gary.

“Você não tem jeito mesmo, atrasado até o último minuto, fazendo eu me preocupar até o fim... Mas bom, é adeus por agora...”

Delia olhou pro horizonte e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela sentia várias coisas diferentes, mas colocou uma cara forte de mãe.

“Eu trouxe as roupas e equipamentos que você esqueceu em casa.”

Delia mostrou pra Ash sua mochila antes de tirar um lençinho de algodão do bolso de seu mini-avental pra assoar o nariz.

“Até o último segundo você ainda me arranja problema... *sniff sniff.*”

Delia voltou pro modo mãe.

A multidão de conhecidos também começava a se emocionar. Em algum momento, eles se esqueceram do desejo de almoçar com a Delia. Às vezes era difícil distinguir os fãs da Delia cozinheira e da Delia como pessoa.

Delia ficava gradualmente mais emotiva. Ela abriu a mochila de Ash enquanto chorava.

“Aqui estão seus tênis e jeans, umas camisetas e calças... Coloquei uns alimentos instantâneos como comida de emergência, umas luvas de cozinhar pra não irritar a pele... ah, e tem um varal também pra você estender suas roupas.”

Que droga é essa?... pensou Pikachu, tombando sua cabeça. Ash ficou vermelho de vergonha e interrompeu Delia.

“Para mãe, isso é demais pra mim, eu não sou o Gary... guarda pra quando eu voltar pra cá como o Treinador Pokémon supremo.”

“Tá bom, filho.”

Delia agora sorria como se nada tivesse acontecido.

“Mas bom, já que tá todo mundo aqui mesmo, a gente pode fazer uma torcidinha... *vai, vai vai!!*”

De repente ela trocou pra modo adolescente.

“... *Ãh?*”

E então trocou de novo pra modo menina de dez anos. Ela notou o Pikachu.

“Ahhh que bichinho mais fofinho!”

Pikachu se ofendeu um pouco com a descrição de “bichinho”... *Como é que é?*

“*Chuuupika...?*” A tentativa de ameaça dele soou mais como ele tentando ser fofo do que qualquer outra coisa.

Ash respondeu Delia.

“Ah, é o meu Pokémon... O nome dele é Pikachu.”

Pikachu bufou... “*Piiiiika.*” E os ignorou.

Ash fez o máximo pra se gabar.

“Com esse Pikachu do meu lado, eu vou conseguir todos os Pokémon do mundo!”

Delia então abriu a boca na inocência.

“Hmm, se ele é um Pokémon, então por que...?”

“Ãh?” retrucou Ash.

“Os Pokémon geralmente ficam dentro dessas coisas aí... não ficam?”

Ela apontou pra Poké Bola que Ash segurava. O tom de curiosidade por trás do “não ficam?” da Delia era o mesmo de uma menina de dez anos que sonha em ser treinadora.

“Ah... É... Tá bom... Certo... Pikachu, pra dentro...”

O Professor Carvalho tinha dito que ele não ficava, mas ele não ia ter certeza se não tentasse. Quem sabe o Professor tinha se enganado?

Ash fez uma pose exagerada, girou o braço da Poké Bola com vontade no ar e a tacou de levinho. Mas um segundo depois, ela estava de volta em suas mãos.

“Ãh...?”

Pikachu tinha a rebatido de volta com sua cauda.

“Oxe, cê consegue fazer isso?”

Ash a lançou de leve novamente.

“*Pi...*” Pikachu chutou a bola de volta.

“Pelo jeito consegue.” Ele jogou de novo.

“*Ka...*” Pikachu cabeceou de volta.

“Isso também?” Ash arremessa mais uma vez.

“*Chuu!*” Pikachu rebateu com suas patas frontais. Ele mirou a Poké Bola pra atingir o Ash em cheio no estômago.

“*Gab....*” Ash conseguiu segurar com as duas mãos por pouco.

“Nada mal. Nada mal.”

Delia aplaudia com um sorriso no rosto.

“Já estão brincando... já são amigos. Um arremessador e um rebatedor são praticamente como um casal, é prova que vocês tão se dando bem...”

“*Ãh?*... Ah, claro. O Pikachu e eu somos melhores amigos...” Ash timidamente deu palmadinhas na cabeça do Pikachu.

Pikachu fez um olhar feroz pra Ash. Mas não deu choque nele.

Parece que ele tá se acostumando comigo aos poucos...

Ash soltou um sopro de alívio.

Delia então falou da boca pra fora.

“Ele é um Pokémon meio estranho.”

“... *Pokémon estranho...*”

Ash sentiu a alma sair do corpo.

“Você não devia ter tido isso...”

As bochechas elétricas de Pikachu começaram a faiscar. Era óbvio que ele tinha se ofendido.

“Não tem nada que eu possa fazer pra parar ele agora.”

“*CHUUUU!*”

A voz aguda de Pikachu ecoou e o corpo de Ash novamente sentiu uma sensação insuportável de dor. Era o choque elétrico de Pikachu.

Todos presentes na despedida tremiam, tremiam e tremiam mais com a corrente de eletricidade.

“Sabedoria de dona de casa é sem igual mesmo.”

Professor Carvalho comentou, tendo saído do laboratório em algum momento calçando um par de botas de borracha e também vestindo as luvas de borracha de Ash.

“Essas luvas de borracha que a Delia pôs na mala serão úteis.”

“P-p-p-p-p-por que?” perguntou Ash, que continuava a ser eletrocutado.

“A borracha isola a eletricidade. Tanto luvas quanto botas,” respondeu Professor Carvalho.

“Excelenteeeeeeee,” exclamou Ash.

Hm... Pikachu deu de ombros e deu fim à sua descarga. Aparentemente a imunidade do Professor Carvalho cortou a onda dele.

Todos caíram pra trás e se encontravam completamente queimados por causa do Choque do Trovão.

Delia então se pronunciou, tendo voltado ao modo mãe depois do choque.

“Ash, lembre-se de vestir seu pijama quando for dormir.”

“Áh...?”

“Mesmo se ele estiver assim.”

Além de esfarrapado, o pijama do Ash agora também se encontrava preto de queimado.

Pikachu riu com um *Pipipi...* e exclamou “*Pikachu!*”

“*Consegui!*”

“*Te peguei!*”

A declaração de Pikachu provavelmente significava algo do tipo.

Continua no Capítulo 3

Apêndice 2.0

(Se estiver com pressa, fique a vontade pra pular pro Capítulo 3. Porém, pode ser que tenha informações importantes aqui que ninguém nunca ouviu antes.)

Material Referencial Pokémon #2

Em relação a um mistério que eu conheço se tratando de pesquisa Pokémon...

A primeira pessoa a publicar uma pesquisa sobre Pokémon foi um autor Francês do fim do século 18, Conde Tajirin. Mas se você for olhar registros do século 18, quando Tajirin viveu, não é só a época em que a primeira pesquisa Pokémon foi feita. Foi também a era em que pesquisas de várias outras criaturas começaram.

Tajirin vem de Satoshi **Tajiri**, o criador de Pokémon! Inclusive, além de compartilhar o primeiro nome com o Ash em japonês, é uma boa hora pra mencionar pra quem nunca se ligou (autocrítica) que o nome ocidental do Ash vem dele também! (**Ash** / **Satoshi**)

Até então, pesquisas de animais, plantas e seres lendários eram todas categorizadas juntas como coisas não-humanas. A única pesquisa notável veio da Grécia Antiga no século 4 A.C. de um estudioso chamado Aristóteles, que catalogou aproximadamente 500 variedades de animais, mas nenhum que aparentasse ser um Pokémon.

Tanto a França quanto a Grécia são escritas normalmente em katakana aqui em japonês, como geralmente são mesmo.

Aristóteles dividiu as criaturas em quatro grandes grupos: humanos, animais com sangue, animais sem sangue e animais que pareciam plantas.

Animais sem sangue incluem insetos, mariscos, polvos e lulas. Animais que parecem plantas incluem estrelas-do-mar e pepinos-do-mar.

A maior categoria, animais com sangue, era dividida em mais duas subcategorias, animais que dão a luz a seus filhotes e animais que botam ovos.

Animais que dão a luz a seus filhotes são os que nós chamamos atualmente de mamíferos. Animais que botam ovos incluem pássaros no céu, criaturas que rastejam pela terra (cobras, lagartos, sapos) e peixes na água.

Surpreendentemente, Aristóteles já classificava baleias separadamente de peixes. Ele raciocinou que já que as baleias respiram ar, elas devem ter pulmões, e chegou a conclusão que elas dão a luz à seus descendentes.

Contudo, Aristóteles desconhecia os Pokémon completamente.

Depois de Aristóteles, não houve pesquisa nenhuma nessa linha até o século 18.

Era uma opinião comum que dentre todas as criaturas da Terra, as maiores, escolhidas por Deus, eram os humanos, e que não tinha razão pra examinar outras espécies a fundo.

Não foi até o século 18 que opiniões mudaram pro pensamento de que para se entenderem melhor, a humanidade também deveria entender outras criaturas.

Na segunda metade do século 18, um estudioso Francês chamado Lamark foi responsável por liderar o movimento para o estudo avançado de animais e plantas.

Porém, houveram criaturas que eles não conseguiram documentar claramente. Por exemplo, eles não conseguiram registro definitivo nenhum de criaturas lendárias como dragões e sereias. Conde Tajirin era uma das pessoas que estudavam tais criaturas.

Na época, havia somente 30 espécies conhecidas de Pokémon. Por exemplo... Charizard, o Pokémon Chamas, tinha semelhança a um dragão... enquanto o Pokémon Jato de Bolha, Vaporeon, tinha semelhanças a sereias (acredito que você conheça o conto d'*A Pequena Sereia*, onde é dito que sereias viram espuma quando morrem. Eu imagino que é daí que o termo Pokémon Jato de Bolha possa ter vindo.), então é natural que algo parecido com criaturas lendárias como dragões e sereias existia.

No caso o narrador se refere à versão original de *A Pequena Sereia*, lançada pelo dinamarquês Hans Christian Andersen em uma coletânea em 1837. Na história, é dito que humanos têm alma e vão pro céu quando morrem, enquanto sereias só viram espuma marinha. No caso, essa é uma das principais motivações dela querer virar humana na história. O fim é bem diferente do filme da Disney inclusive, o príncipe acaba com outra e ela recebe uma oferta pra matar ele e virar sereia de novo mas acaba se jogando no mar por piedade, virando espuma e depois se tornando uma sílfide e sendo recompensada com uma alma por ter se sacrificado. Doideira.

Contudo, ainda há mistérios. Como a origem do termo Pokémon.

Pocket Monsters, ou monstros de bolso... de onde esse nome veio?

De acordo com os documentos existentes, não foi até o ano de 1925 que foi descoberto que Pokémon podiam ser guardados em objetos pequenos como Poké Bolas ou cápsulas. Essa descoberta revolucionária foi feita inteiramente por acidente pelo estudioso japonês Professor Westwood.

Enquanto examinava a energia da raiva da espécie de Pokémon Primeape, ele acidentalmente o enfraqueceu com uma overdose de medicamentos e levou o Pokémon a ser acidentalmente capturado dentro da capa de seus óculos de leitura, esquecendo sua raiva completamente e caindo no sono como um anjinho. Esse é um evento famoso entre pesquisadores Pokémon.

Um descendente do Professor Westwood apareceu no anime no episódio 66, “A Solução da Evolução,” que estreou no Japão um ano depois do lançamento desse volume. Eles são uma linhagem de pesquisadores, com o do anime sendo o 5º Professor Westwood, que foi responsável por escrever as descrições da Pokéagenda de Kanto.

Westwood foi uma tradução literal do anime pro nome japonês dele, Nishinomori (nishi = **west** [oeste] / mori = **woods** [floresta]). **Nishinomori** vem do Kōji **Nishino** e do Ken Sugimori, ambos super importantes no desenvolvimento dos jogos da franquia, com o Nishino sendo game designer na maior parte dos jogos até hoje e o Sugimori o ilustrador lendário.

Então do que os Pokémon eram chamados antes da descoberta do Professor Westwood? Pare pra pensar. Chamamos

eles de Pokémon porque eles podem ser guardados nos nossos bolsos, então antes de sabermos disso não dá pra eles terem sido chamados de Monstros de Bolso. Contudo, não há outro nome pra Monstros de Bolso além de Monstros de Bolso registrado na história.

O nome pelo qual Conde Tajirin se referia aos Pokémon é desconhecido.

Independentemente do que eles eram chamados, Pokémon claramente existiam, mas me incomoda que esse seja o único nome que restou.

É só uma suposição pessoal, mas eu acredito que os Pokémon tinham outro nome nos tempos de Conde Tajirin. Por que esse nome foi apagado? E por quem? Apropriadamente, o nome Monstros de Bolso por si só carrega uma certa quantia de mistério.

Além disso, pesquisadores Pokémon famosos como o Professor Westwood e o Professor Carvalho se aposentaram de fazerem estudos públicos em certo ponto. No século 18, Conde Tajirin parou de publicar suas pesquisas após descobrir 30 variedades de Pokémon. Desde então, essa se tornou uma tendência entre vários pesquisadores Pokémon de respeito ao redor do mundo.

Por que isso ocorre? Por que eles deixariam o meio depois de ganharem reconhecimento por seus estudos?

Independente disso, mais e mais pessoas que amam Pokémon entram no meio de pesquisas todo ano.

Também há novos Pokémon sendo descobertos toda hora. Na era de Conde Tajirin tinham 30 espécies conhecidas, na do Professor Westwood tinham 80 e atualmente existem oficialmente 151... É provável que esse número aumente nos próximos anos. Poderiam facilmente haver novas espécies reveladas amanhã mesmo.

O número 30 é uma referência ao fato de que, inicialmente, só achavam que 30 Pokémon iam caber no cartucho de Red & Green, até a Nintendo aumentar o investimento e permitir todos os 151, como detalhado no mangá biográfico do Satoshi Tajiri.

Nessa era, outras criaturas têm rumado à extinção. As únicas outras formas de vida descobertas foram novas formas de bactérias e vírus. Por que será que só o número de Pokémon aumenta...? (Ou melhor, por que só Pokémon são descobertos?).

É um mistério. Pokémon são cobertos de mistério. E é por isso que os humanos são tão fascinados por eles.

-Um Pesquisador Pokémon
Anônimo sem Absolutamente Relação
Nenhuma com o Professor Carvalho

Trecho Retirado de um E-mail enviado a Bill Sonezaki
Um Analista Pokémon Participante da
98ª Conferência Acadêmica Internacional de Monstros de
Bolso

Capítulo Três

Spearow no Dia da Partida

Ash se trocou e começou sua jornada com sua mochila nas costas. Porém, as coisas já começaram a se complicar logo no princípio.

A colina com vista pra Cidade de Pallet, cuja subida normalmente levava trinta minutos, tinha levado duas horas pro Ash subir.

O fato de que o sino de fim de dia na escola primária tinha acabado de tocar era prova disso. Só dele ainda conseguir ouvir o sino, que fica no centro da cidade, indicava que ele ainda não tinha chegado nada longe. Ele progredia tão lentamente que se eu comparasse a velocidade dele à de uma tartaruga, um Squirtle provavelmente ligaria pra reclamar.

O motivo disso era a falta de cooperação do Pikachu. Não só ele não entrava na Poké Bola, como também se recusava a seguir o Ash.

Pra forçar o Pikachu, que se recusava a dar um passo sequer, a ir com ele, Ash não teve opção a não ser usar seu varal como coleira. Ele vestia as luvas de cozinha de borracha pra se proteger dos choques elétricos e puxava o varal com toda sua força. Não era uma cena muito bonita. Preso andando com um Pokémon que não escutava uma palavra que seu mestre dizia.

No topo da colina, Ash deu uma pausa pra recuperar o fôlego e decidiu tentar se conectar com o Pikachu de novo.

“Áhhh. Pikachu. Vai se comportar assim o tempo todo?”

Pikachu virou as costas, irritado.

“Você me odeia tanto assim mesmo?”

Pikachu educadamente concordou com a cabeça duas, três vezes.

“Eu gosto de você.”

Pikachu fingiu ignorar o Ash e coçou o rosto usando os antebraços.

“Você é meu Pokémon agora, mas eu sou treinador, não vidente. Você não pode me ajudar?”

Pikachu mostrou os dentes.

“Ãh... Você vai me morder com esses dentes aí?”

Ash tomou uma posição defensiva, mas Pikachu chacoalhou a cabeça e apontou pros próprios dentes.

“Quê? Ah... Você tá me mostrando que tem dentes?”

Pikachu confirmou com a cabeça.

“Ah, eu disse que eu *não sou* vidente, não que eu *não vi* dente. Você não quer conversar?”

Pikachu concordou impaciente com a cabeça, como quem diz... *Finalmente o idiota entendeu...*

Em japonês, Ash pede pro Pikachu **falar** (話し hanashi) com ele, mas o Pikachu entende **banguela** (歯なし ha nashi).

“Eu não tô afim de ficar fazendo esquete de comédia. Então que tal agir como um Pokémon de verdade e entrar na Poké Bola? Como diz a Pokéagenda.”

Ash tirou a Pokéagenda que o Professor Carvalho lhe deu do bolso.

No topo da Pokéagenda existia um sensor parecido com o de um controle de TV. Quando apontado pra um Pokémon, uma descrição do Pokémon em questão apareceria na tela. Era um item essencial dado a todos os candidatos a treinadores que conseguiam seus primeiros Pokémon de um laboratório oficial.

Ash apontou a Pokéagenda pro Pikachu e leu o que apareceu.

“Pikachu, uma espécie de Pokémon que normalmente vive em florestas e come berries. Tendem a ser gentis, altamente inteligentes, altamente charmosos...”

Ash foi dando ênfase em palavras como “gentis” e “charmosos” de propósito.

Pikachu... simplesmente concordou com a cabeça, como se tudo aquilo fosse completamente óbvio.

“Tudo isso aqui tá descrevendo sua espécie...”

Ash parou no meio assim que chegou na parte que ele queria discutir com Pikachu.

“Ah, aqui ó, tá escrito bem aqui... “Um Pokémon que se dá bem com seus donos.”... Viu? Esse é o comportamento típico de Pokémon, então você devia se conformar.”

Pikachu apertou um botão no topo da Pokéagenda. A tela mudou. Era um provérbio no apêndice da enciclopédia.

“Áh?”

Ash leu o que ele dizia.

“Toda regra tem suas exceções. Essa é a regra das regras.”

Pikachu apontou pra si mesmo.

“*Então sempre vai ter um Pikachu que não vai escutar o que seu dono diz...*” murmurou Ash.

Isso aí! Pikachu encheu o peito de orgulho por finalmente ter conseguido transmitir o que queria dizer.

Ash chegou à conclusão de que insistir nessa discussão não iria levar a lugar nenhum.

“Então tudo bem. A gente faz o que tiver que fazer pra se dar bem. Vamos nos livrar disso.”

Ash desamarrou o varal do pescoço do Pikachu, removeu suas luvas de borracha e ofereceu um aperto de mão.

Tarde demais... pareceu ser a reação do Pikachu baseado no ‘Hmf!’ seco que ele deu.

“Se aperto de mão não rola, que tal isso?”

Ash ofereceu seu dedo indicador. Ele se lembrou de um filme que sua mãe Delia tinha em fita, o qual a tinha deixado em lágrimas.

Era uma história envolvendo um alienígena e um menino que formaram uma conexão tocando os dedos indicadores. Na visão infantil do Ash era só uma história boba pra fazer meninas chorarem, mas a esse ponto ele estava disposto a tentar qualquer coisa pra se dar bem com o Pikachu.

Referência a *E.T. o Extraterrestre* (1982)

Porém Pikachu, obviamente não cultuado com filmes antigos, só virou de costas irritado novamente.

“É, foi uma ideia meio burra... Não vai funcionar que nem com o alienígena.”

Pikachu deu de ombros, como quem queria dizer que ele falou coisas óbvias.

Mas então aconteceu.

Os olhos de Pikachu travaram instantâneamente em um ponto da grama alta. Ele encara o lugar intensamente, ignorando completamente a presença de Ash.

“Ãh? Que que foi?”

Ele seguiu o Pikachu conforme ele partia a grama e avistou Pidgey, o Pokémon Passarinho, que se mexia pra lá e pra cá bicando o chão. Provavelmente procurava algo pra comer.

O Pokémon passarinho era uma espécie comum que o Ash sempre via por aí. Mesmo assim, ele foi em frente e apontou o sensor da Pokéagenda pra ele. A descrição na tela disse o seguinte...

Pidgey, o Pokémon passarinho voador... Entre todos os Pokémon voadores, é o mais gentil e fácil de capturar. Um Pokémon perfeito para que um treinador iniciante teste suas habilidades.

“Nesse caso... Beleza, Pikachu, pegue ele!”

Pra pegar um Pokémon, primeiro você precisa que seu Pokémon o enfraqueça em uma batalha antes de o capturar numa Poké Bola. É o básico de como pegar um Pokémon.

Porém, quando se deu conta de que seu oponente era um Pidgey, Pikachu decidiu se deitar e relaxar em vez disso.

“Pikachu, o que cê tá fazendo?”

Pikachu, irritadamente, pressionou um botão na Pokégenda de Ash. Ela mostrou outro provérbio.

Um Pikachu sábio não gasta eletricidade à toa. Isso significa que os fortes preferem não comprar brigas insignificantes com os fracos. Esse provérbio também é conhecido por ser usado por companhias de eletricidade durante campanhas de economia de energia.

Pikachu concordou com a cabeça.

“Então você não vai lutar?”

Pikachu fingiu que não era com ele.

“Mas por que não?”

Como quem diz *Cala boca...*, Pikachu escalou uma árvore por perto e deitou de bruço.

“Ah, é assim é? Beleza então. Tá certo, eu entendi o recado. Se vai ficar de birra então eu pego aquela coisa sozinho. Meu sonho é me tornar um Treinador Pokémon. Eu vou ser o melhor Mestre Pokémon de todos. É isso, eu declaro agora aos Pokémon do mundo. Já me decidi. Eu vou ser o Mestre Pokémon número um.”

Ash começou a gritar mais com ele mesmo do que com o Pikachu.

“Se eu não conseguir pegar nem um mero Pidgey sozinho, então que eu... Isso aí!”

Ash concorda consigo mesmo e joga a mochila no pé da árvore.

Ele virou seu boné Pokémon precioso pra trás, o qual ele tinha ganhado da *Quadrinhos Pokémon*, e segurou uma Poké Bola em sua mão.

Mais tarde no anime, Ash revela que o boné é um dos 100 bonés de edição limitada da *Exposição de Liga Pokémon* (o símbolo é um **L**, de **Liga**) dados em uma promoção e que mandou, tipo, um milhão de cartões postais pra conseguir. Ainda dá pra encaixar com a promoção ser da revista.

“Esse é meu lançamento cerimonial de estreia.”

Ele a segurou no alto e levantou sua perna no ar.

“Pidgey, você é meu! *Poké Bola, vai!*”

A Poké Bola foi libertada de seus dedos. Foi um lance direto e reto, ele foi confiante no manuseio. Em jogos de beisebol na escola, seus lances eram tão controlados que eles sempre acertavam exatamente no centro, levando à nove strikes seguidos de batedores e uma troca de times.

“Minha bola reta nunca erra!”

Foi um lance perfeito. A mira dele foi na mosca.

“Peg...”

Ash começou a falar “Peguei.” Porém... a Poké Bola acertou o Pidgey, soltou algo parecido com fumaça e caiu no chão.

Pidgey nem pareceu surpreso com a tentativa de captura.

“*Piiii*,” simplesmente bocejou.

“Por que... não funcionou?”

A Pokéagenda exibiu novas informações...

Use Poké Bolas depois de enfraquecer... Poké Bolas devem ser usadas em Pokémon quando eles estão cansados ou enfraquecidos. Usar uma Poké Bola contra um Pokémon não enfraquecido é consideravelmente ineficaz.

Ash resmungou pra si mesmo enquanto ia pegar a Poké Bola caída.

“Eu sei disso, mas...”

“*Pipipikachu.*”

Em cima da árvore, Pikachu se matava de tanto rir, com mãos na barriga e tudo.

Ash rangeu seus dentes.

“Droga Pikachu! Só espera, fica vendo, eu que vou... eu que vou rir por último!... Áh?”

Ash notou sua mochila no pé da árvore.

“Verdade. Vamos tentar você...”

Ele não se referia ao Pikachu. Ele tinha tido uma ideia.

Ele tirou seu pijama queimado da mochila e então se aproximou de mansinho de um Pidgey deitado na grama.

“Quietinho, não tem nada a temer.”

Kss... Os passos de Ash chacoalhavam a grama.

Mas o quê?... Pidgey olhou diretamente pro Ash.

“Ah... Oi...”

Quem é?... “*Pidgey?*” piou Pidgey, esticando a cabeça.

“*ME DESCULPA!*”

Ele pulou no Pidgex com seu pijama esticado. Pidgex agora estava preso lá dentro.

“Beleza! Pidgex, te peg...”

Ash estava prestes a dizer “Peguei” mais uma vez.

Mas com um som parecido com o de um ventilador, o pijama começou a inflar.

“Ah... Que... O que tá acontecendo?”

Como confirmado pela Pokégenda mais tarde... era o golpe especial do Pidgex, Rajada.

O pijama então ficou tremendo de pé, lançando uma forte nuvem de poeira pelo buraco dos braços. Esse era um golpe especial conhecido como Ataque de Areia.

Os botões voaram da parte de cima do pijama e ele estourou que nem uma bexiga.

Pidgex continuou seu intenso Ataque de Areia, que tava mais pra uma tempestade de areia.

Ash ficou coberto de areia.

“*Pidgex. Pidgex.*”

Pidgex riu de cima de uma árvore, tirando sarro do Ash cheio de areia. Ele estava acostumado a ver um Pidgex sair de um relógio pra dizer a hora, mas...

“Pelo jeito um Pidgex de verdade é bem diferente do de um Relógio Pidgex.”

No caso, como eles chamariam um relógio cuco.

Sem nem olhar pra Pokéagenda, Ash lembrou de mais um provérbio.

Mais vale um Pidgex na mão que dois voando.

Esse dia inteiro tinha sido nada além de desastre atrás de desastre, e parecia que ia acabar com um gosto amargo. Mas Ash não tinha tempo pra reclamar.

Algo terrível tinha acontecido com sua mochila deixada no pé da árvore. Em algum momento, um pequeno Pokémon tinha se aproximado e começado a comer as coisas dentro dela.

Afobado, Ash mandou um xô pra espantá-lo. Porém, a mala já estava em pedaços.

“Ah, fala sério.”

Pikachu, indiferente, só deu de ombros olhando de cima da árvore.

“O que foi isso...?”

Ash apontou a Pokéagenda pro pequeno Pokémon, que ainda o observava da grama.

Um Rattata selvagem, um Pokémon rato da floresta. Ele gosta de nozes e queijos.

“Tá, mas isso não é uma floresta. É um campo aberto,” protestou Ash à explicação da Pokéagenda.

Ele ocasionalmente também surge em campos abertos pra roubar comida de viajantes trouxas.

“Tr... trouxe, eu?”

Isso aí... concordou Pikachu com a cabeça. Pidgey também tirou sarro dele, colocando a cabeça pra fora da grama alta pra rir, *pippipippi*, soando como um relógio.

“Ughhhh... Eu te pego por isso!”

Perdendo a cabeça, Ash catou uma pedrinha e a tacou no Pidgey. Mas ele errou. Nem o controle da mira do Ash é sempre perfeito.

Ash estava fervendo agora.

“Dessa você não escapa!”

Ele correu atrás dele pela grama alta. Pidgey voou pra longe só de sacanagem.

“Tch... Como é que as coisas chegaram a esse ponto... Hm?”

Além da grama alta, ele avistou outro Pidgey de costas pra ele. Ele não tinha notado o Ash.

“Beleza! Eu te pego dessa vez.”

Ash tacou outra pedrinha.

Konk! O barulho ecoou já que a pedra, bem na mosca dessa vez, o acertou em cheio na cabeça.

“Ahá! Toma essa!”

Um grande galo cresceu na cabeça do Pidgey.

Porém, o Pidgey se virou e... tinha algo errado. Em outras palavras, o Pidgey na verdade não era um Pidgey. Ele tinha olhos maldosos, um bico afiado... E seu som...

“*Guaguidá!*”

“Guaguiá... peraí, o que?”

Ash apontou a Pokéagenda pra ele. Ela puxou as informações do Pokémon.

Spearow... Também um Pokémon passarinho, mas diferente do Pidgey, ele tem uma conduta péssima. Algumas vezes ataca humanos e outros Pokémon...

“Ele ataca humanos? Ah...”

Spearow já tinha começado a voar e avançava em alta velocidade em direção a ele.

“Ôoooo...”

Ash cobriu sua cabeça e correu pra baixo da árvore onde Pikachu se encontrava.

O Spearow bateu na manga de Ash quando passou por ele. Mas ainda não tinha desistido dele.

Lá vem! Spearow se movia diretamente na direção do Ash dessa vez. Porém, repentinamente mudou a trajetória de seu mergulho; tinha notado Pikachu em cima da árvore. Ele agora era seu novo alvo.

“Ãh?” “Pika?” Tanto Ash quanto Pikachu se surpreenderam com a mudança repentina.

Pikachu instintivamente se esquivou, evitando o ataque do Spearow por pouco. Spearow virou no ar e avançou no Pikachu mais uma vez.

Pikachu fez sinal de não com suas pernas dianteiras...
Relaxa aí, não quero briga não... Ele tentou explicar enquanto esquivava.

Mas o Spearow foi persistente e continuou a mergulhar em direção à ele de novo e de novo.

Ash olhou pra Pokéagenda.

“Fui eu que taquei a pedra. Por que ele tá atacando o Pikachu?”

Ele apontou o sensor da Pokéagenda pro Spearow e a tela explicou...

Pokémon selvagens tendem a ser mais hostis com Pokémon treinados por humanos do que com humanos em si.

“Tá de brincadeira... Então tá...”

Ash gritou com o Spearow.

“Se afasta! O Pikachu não tem nada a ver com isso, eu que atirei a pedra!”

Porém, a esse ponto Spearow não tinha interesse nenhum em dar atenção alguma a ele. Só estava focado em atacar o Pikachu.

O bico do Spearow pegou no ombro do Pikachu. Pikachu se desequilibrou na árvore.

Então Spearow avançou com seu bico no Pikachu quase caindo. Pikachu estava prestes a ser perfurado.

... Não tinha outro jeito.

Pikachu rodou no ar enquanto caía pra se defender. O único jeito de se defender no meio do ar era lutando. Spearow instintivamente já hesitou.

“Piiiiika...CHUUUUU!”

Raios piscaram.

Um único golpe.

Spearow caiu de volta na grama.

“Beleza...”

Ash correu pro Pikachu, que caiu no chão. Mas Pikachu só chacoalhou a cabeça. Ele olhou pra onde o Spearow tinha caído.

De repente, o Spearow ressurgiu, sua cara preta de queimada. Ele apontou sua asa pra Ash e Pikachu.

“Guaguiááá!” Ele emitiu um som bem alto. Na língua do Spearow, provavelmente significava algo como “PEGUEM ELES!”

Depois do som sinalizador, a grama chacoalhou e eles apareceram. No caso, uma horda inteira de Spearow.

Eram quase impossíveis de contar. Tinha muitos deles.

Só o som do bater de asas deles já eram mais altos que uma gangue de motoqueiros rugindo os motores na praia no fim de semana. Se a gente só comparasse com outras coisas que voam, provavelmente também seria mais alto que uma frota de helicópteros.

Ash ficou boquiaberto... Porém, quando ele finalmente conseguiu falar ele fez uma pergunta ao Pikachu.

“Correr?”

“Pikachu...” Pikachu mal chiou sua resposta. Nem tem necessidade de traduzir o que ele disse aqui.

Essa foi a primeira vez que Ash e Pikachu concordaram em algo desde que se conheceram.

Eles começaram a andar pra trás lentamente, sem tirar os olhos da horda de Spearow. Então eles concordaram com a cabeça em união, se viraram e meteram o pé.

Como se tivessem esperando uma deixa, os Spearow começaram a perseguição. Seu alvo era, é claro, Pikachu.

Pikachu e Ash correram e correram mais.

Enquanto corriam, parecia que passavam por vários outros Pokémon.

“Ah... Olha lá um...”

Mas Ash não teve tempo de pegar a Pokégenda e a apontar pra eles. Tinha hora certa pra tudo.

Corre que corre. Correria e mais correria.

Ainda que a horda de Spearow já era grande quando começou, amigos chamaram mais amigos, progressivamente aumentando seus números.

À esse ponto, em vez de só um grupo grande, parecia mais como se metade do céu inteiro estivesse atrás deles.

Corre cotia na casa da tia, corre cipó na casa da vó...

“Segura firme, Pikachu! Eu prometo que vou te salvar!”

Declarou um Ash se matando de correr pra escapar assim que ele passou o Pikachu.

“*Pikachu...*”

Tanto faz... Pikachu apertou o passo e passou Ash de volta.

“Ô, eu acabei de dizer que ia te salvar! AIAIAIAI!”

A cabeça de Ash foi bicada pelos Spearow liderando a horda. Porém, os ataques dos Spearow continuavam mais

direcionados ao Pikachu do que ao Ash. As bicadas e batidas de asa causavam feridas feias no Pikachu. Ele mal conseguia se manter de pé.

Mesmo assim, Ash e Pikachu correram. E correram. E continuaram a correr mais e mais.

Fugindo, fugindo e fugindo mais... Mas no meio da fuga, surge então um penhasco logo à frente, com uma cachoeira fluindo dele.

Ash e Pikachu acabaram encurralados na beira do penhasco.

Hesitação, consideração e pensamento... O tempo era curto com os Spearow se aproximando.

“Bom, lá vamos nós.”

Ash abraçou Pikachu firmemente e pulou da cachoeira. Os dois caíram cachoeira abaixo.

Na frente da cachoeira havia uma área de mergulho, e além da cachoeira havia uma forte corrente que deixaria qualquer um muito tonto.

Tudo que Ash pôde fazer foi continuar a segurar o Pikachu pra que eles não se separassem. Mesmo procurando algo pra se segurar, não havia nada, então ele simplesmente se segurou firme ao pequeno Pikachu.

A corrente severa gradualmente foi acalmando e eles foram cuspidos num lago, onde Ash se viu perdendo o fôlego e caindo cada vez mais fundo.

Que... Eu tô me afogando... Meleca...

Ash se esforçou pra conseguir olhar ao seu redor debaixo d'água...

Ele vislumbrou rapidamente duas grandes presas desconhecidas. Ele não conseguiu identificar o Pokémon direito pela água embaçada, mas parecia claro que ele considerava o Ash e o Pikachu como nada mais que comida.

Ash lutou pra nadar pra superfície e evitar uma morte certa, porém ele só tinha um braço livre já que ainda segurava o Pikachu. Parecia que ele não se aproximava nada da superfície.

O abismo escuro além das presas se aproximava por trás dele... Ou melhor, a boca de algo. Seja lá o que fosse, ainda estava atrás de Ash e Pikachu.

“Ih...!”

Ash lutava furiosamente.

Ele então agarrou algo com seus dedos. Era algum tipo de linha brilhante. Contanto que fosse algo para se segurar, ele aceitava até teia de Pokémon aranha.

Segura, segura. Contanto que tenha algo pra se segurar, vai nessa.

Ash enrolou a linha na mão e segurou firme.

Uma garota sentava-se sozinha perto do lago com uma vara de pescar. Ela tinha a mesma idade que Ash.

A menina estava nesse lago, o Lago Senome, pra tentar pegar um Pokémon misterioso que ali vivia de acordo com rumores. Praticamente qualquer lago tinha lendas de Pokémon

misteriosos os habitando. Alguns exemplos famosos incluem a Nessie do Lago Ness, Kussie do Lago Kutcharo ou Biwahoussie do Lago Biwa. Nesse lago, havia o Lessenome.

Lago Kutcharo é um lago no norte de Hokkaido, a região do Japão que inspirou Sinnoh. No caso, ele é equivalente ao **Lake Acuity** em DP. Porém, na verdade, a lenda original diz que o monstro (Kussie) vive no **Lago Kussharo** no leste de Hokkaido, que é equivalente ao **Lake Valor** em Sinnoh.

Enquanto isso, o **Lago Biwa** é equivalente do Japão ao **Lake of Rage** de Johto. O nome do monstro, Biwahoussie, não é inspirado em nenhuma lenda em específico e é um trocadilho com Biwa Houshi, que eram monges cegos que tocavam o instrumento alaúde.

Senome, no caso, é um trocadilho pra Sem-Nome.

Era impossível dizer se tal Pokémon realmente existia ou não, é possível que alguém tenha confundido outro Pokémon com ele. Mas afinal de contas, descobrir a verdade por conta própria era parte da graça.

Durante sua jornada, a garota tinha ouvido falar de um lago na região e já acampava lá há três dias com sua vara de pescar. Até então, ela não tinha conseguido pegar nada demais; mas é aquilo, enquanto você não tem linha na água não pega nada, e a lenda do Pokémon misterioso tinha um certo romantismo atrelado à ela. Então pescaria era uma aventura romântica pra menina.

Tudo que ela tinha pego hoje eram Pokémon bestas, como Magikarp... Era quase hora do pôr-do-sol e ela estava prestes a começar a se preparar pra ir embora.

Mas de repente, a boia de pesca na vara de pescar da garota começou a se mexer

"Hm? Veio aí. Chegou. Esse é dos grandes..."

Puxando a linha, ela logo veria o quão grande sua pesca era.

"Talvez seja o Lessenome... Uufff."

A garota riu consigo mesma, enrolando a linha no ritmo certo.

A base da pescaria é um ritmo bom. Se acertado, até uma menina de dez anos consegue fisgar um dos grandes. Além disso, essa era uma garota que tinha ficado no top quatro de uma competição local de pescaria pra meninos e meninas por três anos consecutivos. Ela era mais do que capaz de fisgar Pokémon mais pesados do que ela própria.

"Agora!"

A menina tinha escolhido o momento pra puxar. Ela soltou um grito alto e uma força sobre-humana surpreendente pra acompanhar.

E com uma jorrada de água, Ash foi fisgado.

"Que. Um humano, hein... Pior ainda que pegar Pokémon besta."

Andando fixada no sonho de pegar o Pokémon misterioso, a garota pareceu não ligar pro mistério de como ela tinha pegado um humano.

Mesmo assim, ela notou o Pikachu que Ash segurava.

"Que? Um Pokémon..."

Tendo sido bicado pelos Spearow, Pikachu estava coberto de feridas.

"Que machucados feios... Você tá bem?"

Contudo, Ash também tinha sido completamente bicado pelos Spearow, e acabou achando que a menina estava preocupada com ele. Ele a agradeceu.



“Obrigado, você me salvou, eu...”

“Não você.”

Do nada, a menina meteu um tapa na cara do Ash.

“Qual o seu problema?!”

“Eu que o diga! Por que seu Pokémon tá nesse estado?

Pobre coitado...”

A garota encarou Ash enquanto gentilmente fez carinho na cabeça de Pikachu.

“Você acha que é minha culpa? Olha, eu tô meio que acabado aqui também...”

A parte de trás do colete dele tinha sido completamente destróçada pelos ataques dos Spearow.

“Não discute comigo, ele precisa de um médico o mais rápido possível. Não é longe daqui...”

A menina tirou um mapa do bolso e o abriu no chão.

“Tem tratamento médico disponível no Centro da Cidade de Viridian...”

“Tem um hospital?”

“Não pra você. Um hospital Pokémon.”

“Ah... Tendi... Então... pra que lado fica Viridian?”

“Pra lá.”

A jovem apontou pra um caminho reto pela floresta.

A hora tinha chegado. Além do lago, ouvia-se o barulho terrível: o barulho das asas dos Spearow batendo. O pôr-do-sol no oeste se encontrava coberto por um bando de Spearow, como se fossem uma nuvem. Eram tão grandes em números que o ar em si

tremia e ondinhas se formavam na superfície do lago. As ondas borbulhantes gradualmente se aproximavam.

“Tá vendo aquilo?” Ash perguntou à menina.

“Tô sim,” ela concordou com a cabeça. “Tem muitos deles.”

“A gente deveria correr?”

“Não é problema meu.”

“Bom, mas é meu. Eles tão com raiva de mim.”

“Nesse caso, é melhor você começar a correr.”

“É, também acho.”

Ash notou uma bicicleta perto da garota. Ele colocou Pikachu na cesta da bicicleta e se mandou nela.

“Tô pegando emprestado!”

“Ah... Minha bicicleta...”

“Eu te devolvo um dia.”

Ele a deixou com aquelas palavras começando a pedalar e meteu o pé. Velocidade máxima à frente.

“Minha bicicleta... Como é que eu vou voltar sem ela... Grrr, espera aí!”

A menina correu atrás de Ash. Mas não tinham chances dela conseguir acompanhar a bike.

A horda de Spearow passou acima da menina.

“Tá de brincadeira.”

A garota saiu do chão só pela força bruta gerada pelo bater de asas deles. A horda de Spearow nem prestou atenção na garota enquanto perseguiam a bicicleta; seu único interesse era Pikachu e

Ash. Mas com um bando grande daqueles, parecia que a bike da menina ia acabar sendo dano colateral.

A garota ficou pálida só de imaginar a bike destruída.

“Segura aí, espera um pouco!” a menina gritou pros Spearow, que se afastavam mais a cada segundo.

“Ô, minha bike não tem nada a ver com isso, não! É bom vocês não TRINCAREM nela!!”

A jovem ficou cada vez mais irritada.

Sério, aquele cuzão... Como é que ele pôde deixar um Pokémon fofo daqueles ficar naquele estado. Aí ele vai e leva minha bike sem nem pedir... Quando eu encontrar ele, ele vai pagar... Grrr, sério, eu tenho azar demais com homem... Eu não vou perdoar ele...

Só lembrando, essa menina que tem azar demais com homem ainda só tem dez anos.

Na trilha da floresta, Ash e Pikachu continuavam metendo o pé na bike.

“Aguenta firme! A gente tá quase chegando na Cidade de Viridian!”

Na cesta, Pikachu respirava com dificuldade enquanto olhava pra Ash. O dano que ele tinha tomado dos Spearow era ainda pior do que parecia inicialmente, ele mal conseguia se mexer.

Relâmpagos caíam no céu além das montanhas à distância. *Ping, plim...* gotas d' água escorreram pelo rosto de Ash. Começou a chover. O som dos trovões se estrondou.

Porém, ainda mais alto era o som do bater de asas dos Spearow. Normalmente, Pokémon passarinhos não voavam na chuva, mas os Spearow estavam tão focados em perseguir Pikachu e Ash que foi como se eles nem tivessem notado a mudança.

A chuva logo se tornou uma aguaceira violenta. Mesmo assim, os Spearow não recuaram. Como se tivessem se tornado um só com a chuva, os Spearow começaram a mergulhar e atacar.

A trilha tinha se tornado lama, o guidão da bike tinha ficado escorregadio e difícil de segurar.

Com nuvens escuras e os Spearow os cercando, o céu parecia completamente escuro.

Com gotas de chuva grandes caindo, o caminho à frente mal era visível. Como o rugido dos trovões, o ataque dos Spearow ficou ainda mais violento.

As rodas escorregaram. Ash perdeu o equilíbrio. E caiu. Ash e Pikachu foram arremessados da bike e desabaram no chão.

“Como é que a gente chegou a esse ponto!?”

Por que as coisas acabaram desse jeito?

Ash socou uma poça lamacenta, meio com raiva e meio triste. E não era só por ter caído da bike.

O despertador quebrado. Me atrasando. Aquele idiota do Gary. Não ter tido escolha de Pokémon. Pikachu se recusando a entrar na Pokébola. O Pidgey tirando sarro de mim. Rattata. Sendo bicado pelos Spearow, quase me afogando, quase sendo comido por um Pokémon monstro maluco, ter levado um tapa de uma menina aleatória e agora, finalmente, eu tô numa poça de lama.

Por que bem hoje tinha que ter sido um dia assim? Tem noção de quanto eu esperei por esse dia? O dia que eu saí de casa como Treinador Pokémon... O dia que eu tanto sonhei.

Não era pra ter sido assim.

Ash continuou a socar a lama repetidamente.

Naquele momento, um relâmpago piscou. Ele viu Pikachu deitado no chão na frente dele.

“Ãh...? Pikachu?”

O corpo de Pikachu se encontrava submergido até a metade na água lamacenta, ele mal conseguia respirar.

Ash pegou Pikachu em seus braços.

“Pikachu! O que tá rolando?”

“*Pikachu...*” Ele disse numa voz fraca, quase um suspiro.

“Não pode terminar assim!”

Olhando pra cima, os Spearow aguardavam o sinal pra lançar uma ofensiva total.

Um Spearow com a cabeça queimada gritou. Era o Spearow que tinha sido originalmente chocado pelo Pikachu. Parecia que ele liderava o ataque.

O bando inteiro de Spearow se mexeu pra atacar. Com todos aqueles bicos picando eles ao mesmo tempo, era certeza que Ash e Pikachu já eram.

Ash debateu o que ele poderia fazer, e então tomou sua decisão. Ele pegou uma Pokébola e a mostrou pro Pikachu.

“Pikachu... Entre aqui.”

Pikachu olhou pro Ash.

“Você deveria entrar,” disse Ash francamente.

Pikachu alternou seu olhar entre Ash e a Pokébola.

“Eu sei... que você odeia... ficar aí dentro. Mas se você entrar, pelo menos vai sobreviver. Então, entre, e eu cuido do resto.”

Ash colocou a Pokébola na frente de Pikachu. Então ele se virou pra gritar com o monte de Spearow...

“Ei vocês, sabem quem eu sou? Eu sou Ash da Cidade de Pallet, estou predestinado a ser o Mestre Pokémon número um do mundo! Eu não posso ser derrotado por Pokémon como vocês. Eu vou pegar cada um de vocês.”

Ash se levantou e abriu os braços.

Os Spearow pararam seu ataque na metade como se perguntassem, *o que esse idiota tá pensando...*

“Entenderam? Não se atrevam a encostar um dedo no Pikachu. Eu sou o seu oponente.”

Pikachu encarava as costas de Ash intensamente.

Ash falou com Pikachu sem se virar, encarando os Spearow ferozmente.

“Pikachu. Entre. Você já tá dentro... da Pokébola? Espero que esteja.”

Pikachu alternou seu olhar entre a Pokébola e as costas de Ash.

“Spearow! Uns pardaizinhos de nada que nem vocês não dão nem pro cheiro, não é à toa que te chamaram de espirro! E pra vocês nada deve ser mais intragável do que eu agora, né não?”

Atchim! Sniff! Vem pra cima.”

Vamo lá. A frase original completa é 「オニスズメ。たかが雀のお兄ちゃん、鷹よりオレがこわいのか。おれおれおれ! おにちゃん。こちら」Onisuzume. Takaga suzume no oniichan, taka yori ore ga kowai no ka. Ore ore ore! Onichan. Kochira”

É basicamente o Ash fazendo trocadilhos irritantes com o nome dos Spearow pra atiçar eles.

“**Onisuzume. Taka ga suzume no oniichan**” significa “Spearow. Vocês são meros irmãozinhos de pardal.” Spearow em japonês é **Onisuzume**, enquanto “irmãozinhos de pardal” se fala **suzume no oniichan**, então rola um trocadilho sonoro.

No caso, Ash usa o termo たか **taka** pra dizer “meros,” que também pode significar falcão (鷹 *taka*), então ele aproveita pra fazer outro trocadilho logo depois dizendo **taka yori ore ga kowai no ka, ou** “seria eu mais assustador que um falcão?”

Resolvi adaptar as piadas pra funcionarem em volta de “espirro,” já que é como o nome do Pokémon soa pra nós.



Ash acenou provocativamente.

Ora, seu...! Os Spearow perderam o controle.

Pikachu foi surpreendido por Ash. Ele achava que ele era nada mais que um grande trouxa, mas agora ele tinha começado a sentir algo por ele.

Pikachu deu uma última olhada na Pokébola.

E então deu um sorriso de leve.

Ele sabia o que tinha que fazer.

Ash abriu os braços e gritou

"Podem vir, seus pardaizinhos taquara rachada!"

O Spearow líder sinalizou com sua asa pros outros avançarem.

Eles mergulharam diretamente na direção de Ash.

Ash fechou seus olhos e sussurrou.

"Peguei vocês..."

Foi nesse momento que...

"Pikachu!"

Pikachu reuniu toda sua força, escalou as costas de Ash, subiu em seu ombro e alcançou sua cabeça... pulando em direção ao bando de Spearow que mergulhava em direção à eles.

O mesmo Pikachu foi então atingido por um raio.

A combinação do choque elétrico de Pikachu e o choque do raio jogou a chuva pra longe.

Os Spearow foram jogados pra longe.

Assim que o raio e o ataque elétrico se dissolveram... os únicos que restaram eram Ash, com seus braços abertos, e Pikachu

no topo de seu boné, também com seus braços abertos. Porém, seus corpos se encontravam completamente acabados e destruídos.

"Pegou eles?" sussurrou Ash pra ninguém em específico.

"*Pikachu...*" confirmou Pikachu com a cabeça.

Ash e Pikachu mantiveram a postura, seus corpos completamente rígidos, e desabaram de costas.

Água escorria gota por gota das folhas das árvores... reluzindo no crepúsculo da noite.

A chuva tinha parado.

Ash, até então inconsciente, finalmente voltava a si.

A bike caída tinha sido deformada pela descarga elétrica de mais cedo.

Pikachu se encontrava caído ao seu lado.

"Pikachu!"

Pikachu abriu seus olhos devagarinho.

"Eu... né?"

...Eu vou ser eu mesmo. Eu vou ser o Ash, o Pikachu vai ser o Pikachu, daqui em diante sou eu e o Pikachu... né? Ele tinha muito a dizer, mas as duas únicas palavras que saíram foram "Eu... né?"

Pikachu levemente concordou com a cabeça uma única vez.

E foi nesse momento que Ash e Pikachu o avistaram.

Ele voava majestosamente em direção ao pôr-do-sol com suas grandiosas asas. Com suas costas iluminadas pelo brilhante e vermelho pôr-do-sol, tudo que eles conseguiam ver era uma silhueta.

"O que... que é aquilo?"

Ash apontou a Pokéagenda pra ele. A explicação dela foi franca.

"Não há dados. Definitivamente é um Pokémon, mas ainda existem muitos Pokémon no mundo a serem identificados."

"Um Pokémon desconhecido..."

Porém, Ash logo voltou a si. Ele pegou Pikachu nos braços.

"A gente precisa tratar suas feridas urgentemente. Segura firme, a gente só precisa chegar em Viridian."

Ash seguiu apressado na trilha pra Cidade de Viridian.

Apêndice 3.0

(Se estiver com pressa, fique a vontade pra pular pro Capítulo 4. Porém, pode ser que tenha informações importantes aqui que ninguém nunca ouviu antes.)

Alerta Pokémon #1

Estudo Comportamental de Monstro de Bolso

por Condotara Laurence

Professora da Filial Amazônica da Universidade Safari

- Interações com Pokémon -

Até o momento, já houveram inúmeras mídias retratando Pokémon, incluindo desenhos, filmes e livros. Porém, pode ser argumentado que nenhuma delas já retratou os Pokémon verdadeiramente. Os Pokémon retratados nessas obras são meramente interpretações humanas dos Pokémon.

Falando em termos formais, eles são Pokémon antropomorfizados. E portanto, pode soar cruel, mas Pokémon são vistos de um jeito que é conveniente para humanos.

Pokémon são frequentemente vistos com diversas expressões... alegres, tristonhos, raivosos, etc. Contudo, essa é somente a interpretação humana; mas do ponto de vista pessoal deles... ou melhor, já que eles são Pokémon, não pessoas, talvez “Pokéal” seja um termo melhor que “pessoal”?

~ Risadas Moderadas da Plateia ~

Mas enfim, o ponto é que não há como perguntar a eles diretamente sobre seus sentimentos.

Pra começar, há Pokémon com temperamentos agradáveis que parecem compreender o dialeto humano, mas não há como ter certeza de que eles realmente entendem, já que não há como perguntarmos a opinião pessoal... Pokéal... deles.

Infelizmente, nosso estudo ainda não chegou ao ponto onde somos capazes de decifrar a linguagem de um Pokémon. Além disso, também não é certo se Pokémon se comunicam entre si verbalmente ou por alguma outra forma de transmitir informações.

Então, levando em conta a recente febre Pokémon, isso é algo que Pesquisadores Pokémon, Treinadores Pokémon, donos de Pokémon e quaisquer outros indivíduos envolvidos com Pokémon devem levar em consideração quando formularem suas opiniões sobre o assunto.

A verdade é que não sabemos nada sobre os pensamentos, sentimentos ou ações dos Pokémon que nos envolvemos.

É como a fábula d'*A Cigarra e a Formiga*. Tenho certeza que muitos de vocês conhecem esse conto clássico. É a história de uma formiga trabalhadora e uma cigarra descontraída que passa seus dias cantando. Porém, foram humanos que decidiram que a formiga era trabalhadora. Pode ser que a formiga em si não considere o que faz como trabalho. Do mesmo jeito, pode ser que o inseto conhecido como cigarra não cante por diversão. Talvez nem considere o som que faz como música. São humanos que o veem como algum tipo de fã de karaokê que se recusa a largar o microfone.

Os animais conhecidos como cachorros são popularmente vistos como altamente leais a humanos. Os animais conhecidos como gatos são frequentemente chamados de rabugentos. Mas espera aí... isso tudo é meramente baseado na percepção humana.

Talvez da perspectiva do cão, humanos são animais leais que os trazem comida.

Falando em cachorros, há muito tempo atrás surgiu a lenda do fiel cachorro Hachiko.

O cão Hachi ia na estação de trem todo dia para encontrar seu dono. O homem faleceu, mas mesmo assim, ele continuou a esperar, e esperar, e esperar na estação pelo retorno de seu dono, até o dia em que ele morreu.

E então, as pessoas pensaram: “O Hachiko esperou por seu dono até morrer. Que cachorro incrivelmente leal!” A história levou muitos donos de animais às lágrimas.

Como resultado, foi erguida uma estátua de bronze do cachorro na frente da estação.



História verdadeira! O dono dele, Hidesaburo Ueno, era um professor na Universidade de Tóquio que faleceu durante uma aula em 1925 por conta de uma hemorragia cerebral. Hachiko esperou por ele na estação de Shibuya por mais de 9 anos, até falecer em 1935. Além da estátua em Shibuya, também foi erguida uma segunda estátua em 2015 na Universidade de Tóquio.

Mas será mesmo que o Hachiko estava esperando por seu dono? Pode ser meramente a interpretação de humanos que o cão estava lá aguardando o retorno de seu dono.

É possível que a razão pela qual Hachiko foi para a estação tenha sido o vendedor de comidas deliciosas ou a presença de uma cadela bonitinha.

Pode até mesmo ser que como um cachorro, ele tenha tido alguma razão especial que só pode ser compreendida usando a lógica de um cão.

De qualquer forma, já que humanos não podem falar com cachorros, nunca houve jeito de definir claramente suas motivações.

Pode ser que você ache que eu tenha um coração de pedra por arruinar uma história tão bonita, mas o ponto que eu quero fazer é que fazer suposições sobre as ações de um animal baseando-se em lógica humana pode ser perigoso.

Cachorros coexistem com humanos desde os tempos antigos. Isso é um fato inegável. Porém, dito isso, determinar se eles realmente eram amigos ou servos leais da humanidade é menos certo.

Até mesmo humanos que podem se comunicar através de palavras escolhem trair uns aos outros. Eles podem mentir. E portanto, até mesmo conversando pode ser que você acabe entendendo os pensamentos do seu parceiro tão precariamente quanto você entende os de um cachorro.

Muito provavelmente, a razão pela qual cachorros se vincularam a humanos desde tempos antigos é simplesmente devido a alguma razão lógica especial de cachorro... É um bom jeito de se pensar sobre isso.

Pode ser que eu esteja soando repetido, mas eu vou dizer novamente mesmo assim. Quando interagimos com outras criaturas, não podemos fazer nenhuma suposição sobre elas baseada nos nossos padrões humanos próprios.

Atualmente, dentre Treinadores Pokémon e donos de Pokémon exóticos, já houveram vários acidentes resultantes de “fazer coisas com seu Pokémon.”

Exemplos de falta de noção incluem acabar eletrocutado tentando tomar banho com um Pikachu rabugento ou bicado por seu Pidgey quando você leva ele pra comer um espetinho de frango.

~ Risadas Forçadas da Plateia ~

Vocês acham engraçado, mas esses são acidentes que ocorrem rotineiramente.

Os donos ficam bravos e dizem “Eu só queria que meu Pikachu ficasse limpinho. Mas assim que eu tirei a roupa ele me traiu” ou “Eu só queria dar uma comidinha boa pro Pidgey, mas ele não entendeu.” E na frustração, os Pokémon acabam abandonados.

Como resultado, há regiões em que o número crescente de Pokémon vira-latas está começando a ser considerado um problema. Quando na verdade, os reais culpados são os donos.

Deixando tal baboseira de lado, também já houveram ocasiões onde Pokémon violentos machucaram ou até mesmo

matarem seus donos. Apesar de que muitos não admitem por vergonha, de acordo com registros não publicados, 86% dos Treinadores Pokémon já sofreram feridas causadas por seus próprios Pokémon.

Muitos desses acidentes ocorrem devido à arrogância humana de pensar “O Pokémon é meu, eu que mando nele.” Esses erros frequentemente são resultados de preconceitos que eles formam a partir de representações de Pokémon em desenhos, filmes e livros. O erro mais perigoso é tentar capturar um Pokémon que anda em hordas grandes de aliados.

Pokémon não são criaturas que existem simplesmente para servir humanos. Pokémon são Pokémon. Eles possuem diversos jeitos de viver nesse mundo.

Pokémon selvagens, particularmente, são especialmente imprevisíveis. As pessoas precisam acordar desse senso de segurança que elas têm em capturar e domesticar Pokémon selvagens e dar atenção a esse alerta da Conferência Acadêmica de Monstros de Bolso.

Trecho Retirado de uma Palestra Especial da
99ª Conferência Acadêmica Internacional de Monstros de
Bolso

Nota #1

O discurso da Professora Condutora Laurence criticando a febre Pokémon é uma opinião minoritária e é amplamente ignorada. A maior parte dos acadêmicos na conferência estavam animados com a pesquisa de um novo Pokémon descoberto recentemente.

-Analista Pokémon que Assistiu a 99ª Conferência Acadêmica
Internacional de Monstros de Bolso na TV

Trecho Retirado de uma Nota Reflexiva por Bill Sonezaki

Nota #2

O romance “*Pokémon: A Animação*” pode ser considerado como uma obra que vê Pokémon de um jeito conveniente para humanos. Ou seja, o livro que você está lendo. Porém, eu não vou retaliar as acusações da Professora Laurence. Esse romance não é escrito por um Pokémon ou para os Pokémon, é escrito de um humano para humanos. É natural que eu tenha que escrever de um jeito que humanos consigam entender.

Trecho Retirado de uma Mensagem Não-Enviada do Autor de
Pokémon: A Animação para a Professora Condutora Laurence

Capítulo Quatro

Ataque do Meowth

Quando Ash chegou na Cidade de Viridian, o sol tinha se posto atrás das montanhas e já estava escurecendo.

Com a Rodovia 2 atravessando-a, a Cidade de Viridian era uma cidade razoavelmente grande.

Rodovia 2 se refere à Rota 2 dos jogos, mas em japonês, é usado um termo diferente (国道二番線) do que os jogos (2番道路).

A Cidade de Pallet de Ash não tinha tido crimes notáveis há mais de 100 anos, e portanto, não havia policiais ou delegacias. Em vez disso, eles tinham uma organização privada de bombeiros, que se chamam de “Guarda-Chamas”, rondando toda noite.

Mas naturalmente, a Cidade de Viridian tinha delegacias; tinha até mesmo um mini-posto policial na borda da cidade.



A palavra usada aqui é **kōban**, que são postos policiais japoneses em escala menor que delegacias, mas que não chegam a ser tão pequenas como cabines policiais (se segurem, Whovians de plantão).

Hoje, o turno da noite era da oficial Inspetora Assistente Jenny. Apesar de ser uma Inspetora Assistente, ela ainda era jovem o suficiente para ser irmã mais velha do Ash. Considerando que a mãe do Ash, que fez 10 agora, ainda nem tinha 30 anos, uma mulher com vinte e pouco já pareceria ser tia do Ash.

E portanto, essa oficial meio irmãzona só poderia ter, no máximo, uns 19 anos.

Falando nisso, apesar de eu ter especificado o gênero da oficial, provavelmente não tem necessidade disso.

Em português é meio inevitável, já que os artigos definidos já entregam o gênero de cara, mas de início, em japonês poderia ter sido ambíguo se ele não tivesse especificado logo de cara que a Jenny é uma “oficial do sexo feminino.”

Nesse país, a maioria das áreas de atuação importantes, como a polícia, são dominadas por mulheres; homens com trabalhos relacionados à polícia geralmente são ou ladrões ou investigadores privados.

A maioria dos homens tende a tentar se tornar Treinador Pokémon.

Porém, a realidade é que não é qualquer um que consegue se tornar um Treinador Pokémon, a grande maioria falha. Alguns homens se dão conta disso cedo o suficiente pra mudar de rumo, mas outros correm atrás de seus sonhos até o fim e não conseguem se integrar na sociedade. Ter se tornado um adulto sem habilidades além de tacar uma Poké Bola os torna efetivamente inúteis. Tendo fracassado em seguir seus sonhos, eles perdem a confiança. São só

papo. Irresponsáveis. Sempre só sonhando em ficar ricos do dia pra noite. Se pessoas assim pudessem ser policiais, banqueiros ou médicos, as cidades seriam cheias de ladrões e os hospitais piorariam os pacientes em vez de melhorar.

E por isso, a maior parte dos trabalhos sérios e importantes nesse país são feitos por mulheres.

Em geral, se você se referisse à Inspetora Assistente Jenny, a mulher servindo hoje não seria a primeira a vir à mente. Desde os tempos de sua ancestral Holmes Jenny e sua filha Sherlock Jenny (os equivalentes antigos de policiais), a família Jenny tem trabalhado como polícia nesse país. Atualmente, uma em cada três policiais no país têm o nome Jenny.

Os nomes originais da Holmes e da Sherlock são Heiji e Zenigata respectivamente, que é uma referência a Zenigata Heiji, um detetive fictício do período Edo criado por Kodo Nomura em 1937. Resolvi adaptar pra Sherlock Holmes pra referência de detetive ser mais clara.

Ah! E o nome da Jenny em japonês é ジュンサー Junsaa, que vem de 巡査 junsaa (polícia).

Os outros dois terços são ou mulheres que trocaram de sobrenome depois de casar, ou suas filhas/parentes.

... É claro, nem todas trocam de nome depois de casar, mas de qualquer forma, a família Jenny é bem conhecida.

Mas resumindo, nesse país... o nome Jenny e polícia são praticamente sinônimos.

O nome da oficial na Cidade de Viridian também era Jenny... especificamente, Camila Jenny, com o "C" maiúsculo no

nome, que é 100 em algarismo romano, pra simbolizar o número Jenny dela. E por acaso, nas cidades vizinhas moram a Iza, a IsIs, a Milena, etc. Nomes temáticos pensados com letras para representar algarismos são bem comuns. Inclusive, na Cidade de Pewter, que fica logo à frente, na Rodovia 2, mora a prima da Camila, a DulCe CavalCante, que tem o nome estilizado com DCCC em maiúsculo pra simbolizar o número dela, 800. Como todas compartilharem o nome Jenny poderia ser confuso, tinha se tornado tradição no clã das Jenny você ter um primeiro nome que representa um número, mas muitas das que acabavam com esses nomes não gostavam deles.

Afinal de contas, uma garota chamada XuXa Xavier, a Jenny de número 30, não iria curtir muito ter um nome desses.

Originalmente, os nomes são todos compostos por kanji que representam os números + 子 ko (que é filha). O da Camila é 百子 Momoko (cujo primeiro kanji é 100, significando 100ª filha), da sua prima DulCe CavalCante é 八百子 Yaoko (800ª filha), e das Jennys nas cidades vizinhas Iza, IsIs e Milena são 一子 Ichiko, 二子 Niko e 千子 Senko (1ª, 2ª e 1000ª filha, respectivamente).

Enquanto isso, o nome original da XuXa Xavier é 三十子 Misokko (30ª filha). A sacadinha aqui é que todos os outros nomes japoneses mencionados até então funcionam bem porque soam como nomes comuns apesar de terem kanjis de números, mas Misokko não é um nome comum, soa bem esquisito.

Achar um jeito de adaptar pra português deu trabalho, mas usar algarismos romanos acabou casando muito bem, não só porque XuXa Xavier é um nome que soa bem incomum, mas o algarismo representante é XXX, que popularmente representa umas coisinhas adultas bem inapropriadas (não pesquisem se não souberem).

Em respeito aos sentimentos dessas garotas, esse romance vai, sempre que possível, se referir a elas apenas como Jenny.

E portanto, apesar de ser meio confuso a policial se chamar Jenny em toda cidade nova que visitarmos, é melhor do que acabar irritando uma oficial, poderia ser pavoroso.

Jenny bateu o ponto pro início do turno noturno e começou sua primeira tarefa da noite.

O alerta de anúncio soou assim que ela pegou o microfone.

“Cidadãos da Cidade de Viridian, já é quase hora da janta... Obrigada por todo o trabalho duro no dia de hoje! Ultimamente, andamos tendo um número considerável de batedores de carteira, ladrões de bolsa e sequestradores de Pokémon. Por favor, fiquem atentos.”

Uma caixa de som no topo do posto policial fazia com que a voz de Jenny se ampliasse pela cidade.

“Hm? Olha só, falando no diabo...”

Ela notou Ash correndo do lado de fora pela janela do posto policial.

Jenny agarrou Ash pela gola da camisa assim que ele passou pela frente do posto.

“Alto lá... Não vou permitir que nenhum sujeito suspeito passe desse ponto.”

“Eu não sou suspeito. Eu preciso levar meu Pokémon pro hospital...”

Ash levou seu olhar ao Pikachu que carregava em seu peito. O rosto de Jenny mudou para uma expressão triste, como se fosse seu próprio Pokémon ferido ali.

“Que feridas terríveis... Coitadinho... Rápido, sua identidade... Não preciso de passaporte, é mais um passe de cidades... Só me mostra alguma identificação.”

“Identificação? Bom, eu...”

Ele não lembrava de ninguém ter dado nada pra ele.

Em outras cidades, para fazer coisas como alugar fitas de vídeo você precisava de algum tipo de identificação. Mas na Cidade de Pallet, onde Ash cresceu, todo mundo se conhecia, então não havia necessidade de nada do tipo.

Era possível conseguir documentos de identificação com o prefeito de Pallet, mas com a comoção que os choques do Pikachu causaram no Laboratório Carvalho ele acabou esquecendo completamente. E de qualquer maneira, o prefeito estava ocupado com a despedida do Gary.

Sem nenhuma identidade, o jeito era ele explicar mesmo.

“Meu nome é Ash, eu vim da Cidade de Pallet.”

“Um garoto da Cidade de Pallet... Você já é o quarto hoje.”

“Quarto... Então o Gary e os outros já...”

Eles estavam à frente dele. O que era meio óbvio, parando pra pensar. Se não fossem os Spearow, ele não teria tomado um caminho tão longo.

Jenny se dirigiu a Ash, que se encontrava mordendo seu lábio.

“Você tá carregando um Pokémon que você normalmente manteria numa Poké Bola... Um Pokémon machucado, ainda por cima... E você não tem identificação nenhuma, o que facilmente te torna suspeito de ser um ladrão de Pokémon.”

Num mural de avisos havia um cartaz de procurados de dois ladrões de Pokémon. O cartaz não era muito detalhado, já que os dois tinham chapéus cobrindo os rostos.

“Eu não tenho identificação nenhuma... o Pikachu e eu fomos atacados por um bando de Spearow...”

Jenny chacoalhou a cabeça, com dó.

“Ai, céus... Posso até soar boba, mas minha intuição me diz que você não é mau garoto. Mas sem provas... eu tenho que ser responsável. Eu gostaria de te deixar passar, mas eu não posso.”

“Por favor, eu e o Pikachu... a gente tá ferido.”

Pikachu, o dito cujo, apontou uma de suas patas dianteiras tremendo em direção a um dos bolsos volumosos de Ash.

Ele enunciou, fraquinho.

“*Pikachu... Pika.*”

Jenny recebeu o sinal de Pikachu.

“Hm? Que volume é esse aí no seu bolso?”

“Áh?... Ah... Isso...”

Ash colocou a mão no bolso e sacou a Pokéagenda.

“Aham. Que que é isso?”

“Áh... o Professor Carvalho que me deu...” respondeu Ash.

“Cidade de Pallet, né?” confirmou Jenny.

“Isso.”

Jenny apontou com o dedo.

“Uma Pokéagenda. Isso é prova definitiva!”

Jenny pegou a Pokéagenda de Ash e foi passando até o fim.

“Olha a última página... Essa é a sua identificação.”

Ela mostrou a Ash.

A Pokéagenda exibiu uma foto de perfil do Ash, e logo abaixo, uma mensagem escrita em caneta pelo Professor Carvalho junto com sua assinatura. Ash a leu.

“Essa Pokéagenda pertence a Ash Ketchum da Cidade de Pallet, que almeja se tornar um futuro Treinador Pokémon. Se perdida ou roubada, ela não poderá ser substituída...”

-Cidade de Pallet.

Professor Carvalho”

“Nossa. Eu não fazia ideia de que eu tinha uma identificação na última página. Mas enfim, eu tô meio com pressa.”

“Bom, então é melhor a gente se apressar.”

Junto com a voz de Jenny fora do posto policial, *vrmmvrmm...* O barulho de um motor de moto 750 cilindradas soou no ar.

Em meros momentos, Jenny agora acelerava o motor de uma moto policial com um *sidecar* acoplado.

“As feridas do seu Pokémon precisam de tratamento no Centro Pokémon. Entra logo! Eu te levo.”

“Beleza!”

Ash entrou no *sidecar*. Jenny colocou a sirene e as luzes logo acima de Ash.

“Hora de se mandar. Modo turbo...”

VUPT! O amortecedor da moto branca cuspiu chamas e fumaça preta, arrancando em direção à parte central de Viridian.

“Que droga... foi essa...”

Uma garota se encontrava na frente do posto policial, se engasgando com a fumaça preta deixada pra trás pelo amortecedor. Era a menina que estava pescando no lago. Arrastando sua bicicleta destruída com ela.

Enquanto ia atrás de Ash, ela encontrou sua amada bicicleta em seu estado destroçado. Ela tinha ido até o posto policial pra fazer um boletim, e logo quando estava prestes a chamar a Jenny, ela se viu inalando a fumaça de exaustão da moto.

E além de tudo, a pessoa que estava pegando carona na moto era ninguém menos que aquele boydidinho.

Aqui o Ash é chamado de ドロボーイ doroboy no original. ドロボー dorobou, no caso, significa ladrão, e doroboy no caso é uma amálgama de dorobou e boy (menino).

“*Abbbb, você me paga!*”

A menina jogou a bicicleta nos ombros. Ela já era bem forte pescando, mas aparentemente mais forte ainda quando estava nervosa.

“*Esperaaaaaaa!*”

Ela correu atrás da moto policial, carregando a bicicleta em seus ombros.

Womwomwomwomwomwom...

O sol tinha se posto completamente e a única iluminação restante eram os postes de luz e o posto policial... Um som estranho se aproximava do posto, que se encontrava sem vigilância na ausência de Jenny.

Era um balão de ar quente... Um balão gigante que flutua pelo ar usando o ar quente propulsionado por um motor.

Dois sujeitos eram visíveis no balão de ar quente, que parou logo acima do posto policial. Um deles jogou uma linha de pesca e fogueou o cartaz de procurados do mural de avisos.

“Então esse é o nosso cartaz de procurados...” sussurrou uma mulher que observava o cartaz.

“Nem dá pra ver nossos rostos. Essas fotos tão horríveis.” O que reclamou das fotos era um homem.

Estes dois são membros da infame organização que rouba Pokémon, a Equipe Rocket, e eles são os responsáveis pelas áreas rurais.

“Não dá pra esperar que esses policiais caipiras reconheçam nossa beleza.”

O nome da mulher era Jessie... Uma curiosidade: antes de se tornar ladra de Pokémon, ela tinha experiência como ladra de arte. As peças de arte que ela roubava, se fossem levadas em um daqueles programas de TV de qualquer lugar do mundo em que avaliam o valor de objetos, teriam um valor ridiculamente baixo estimado, mas ela só ligava pra beleza delas.

“Realmente imperdoável.”

O nome deste homem era James. Uma curiosidade: apesar do nome dele significar segundo filhinho, ele na verdade é até que bem alto e filho único. Quando criança, ele era um menino quieto que se permitia ficar em segundo plano, mas pra um ladrão, ele tava se preocupando demais com a qualidade da foto.

O nome em japonês do James é コジロウ Kojirō. コ ko pode significar pequeno e o nome ジロウ Jirō segundo filho.

Um pouco das origens dos nomes japoneses e ocidentais da Equipe Rocket.

Em japonês os dois se chamam ムサシ Musashi (Jessie) e コジロウ Kojirō (James). São homenagens a dois samurais japoneses, 宮本 武蔵 Miyamoto Musashi e 佐々木 小次郎 Sasaki Kojirō, famosos pelo duelo que travaram em 1612, onde Sasaki foi morto com uma espadada na cabeça.

Os nomes ocidentais são uma homenagem a Jesse James, um fora da lei do faroeste americano famoso por roubar trens e bancos e que foi romantizado depois como uma figura meio Robin Hood.

Se os nomes fossem localizados no Brasil, como é norma hoje em dia, acho que o que mais se encaixaria seria alguma referência sutil a Lampião e Maria Bonita. Nita e Lampe? Ou até Déia e Lino, partes dos nomes originais deles, Maria Déia e Virgulino.

“É inaceitável. Isso é um crime contra a beleza.” Jessie cerrou o punho.

“Vamos mostrar pro povo da Cidade de Viridian do que nós somos capazes.”

James sorriu, admirando seu próprio rosto em um espelho de mão.

Brilhando na escuridão atrás deles, olhando pra cima, pra baixo e rodando, estava um Pokémon com uma moeda de ouro na testa... O nome dele era Meowth.

A moeda do Meowth é especificamente uma 小判 koban, moedas usadas no Japão no Período Edo (1803-1868).

“*Miau* não ligo pra uma demonstração de força, mas nosso objetivo é capturar Pokémon raros... não se esqueçam, *miaau*.”

Este Meowth sabia falar a língua humana, o que não é comum entre os Meowth. Assim como o Pikachu de Ash é único por não gostar de Poké Bolas, esse Meowth era único por sua habilidade de falar como um humano.

Não, na verdade, indo por estudos de Monstros de Bolso, o caso do Pikachu podia até ser improvável, mas o do Meowth era completamente sem precedentes.

O Meowth tinha passado por dificuldades que ele nunca tinha contado pra ninguém, nem pessoa nem Pokémon. Talvez eu fale mais sobre isso outra hora...

Além da destreza linguística do Meowth... ele também quer mudar o ditado “moedas para um gato” para “moedas para um Meowth.” Não só isso, mas também quer mudar o significado.

“Moedas para um gato” significa basicamente a mesma coisa que “pérolas aos porcos”, já que dar moedas para um gato seria inútil. Porcos não ligariam pra pérolas. Tanto gatos como porcos ficariam mais felizes só com umas sobras de peixe. Os únicos

que apreciariam o valor de moedas, pérolas e diamantes são os humanos.

...

Há vezes que dar essas coisas para uma mulher humana também seja inútil, mas pelo menos ela vai gostar.

Mas basicamente, “moedas para um gato” significa dar uma coisa a alguém que não aprecia o devido valor dela. E portanto, é um ditado que menospreza outras formas de vida.

“Pérolas aos porcos” vem da Bíblia (Mateus 7:6). Hoje em dia o ditado equivalente mais comum no Brasil é “carne em prato de vegano,” que eu queria usar, mas aí o exemplo do peixe do narrador não ia funcionar.

O Meowth gostaria de mudar o significado de “moedas para um gato,” ou “moedas para o Meowth,” para exatamente o que o ditado diz, uma alegoria para “ficar rico.” E portanto, é um ditado que ele repete direto com uma pata pra cima que nem um gato da sorte.



Maneki-neko, o gato da sorte. Um amuleto da sorte comum no Japão.

E hoje, Meowth recitou seu bordão com um sorriso diabólico.

“Moedas pra um gato! Moedas pra um Meowth!”

“É, é, tanto faz”, responderam Jessie e James à citação de Meowth, pegando o cartaz rasgado e amassado e o tacando na escuridão da noite.

Conforme a moto policial avançou pela cidade, o Centro Pokémon apareceu logo adiante.

“Já tô vendo!” Jenny fez um joinha com a mão.

“O Centro Pokémon... Então isso é um hospital de Pokémon...” Ash sussurrou boquiaberto, era uma construção incrível.

“Essa é uma emergência... Sem reclamações... *Lá vamos nós!*” Jenny gritou subindo as escadas da frente do Centro Pokémon com Ash, ainda de moto.

Eles entraram com tudo e frearam de repente bem na frente do balcão da recepção.

A mulher na recepção pulou o balcão e ficou de pé na frente da moto. Era uma jovem mais velha que o Ash vestindo um jaleco branco. Ela parecia ser uma médica.

Ela falou com a Jenny em uma voz calma.

“Bem-vindos ao pronto-socorro. Meu nome é Joy, da ala de emergência... Me expliquem a situação.”

Jenny prestou continência dando as informações.

“Temos um Pokémon gravemente ferido.”

A mulher chamada Joy bateu os olhos no Pikachu nos braços de Ash.

“Vejo que a espécie do Pokémon é um Pikachu.”

Dito isso, sem nem dar tempo do Ash responder, ela pegou um microfone no balcão.

“Aqui é a Joy na recepção... É urgente... Tragam uma maca para um Pokémon do tipo elétrico!”

“*Chansey!*”

Esse foi o som emitido como resposta.

Num piscar de olhos, Pokémon vestindo chapéus de enfermeiras chegaram com uma maca pro paciente.

Os Pokémon carregavam algo parecido com um ovo em suas barrigas, e seus corpos eram todos rosas. Esses Pokémon se chamam Chansey, e eles têm um temperamento gentil, os fazendo perfeitos para a enfermagem.

Joy falou com calma com o Pikachu nos braços de Ash.

“Não se preocupa, não vai doer... 1, 2, 3 e... já.”

Num piscar de olhos, Pikachu foi movido dos braços de Ash para a maca.

“Rápido, pra ala de emergência!”

“*Chansey!*”

As Chansey arrastaram a maca de Pikachu pela recepção e se encaminharam para a ala de emergência. E fizeram tudo isso enquanto o Ash ainda

“Hora de começar o tratamento!”

Snap! Joy colocou luvas de borracha e foi em direção à ala de emergência. No pânico, Ash a seguiu e perguntou.

“Áh... eu...”

“Você o quê?”

Jenny respondeu pelo Ash.

“Ele é o dono do Pokémon, ele quer ser um Treinador Pokémon.”

“O que eu devo...”

“Refleta sobre as suas ações” Joy respondeu francamente.

“Se você quer ser um Treinador Pokémon completo, não deixe seu Pokémon lutar até que fique nesse estado.”

Ash ficou sem resposta.

Joy continuou sem dó.

“A única coisa que você pode fazer agora é ficar na sala de espera e rezar pro seu Pokémon sobreviver...”

“Essa... é a única coisa que eu posso fazer...?”

“Eu cuido do tratamento.”

Jenny manifestou-se, prestando continência pra Joy novamente.

“Deixo ele em suas mãos capazes. Agora vou me retirar e voltar a proteger a cidade.”

“Mantenha o bom trabalho” disse Joy, agradecendo Jenny ligeiramente.

“Só cumprindo o meu dever... Ah, droga. Eu deixei a porta do posto aberta quando eu saí.”

“Tem que sempre lembrar de trancar.”

“Isso não é nada bom!”

Jenny pulou em sua moto policial e se mandou.

“Eu vou fechar a porta da sala de tratamento também” disse Joy, entrando na sala de tratamento.

“Ah... Pikachu...”

Kshn.

A porta automática da ala de emergência fechou na cara de Ash.

A luz indicando que o tratamento estava em progresso se acendeu.

Pidgey, Pidgey, Pidgey...

Já tinham se passado mais de duas horas... O relógio Pidgey na parede tocou avisando que eram 22h.

No anime marca que é um pouco mais cedo, 20h.

Ash aguardava pacientemente na sala de espera.

A luz de tratamento em progresso ainda tava acesa.

“Ah, tevefones...”

Ash notou que tinham tevefones próximos à recepção.

Sim, o nome daqueles telefones com chamada de vídeo nos Centros Pokémon é **tevefone**. TV-phone no original. Achei genial. Como em português TV soa quase igualzinho a “tele”, decidi adaptar o jeito que se escreve.

“Ligação, né...”

Ash pegou o receptor e discou... o número de Delia, sua mãe, na Cidade de Pallet.

“Alô.”

Na tela do telefone surgiu um rosto completamente pintado de branco. Era como um zumbi saltador de um filme de terror chinês.

O nome certo é 僵尸 jiāngshī. Uma lenda chinesa de cadáveres reanimados que andam por aí saltitando com os braços estendidos.

Em choque, Ash apontou pra tela e gritou.

“Quem diabos é você?!”

“Dá uma olhada.”

O rosto no telefone descolou a máscara. De trás da camada branca, o rosto de Delia apareceu.

“Ah... mãe. Para com essas piadas bestas.”

“Não é uma piada. É uma máscara facial. Meninas usam elas uma vez por semana pra cuidar da pele. As que têm pele oleosa devem usar uma vez a cada três dias. Hm-hum.”

Delia concordou com si mesma com a cabeça enquanto falava.

“Você faz o que te der na telha, mas talvez você não devesse atender com aquilo na cara.”

“Um erro único na vida. Que bom que foi você foi o único que viu. Hm, ah é, você é o Ash, meu filho, né?”

Parece que só agora ela tinha se dado conta de que era o Ash no outro lado da linha.

“Sim, é o Ash, seu filho” disse Ash, concordando com a cabeça e suspirando.

“Ah, mentira! Ash! Se não é o meu menino. Onde cê tá?”

Ela pareceu ter recuperado a postura de mãe preocupada com o filho.

“*No Centro Pokémon da Cidade de Viridian*”, balbuciou Ash.

“Uau, você já tá na Cidade de Viridian? Que máximo! Seu pai levou quatro dias pra chegar aí. E você chegou num dia só. Parece que ter levado todos os equipamentos úteis de viagem possíveis valeu a pena.”

“Todos os equipamentos possíveis...”

Todos possíveis talvez fosse um exagero, mas realmente, a Delia pensou em tudo e mais um pouco pra jornada de Ash. Mas aquela mochila estufada de coisas sentimentais foi toda destruída. E o despertador de Voltorb que ele ganhou de aniversário também não funcionava mais.

Alheia a tudo isso, Delia continuava bem animada.

“Desse jeito, você vai se tornar um Treinador Pokémon melhor que seu pai e seu avô. Dê o seu melhor!”

“Tá bom, tá bom.” Ash não queria deixar a Delia preocupada.

“Um tá bom já tá ótimo”, aconselhou Delia.

“Tá bom”, respondeu Ash obedientemente

“Escova os dentes duas vezes por dia”, ela continuou.

“Tá bom.”

“E coloca o pijama quando for dormir.” Os olhos de Delia lacrimejaram enquanto falava.

“Tá bom.”

“Ótimo. Bom, melhor desligar antes que a conta de telefone saia muito cara, né. Então tá... Boa noite, Ash...”

Delia desligou o telefone antes que o Ash a visse chorando.

Bipe... O som da linha desligada ecoou no ouvido de Ash.

“Ah... Boa noite...”

Ash desligou o receptor e voltou devagar pras poltronas da sala de espera.

“Escovar os dentes... Minha boca não é chaminé.”

A escova dele tava tão detonada que parecia mais escova de limpar chaminé.

Ash deu um suspiro de novo, adicionando mais um pra conta do dia, e voltou a encarar a parede da sala de espera.

Havia vários quadros em alto relevo pendurados.

Pareciam algo feito por um homem das cavernas ou pelo Picasso.

“Pokémon Lendários” estava escrito embaixo das molduras.

“Ah... É o...” disse Ash sem pensar.

Dentre as imagens, havia uma que ele achou que parecia com o Pokémon não-identificado que ele viu voando ao pôr-do-sol.

No anime, a pintura que ele acha parecida na verdade é do Articuno.

E então algo aconteceu.

O telefone que ele usou mais cedo começou a tocar. E não havia ninguém na recepção.

“Ninguém vai atender?”

Ash pegou o receptor.

O visor do telefone mostrou as costas de um homem em um jaleco branco.

Havia um biqueiro com miojo fervendo na chama de uma lâmpada de álcool.

O homem mexeu o miojo com um garfolher daqueles que vinham com a merenda na escola e então virou-se.

“Oxe...”

Era o Professor Carvalho.

“Ash. Adivinha quem é? É o Professor Carvalho.”

“Eu tô te vendo.”

“A Delia, sua mãe, acabou de me ligar faz uns minutos. Moça bonita, viu. Formosa.”

Parece que assim que ela desligou o telefone com o Ash, Delia tinha ligado pro Professor Carvalho. É seguro assumir que ela fez a ligação sem a máscara no rosto.

“Aí não é comigo, você que fale isso pra ela”, respondeu Ash irritado.

“Bom, se eu falar pra ela...” murmurou Carvalho entusiasmado pra si mesmo.

“Me ligou pra que?” perguntou Ash.

“Ah, sim. Ash, ouvi dizer que já chegou em Viridian. É isso mesmo?”

“Professor. Você ligou pra onde agora?”

“Cidade de Viridian. Ah, é mesmo, né. Se você atendeu o telefone de lá, quer dizer que está em Viridian.”

“Eu tô no Centro Pokémon de Viridian... Meu Pikachu foi muito ferido.”

“Entendo.” Professor Carvalho deu um suspiro profundo.

“Complicado... Mas todo mundo tem que passar por isso...”

“Então quer dizer que os Pokémon dos outros três treinadores de Pallet também...”

“Ãh-ãhm.” Professor Carvalho chacoalhou a cabeça. “Os outros três treinadores tiveram dano mínimo causado aos Pokémon deles e já passaram daí. Afinal, eles têm um Charmander, um Squirtle e um Bulbasaur, que eram minhas recomendações pessoais. Eles não vão cair fácil.”

“Eu gosto do Pikachu!” gritou Ash, com raiva.

“Hm. O Pikachu pode brilhar ainda, é só ser *perspikaz*... Enfim, só de todos vocês de Pallet já terem chegado no Centro de Viridian em um dia só...”

“Pika” é uma onomatopeia japonesa pra som de brilho. O Professor originalmente fez um trocadilho do Pikachu brilhar (“pikar”) depois de polido.

O Professor Carvalho apertou seu garfolher, realmente impressionado.

“Um pequeno passo para um Mestre Pokémon, um grande salto para o Ash. Eu vou te ajudar. Eu vou torcer por você, até atirador vesgo acerta o alvo com munição suficiente.”

“Atirador vesgo?” Ash não entendeu o que ele quis dizer.

Provérbio japonês (levemente adaptado) mais ou menos equivalente a “Até relógio quebrado acerta duas vezes por dia.” Mas foi importante manter, vocês vão ver porquê.

Mas Professor Carvalho não era um homem que ligava muito pros outros.

“Todo Treinador Pokémon deixando Pallet deve ser celebrado. Viva! Viva o Ash... Enfim,” Professor Carvalho finalizou o grito de torcida de repente e ficou sério. “Já pegou quantos com suas Poké Bolas?”

“Nenhum.” Ash não conseguia mentir.

“Nem... um...” O olhar de Professor Carvalho entristeceu ao cair. “...me arrependo de ter torcido por você.”

“Mas eu vi algo parecido com aquilo.” Ash apontou pro quadro na parede.

“Hm? Algo parecido com aquilo?”

Do outro lado do telefone, Professor Carvalho deu de ombros quando olhou pro quadro.

“Ninguém nunca viu esse Pokémon Lendário. Pode procurar cem anos, mil anos que a chance é quase nula.”

“Que parecia, parecia.”

“Parecia sim, aham. Ih, tá transbordando... Vai estragar o miojo...”

Professor Carvalho levou sua atenção ao miojo. Ele sugou os macarrões.

“Quente, quente, quente... Ash, fico no aguardo pra ouvir do seu progresso. Ou não. Tchau. Se o telefone não tocar, eu não atendo.”

“Ah...” antes que Ash pudesse falar qualquer outra coisa, a ligação foi cortada.

“Aha! Te peguei!”

Não era no telefone, mas sim a menina gritando atrás dele.

“Ãh?”

Ele se virou e deu de cara com uma menina de pé segurando os restos de uma bicicleta acima da cabeça, sem fôlego nenhum.

“Sabia que ia te achar aqui.”

“O que aconteceu com a bicicleta?”

“Encontrei ela enquanto tentava te alcançar. Bicicleta? Você tem coragem de ainda chamar essa tralha de bicicleta?”

A menina continuou falando com a bicicleta na cabeça.

“Você realmente chamou essa joça de bicicleta. Parece mais resto de peixe que assou demais... só um esqueleto queimado. Inclusive, se você deixasse um peixe nesse estado, o espírito dele ia voltar pra te assombrar... *Uopa... Ai!*”

A garota, se tremendo de raiva, caiu de costas com o peso da bicicleta.

“Você tá bem?”

Ash correu até ela sem pensar, mas ela dispensou a mão dele.

“Não encosta em mim. Enfim. Minha bicicleta. Você não vai se safar de mim...”

“Eu faço qualquer coisa. Te pego de volta, tanto faz. Mas agora não é hora pra isso.”

“Você destruiu a minha bicicleta, eu não ligo se é hora pra isso ou não!”

“Meu Pikachu... meu Pikachu tá...”

“Ãh...?”

A menina notou a luz vermelha da ala de emergência que Ash observava.

“... É grave assim?”

“Provavelmente, acho que sim... eu... o que eu faço agora...?”

“Entendi...”

E então aconteceu. A luz vermelha se apagou e a porta da sala de tratamento se abriu.

Chansey saiu com a maca contendo Pikachu.

“Pikachu! Você tá bem?”

Pikachu estava encolhido como uma bola e inconsciente. Porém, havia algo parecido com um eletrocardiograma preso em sua cauda e cabeça com uma luz piscando. Parecia estar respirando.

Joy manifestou-se, removendo sua máscara e suas luvas de borracha.

“O pior já passou. São poucas as vezes que a equipe médica do Centro Pokémon é incapaz de salvar um paciente Pokémon... né?”

“Chansey.”

Chansey, o Pokémon enfermeiro, exclamou alegre.

“Centros Pokémon são incríveis.” A garota sorriu.

“Obrigado, doutora.” Ash estava muito agradecido, sem conseguir falar mais nada.

Joy sorriu para Ash pela primeira vez.

“Agora a gente só tem que esperar ele se recuperar totalmente na UTI. Por favor, me acompanhe.”

Ash se dirigiu à garota.

“Desculpa. As coisas tão meio... Eu vou compensar você pela sua bicicleta um dia.”

“Você ainda tá preocupado com isso agora?”

“Ãh?” Ash estava surpreso com a resposta da menina. Ela não tinha falado de mais nada a não ser da bicicleta dela até então e de repente ela tava ignorando ela.

“Vai com seu Pokémon. Vai logo.”

“Ah, certo.”

Ash concordou com a cabeça.

“Bicicleta, que bicicleta? O que passa na cabeça dele? Essas crianças de hoje em dia... Te juro”, disse a garota à Joy.

... Você não é uma criança também?... sorriu Joy

Assim que o Ash começou a acompanhar a maca com Pikachu, aconteceu. Apesar de todos os outros... “assim que”... dessa vez é coisa séria. Dessa vez, um alarme soou pela sala de espera.

A voz de Jenny foi ouvida pelos alto-falantes.

“Alerta. Alerta. A Cidade de Viridian está sob a ameaça de um ataque desconhecido. Tememos que seja uma gangue de sequestradores de Pokémon. Se você tem ou é amigo de qualquer Pokémon, por favor tenha cautela.”

Womwomwom... Era possível ouvir o som de um balão de ar quente.

O balão de ar quente da Equipe Rocket já estava posicionado diretamente sobre o Centro.

“Hahaha, o alarme deles chegou tarde demais”, riu Jessie sarcasticamente.

“Não adianta alertar a galera direita por pena que você não pode nos parar, direito penal”, disse James. Não era pra ter sido um trocadilho ruim com direita por pena e direito penal. Ele era um homem sério.

No original, esse trocadilho é com a palavra けいほう keihou, que escrita com kanjis diferentes pode significar tanto “alerta” (警報) quanto “direito penal” (刑法).

“Ser chamado de sequestrador é de se fazer chorar, alguém seca esta dor de mim... somos parte da exclusivíssima Equipe Rocket.”

Jessie notou a similaridade entre sequestrador e seca esta dor.

No original, esse trocadilho é com as palavras 誘拐 yuukai, que significa sequestrar, e 愉快 yukai, prazeroso.

“Vamos mostrar pra eles... o quão terríveis nós somos.”

James nem tinha se tocado ainda.

“*Miatacar!*” gritou Meowth. Meowth se considerava o líder.

“A gente não precisa de um bichano falando isso pra gente!
... *Vupt.*”

Jessie e James pularam do balão de ar quente com mochilas a jato.

“Boa resposta... Se der tudo certo, o chefe vai ficar bem contente, e eu vou poder me encolher com ele na mesinha de chão, cercado de moedas, *miau.*” Meowth abriu um sorrisão sonhando em se encolher debaixo da mesinha de chão.



炬燵 kotatsu é uma mesinha baixa tradicional japonesa com aquecedor e um cobertor.

“Vão com tudo!”

Jessie e James jogaram um par de Poké Bolas no ar.

As Poké Bolas quebraram a claraboia de vidro do Centro e aterrissaram na recepção.

No exato momento seguinte, um Pokémon cobra surgiu da Poké Bola de Jessie.

Era um Ekans.

E da Poké Bola de James veio o Koffing. Um Pokémon com o formato meio como o de uma pedra redonda, com fumaça saindo de crateras espalhadas como espinhas em sua superfície.

De repente, a sala de espera do Centro Pokémon estava completamente impregnada com a fumaça do Koffing.

“Mas o que...!? Que que é isso?!”

Ash perguntou.

“Prepare-se pra encrenca... encrenca em dobro.” A dupla respondeu com essa frase.

“Pra proteger o mundo da devastação” disse Jessie.

“Pra unir os povos de nossa nação” foi a fala de James.

“Pra denunciar os males da verdade e do amor” se vangloriou Jessie, de leve.

“Pra estender nosso poder às estrelas” exclamou James, gentilmente.

“Jessie.” Ela se introduziu.

“James.” James foi logo em seguida...

“Equipe Rocket decolando na velocidade da luz...” Jessie fez uma pose difícil de descrever. E já que ela é improvisa, o que significa que é diferente toda vez, não tem porque explicar mesmo.

“Rendam-se agora ou preparem-se para lutar.” James tomou sua própria pose. Também parece que foi improvisada.

E finalmente... Logo que você acha que acabou... Meowth finalmente aparece.

“É isso aí.”

E com o fim de seu bordão, posou como um gato da sorte.

Aqui o bordão original da Equipe Rocket, pra quem se interessar:

ムサシ: なんだかんだと聞かれましたら

Musashi: Nanda kanda to kikaretara

コジロウ: 答えてあげるのが世の情け

Kojirō: Kotaete ageru no ga yo no nasake

ムサシ: 世界の破壊を防ぐため

Musashi: Sekai no hakai wo fusegu tame

コジロウ: 世界の平和を守るため

Kojirō: Sekai no heiwa wo mamoru tame

ムサシ: 愛と真実の悪をつらぬく

Musashi: Ai to shinjitsu no aku wo tsuranuku

コジロウ: ラブリー・チャーミーな敵役

Kojirō: Raburī chāmī na katakiyaku

ムサシ: ムサシ

Musashi: Musashi

コジロウ: コジロウ

Kojirō: Kojirō

ムサシ: 銀河をかけるロケット団の二人には.....

Musashi: Ginga wo kakeru Roketto-dan no futari ni wa.....

コジロウ: ホワイトホール、白い明日が待ってる
ぜ

Kojirō: Howaito hōru, shiroi ashita ga matteru ze

ニャース: にゃんてにゃ

Nyarth: Nyante nya

Jessie: Se nos perguntar isso ou aquilo...

James: A compaixão do mundo é o que responde!

Jessie: Pra prevenir a destruição mundial.

James: Pra proteger a paz mundial.

Jessie: Pra perfurar os males do amor e da verdade!

James: Os vilões adoráveis e charmosos!

Jessie: Jessie!

James: James!

Jessie: A dupla da Equipe Rocket decola pela galáxia.....

James: Um buraco branco, um amanhã branco nos aguarda!

Meowth: Alguma coisa assim!

No geral adaptaram bem, mas algumas falas infelizmente ficaram sem rima.

...*Ããã, o que foi isso?* Você pode querer perguntar, mas isso seria bem rude. Depois de tanto praticar as falas e as poses pra entrada triunfal, eles queriam se exhibir na frente de espectadores como nós.

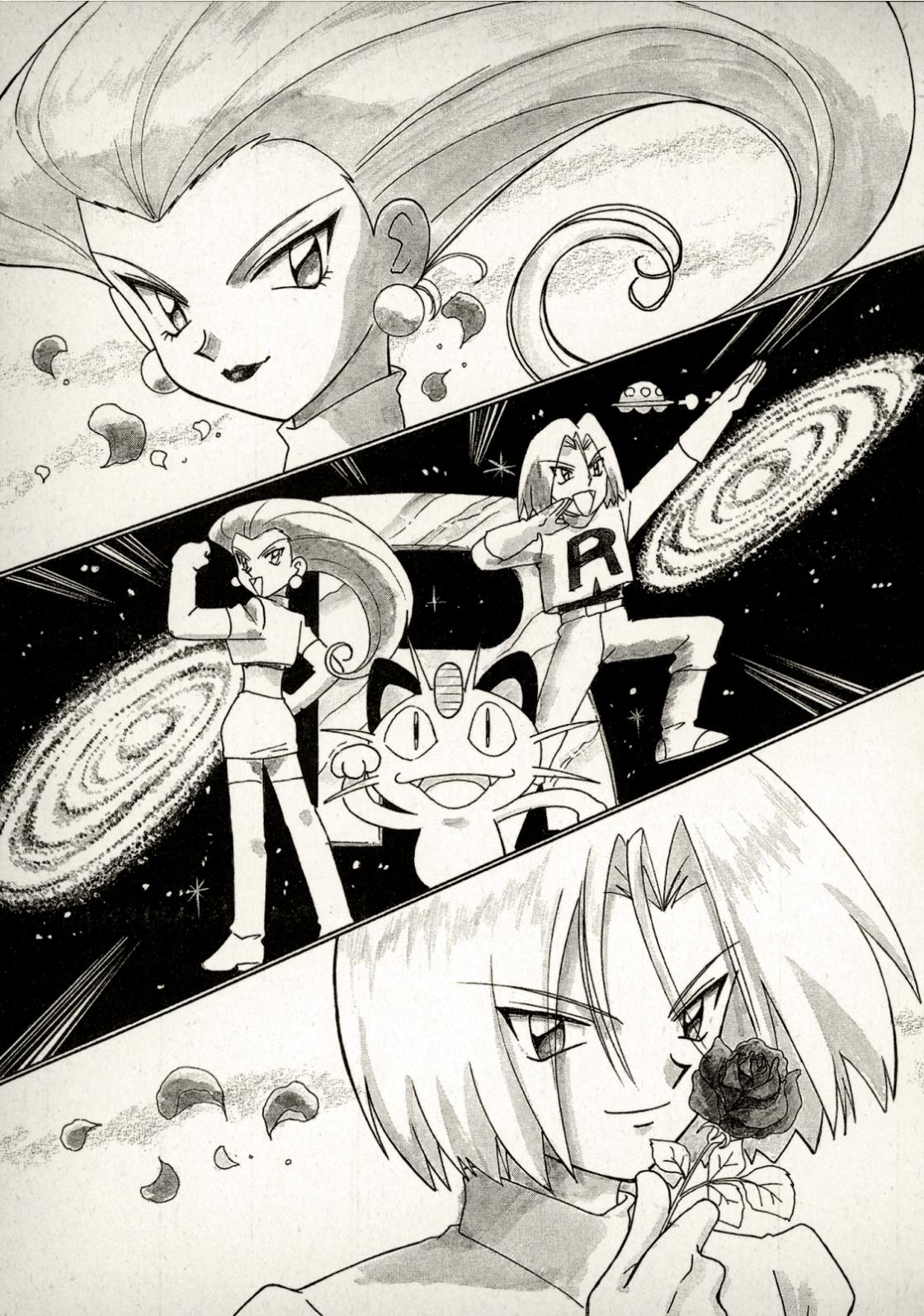
Mas Ash não se importou de agradecer a eles. Ele foi em frente e disse o que não precisava ser dito.

“Então, ô... que droga foi essa?”

“Parece que esse pirralho não sacou.” Jessie dispensou o comentário de Ash, dando de ombros.

“Ninguém entenderia isso sem explicação.” Ash falou o óbvio.

“Estamos atrás de Pokémon...”



“Vocês não vão levar meu Pikachu.”

Ash se moveu pra bloquear a maca com Pikachu.

“Hm... Pikachu?...” Jessie o ridicularizou com uma risada.

“Não estamos interessados em um rato elétrico medíocre como um Pikachu.”

“O que procuramos são Pokémon raros, muito superiores a essa coisa,” clarificou James adicionando à resposta de Jessie.

“Espera aí, não tem Pokémon nenhum assim nesse Centro,” disse Joy.

Jessie, sabendo que Joy tinha mais ou menos a mesma idade que ela, falou como se tivesse batendo papo com uma amiga.

“Non non non. Certeza? Aqui tá cheio de Pokémon machucado. Se a gente levar tudo, pode ter uns tesouros escondidos no meio.”

“Até atirador vesgo acerta o alvo com munição suficiente,” disse James com uma expressão séria.

Aquele era o lema deles... As palavras que ditavam suas vidas. Simplesmente, uma frase que resume brevemente como eles enxergam a vida.

“Eu já ouvi isso antes em algum lugar...” Ash lembrou que o Professor Carvalho disse a mesma coisa mais cedo no tevefone.

“Um atirador vesgo... o que isso significa?” perguntou Ash a Equipe Rocket.

“Você sabe que ele vai errar, mas com balas suficientes, uma pode acertar alguma hora. Existe o fracasso ocasional no mundo. Você não pode ganhar na loteria se não comprar um bilhete. Se não

tem nada a perder, não tem porque não tentar” explicou James educadamente, lendo um dicionário.

“Realmente é a melhor abordagem pra qualquer situação. Não importa se você tá roubando Pokémon, ou procurando namorado ou querendo se casar,” disse Jessie sinceramente, concordando com a cabeça com si mesma por alguma razão.

“Então eu sou um atirador vesgo... Eu não tenho nada a perder.” Os ombros de Ash caíram.

Já fazia meia hora desde que falou no telefone com Professor Carvalho, e o significado finalmente o penetrou como uma faca.

“Isso me deixa meio irritado.” Ele cerrou o punho.

“Que assunto insignificante,” disse Jessie.

“Não me incomoda,” concordou James com a cabeça.

Jessie e James sacaram máscaras de gás.

“Miaeu também não!” disse Meowth, também sacando uma máscara.

“É hora do Koffing brilhar, gás neles!” James apontou pro Koffing.

“*Koffing!*” exclamou Koffing em sua voz meio noiada, soltando gases venenosos.

Porém, o gás impermeou a área toda, sem exceções.

“Isso não é bom! Corram!” gritou Joy.

“Vocês não vão escapar! Atrás deles Ekans, aceleração extra turbo!” comandou Jessie a Ekans.

“Shekans!” Ele não exclamou nem Ekans nem extra, mas Ekans se rastejou pela sala de espera e pela recepção.

Tanto o equipamento médico quanto os PCs começaram a dar curto e serem destruídos.

Perseguidos pelos gases venenosos de Koffing, Ash e os outros escaparam para as alas hospitalares. Eu digo alas, mas elas são pra Pokémon. Pokémon doentes são deixados dentro das Poké Bolas para dormirem. E portanto, os quartos de paciente se pareciam mais com um armazém de uma pista de boliche, com prateleiras alinhadas com Poké Bolas.

Joy fechou a porta da ala e a trancou.

“Essa porta é hermética pra prevenir patógenos no ar de se infiltrar. Ficaremos a salvo do gás venenoso aqui.”

Apesar de que era cedo demais pra dizer realmente que eles estavam a salvo.

BASH! Houve um som de lâmpadas explodindo e eles foram deixados no escuro absoluto.

“Ai, um apagão! Eu odeio o escuro.”

A garota, que até agora parecia destemida de tudo, deu um gritinho indefeso pela primeira vez.

“Eles cortaram a energia. Mas não se preocupem. Temos nosso próprio gerador de emergência...”

As luzes do quarto voltaram imediatamente.

“Ei...”

A garota exclamou entusiasmada.

“Uau... Quantos Pikachu.”

No quarto de paciente havia múltiplos Pikachu usando capacetes de electricista rodando, rodando, e girando num disco giratório. As faíscas voando do disco iam pra instalação elétrica, enviando energia de volta pras luzes.

Na mesma hora que as luzes voltaram, a tela do computador na parede acendeu, e a voz do computador disse “Iniciando processo de evacuação de emergência.”

“Vamos transferir as Poké Bolas com Pokémon doentes enquanto podemos...”

“Transferir pra onde?” perguntou Ash.

“Elas estão sendo transmitidas pra o Centro Pokémon da Cidade de Pewter.”

Enquanto falava, Joy começou a jogar as Poké Bolas nas prateleiras em uma escotilha de fuga parecida com uma lixeira embutida de parede.

“Todos, me ajudem!”

“*Chansey!*” Chansey carregou as Poké Bolas. Ash e a menina as jogaram na escotilha de fuga.

Joy gritou no microfone do computador.

“Aqui é o Centro Pokémon da Cidade de Viridian, estamos em um estado de emergência... Estamos transferindo as Poké Bolas com nossos Pokémon para o Centro Pokémon da Cidade de Pewter.

A linha se conectou à Cidade de Pewter e uma voz veio do Centro Pokémon. Era a voz de uma mulher do outro lado.

“Aqui é o Centro Pokémon da Cidade de Pewter...
Entendido. Preparados para receber as Poké Bolas.”

A tela na parede mostrava um mapa. Ele tinha uma linha da Cidade de Viridian até a Cidade de Pewter indicando o progresso da transferência de Poké Bolas.

“Mais um pouquinho... Só mais um pouquinho...”

“O... Olha!” A garota apontou pra porta.

O gás estava começando a se infiltrar.

Logo em seguida, a parede desmoronou.

Ekans tinha rompido a parede.

Os Pikachu no gerador voaram longe.

As Poké Bolas restantes nas prateleiras caíram no chão.

Algumas delas rolaram pro corredor pra fora da sala.

“Salve elas!” Joy não podia tirar as mãos do computador.

“Deixa comigo!” Ash correu atrás das Poké Bolas.

“Passa elas pra cá, pirralho.” Jessie bloqueava seu caminho.

“É só dar bola pra um pirralho que vira tudo borralho.”

James soltou umas bobagens sem sentido de cara séria.

ジャリが、ボールを扱うのは、玉砂利になってからにしろ

Jari ga, **bōru** o atsukau no wa, **tamajari** ni natte kara ni shiro

“**Jari**, antes de de pegar a **bōru**, espera virar **tamajari**.”

ジャリ **jari** é pirralho; ボール **bōru** (ball) é bola emprestado do inglês,

enquanto em japonês é 玉 **tama**; e 玉砂利 tamajari é cascalho.

Por coincidência, em português deu muito certo adaptar. Borralho = cinzas.

Atrás da dupla deles se encontravam Ekans e Koffing. E atrás dos dois, Meowth ria *miahahaha*.

A garota gritou.

“Vai logo, atira elas! Taca as Poké Bolas e luta.”

“Ãh... ah... Poké Bola, vai!”

Ash jogou a Poké Bola que segurava.

É a Poké Bola do Centro Pokémon. Não tem jeito de saber o que tinha dentro. Além disso, ele não tinha escolha a não ser a jogar.

A Poké Bola foi coberta por luz. É o sinal do Pokémon saindo. Mas quem saiu foi o Pokémon passarinho, Pidgey.

Se tinha que ser um Pokémon passarinho, ao menos que fosse um Spearow... pensou Ash, nem se lembrando do quanto eles o destruíram mais cedo.

Mas o fato era que um Pidgey que tinha aparecido.

“Tá meio cedo pro relógio Pidgey bater meia-noite. A gente não tá pronto pra ir embora do baile ainda,” disse Jessie.

“Ãh? Como é que é?” James virou o pescoço pra perguntar a Jessie. “O que você quis dizer com essa frase?”

“Você não sabe? O bater de meia-noite, Cinderela.”

“Ah, eu sou homem, então não peguei a referência.” James coçou a cabeça.

“Se continuarmos a perder tempo desse jeito, James, realmente vai dar meia-noite.”

Jessie comandou Ekans.

“Vai, Ekans!”

Frente a frente com o ofídio Ekans, Pidghey optou por fugir.

“Tch! Próximo! Poké Bola, vai!”

Ash tacou outra Poké Bola que tinha rolado pra longe.

Nada saiu dela além de luz.

“Ãh?” Ash inclinou o pescoço.

“Tem umas vazias no meio também...” Joy já estava fora de si.

“Não joga Poké Bola vazia, cabeção!” repreendeu a menina.

“Ah, fala sério... Tá bom. Próximo! Poké Bola, vai!”

Essa Poké Bola continha o Pokémon rato que tinha

“Hehehe... Esse Pokémon aí é Peixe Pequeno com P maiúsculo,” disse James.

Contra o olhar penetrante do ofídio Ekans, Rattata fez como o Pidghey... e fugiu.

A garota gritou irritada com Ash.

“Ah, senhor! Cabeção! Eu vou ganhar tempo pra você. Tira o Pikachu daqui.”

A garota encheu o peito enquanto falava.

“Eu sou a modelo mais bela do mundo. Meu nome é Misty.”

“Modelo mais bela do mundo?” Jessie sacou uma lente de aumento e observou atentamente.

“O nome dela é Misty...” James sacou um caderno e escreveu em seu diário. Ele não ia pedir o número dela. Ele só tava agindo sério.

“Nahahaha” Jessie caiu na risada.

“Então o nome dela é Misty. Quem é uma modelo? Cadê a modelo? Por que uma modelo? É Misty ou é triste? Eu não consigo diferenciar.”

カスミ **Kasumi**, o nome original da Misty, vem de 霞み **kasumi**, névoa. Inclusive, o nome em inglês também.

Na frase original, Jessie faz piada de pavê, “Mas é 霞み **kasumi (névoa)** ou é 雲 **kumo (nuvem)?**” Como o nome Misty não remete a nada em português, tive que adaptar usando a sonoridade mesmo.

A garota chamada Misty ficou vermelha de raiva.

“Eu vou mostrar pra vocês. Com o poder do meu moirão.”

Misty sacou sua própria Poké Bola.

“*Mozão?*” murmurou Ash.

“É um amor na época de escola sério o suficiente pra você contar sobre pros seus pais e amigos,” confirmou James lendo a definição no dicionário.

“Mozão? A pirralha ainda tem uns dez anos até tar pronta pra isso,” disse Jessie. “Cria noção, se livra desse moirão e para de emoção.”

“Ai, eu não vou me livrar da minha Poké Bola. Eu vou é livrar as outras de vocês. Vamo, moirão!”

Em japonês, esse sempre foi o bordão da Misty quando lança um Pokémon:

いくわよ！ マーイステディ！ Iku wa yo! **Māi sutedi! (My Steady)**
Vamos lá! **My Steady!**

“Steady” (“firme”) é aquilo mesmo que o James descreveu, um “ficante sério.” Quando você tá “going steady” com alguém, vocês tão “indo firme,” “ficando sério.” Não é usado muuuito hoje em dia em inglês, mas ainda se ouve de vez em quando.

A Misty, no caso, usa o termo no sentido de “constante na minha vida.” Mas tive que achar algo que encaixasse com os diálogos, ainda desse um duplo sentido e que soasse mais natural. No fim, optei por “mozão”.

Esse bordão não foi trazido pra versão ocidental até o episódio 42 da saga de Sol e Lua. Os americanos então adaptaram pra “Ready, steady... come on out!” e a dublagem brasileira pra “Preparar, apontar... atacar!” Ou seja, “steady” ficou “apontar” em português e completamente desconexo da nuância original haha.

A frase original da Jessie é:

「今日はそのステディを捨てねばならない、捨てデイにしてあげるわ」

“Kyō wa sono **sutedi** o **suteneba** naranai, **sute dei** ni shite ageru wa”

“Hoje o **steady (sutedi)** deve ser **jogado fora (sute)**, vou chamar de **dia de jogar fora (sute dei [day])**.”

Como dá pra ver, tem um trocadilho que rola com os sons sute e dei. Tentei manter isso na tradução.

Misty tacou sua Poké Bola.

Da luz surgiu um...

“Quê!?” Jessie e James olharam boquiabertos fixamente pro Pokémon.

O Pokémon que saiu da Poké Bola era o Pokémon peixe-dourado, Goldeen.

Apesar de ser chamado de peixe-dourado, havia um corpo bem colorido, que se debatia no chão no momento.

“*Goldeen, Goldeen, Goldeen.*”

Ele exclamou em uma voz de veludo e então deu uma piscadinha pra Jessie e James, antes de ser chamado de volta imediatamente pra Poké Bola.

“O que rolou?” Jessie perguntou a James.

“Esse foi peixe pequeno *mesmo*,” sussurrou James.

Misty falou com orgulho.

“Foi só um exemplo. Afinal de contas, um Pokémon peixe-dourado não pode lutar em um lugar desses sem água.”

“Entendi,” concordou Ash com a cabeça em admiração.

“Você ainda tá aqui? Cai fora logo e escapa!” gritou Misty para Ash.

“Ah é!”

Ash empurrou a maca com Pikachu e correu corredor afora. E correu. E correu mais ainda enquanto corria.

O instinto de seguir algo tentando escapar é o mesmo tanto pra humanos quanto pros Pokémon.

“Eu tenho que escapar.”

“Você não vai fugir!”

Ekans foi com tudo pra cima da maca, derrubando tanto ela quanto o Ash.

Eles tinham chegado na sala de espera de mais cedo. Logo ao lado de onde Ash caiu, se encontrava a bicicleta quebrada.

Ekans e Koffing estavam à todo vapor na perseguição.

E o Pikachu na maca abriu os olhos de leve.

“Pika... Pika... Pika” exclamou Pikachu, como se estivesse chamando alguém.

E então, um por um, os Pikachu do gerador de emergência do quarto de paciente apareceram na sala de espera.

“Pikachu!” gritou o Pikachu na maca com rigidez.

Os Pikachu todos do gerador de emergência liberaram uma descarga simultânea.

“Mentira.”

“Ridículo!”

Jessie e James ficaram completamente acabados e incinerados.

Koffing estava vazando gás.

Ekans estava queimado e ereto.

Exaustos depois da descarga, todos os Pikachu também desmaiaram.

“Senhor, que inúteis... Parece que é a *mia* vez... Ratos são *miaus* favoritos.”

As presas do Meowth brilharam com a exposição de suas garras, se aproximando aos poucos de Ash e Pikachu.

“Pika... Pika... Pika...”

O Pikachu na maca tentou chamar atenção pra algo.

“Pika... Pika?” perguntou Ash.

É claro, não tinha jeito dele entender as palavras do Pikachu. Mas naquele momento, Ash pareceu sacar a ideia.

“Pika... Pika?” perguntou Ash de novo.

Pikachu concordou com a cabeça.

“Mais Pika...? Mais Pika...?” confirmou Ash uma segunda vez.

Pikachu concordou novamente.

...É claro, ele quer mais eletricidade.

“Um monte de Pikapikapika?” perguntou Ash.

Pikachu concordou pela terceira vez.

ひかひか pikapika em japonês é a onomatopeia pra som de eletricidade, faíscas, etc.

A bicicleta destroçada entrou no campo de visão de Ash.

“Então tá... Lá vamos nós!”

Ele levantou a bicicleta, subiu nela e começou a girar os pedais.

“*Miau*’que que cê tá fazendo? Essa bicicleta não vai pra *miaus* lugar nenhum. Nhahahaha.” Meowth caiu na risada.

“Não subestime o Pikachu só porque ele é um rato. Pikachu e eu vamos te mostrar nosso verdadeiro poder.”

Os pedais da bicicleta giraram.

A roda girou.

Fricção foi criada com o gerador da lanterna.

A bicicleta acendeu?

“*Miau*?...” Meowth apertou os olhos com a luz brilhante da lanterna.



Pikachu pulou da maca pro topo da bicicleta e posicionou sua cauda no gerador de fricção.

“*Comiau* que é!?”

Meowth foi atacado com uma descarga elétrica poderosa.

Os outros Pikachu soltaram choques ao mesmo tempo, como uma reação em cadeia.

O Centro Pokémon foi engolido por faíscas, brilhando no céu noturno como um fogo de artifício com formato de hospital.

Ekans tava duro como um poste. E finalmente, o gás vazando do Koffing incendiou.

“*Koffum*”

Uma grande explosão... O teto do Centro Pokémon foi estourado por completo.

Junto com o teto, Meowth, Jessie e James foram lançados como fogos de artifício e se agarraram com força ao seu balão de ar quente pairando no céu.

Ekans e Koffing também conseguiram evitar se separar.

“Ufa! Eu prefiro ser fogo de artifício explosivo do que aguentar aquela eletricidade que te deixa dormente”, disse Jessie como má perdedora.

“É tipo *fuiii cabum!* Kagiya! Tamaya!” James gritou em desespero. “Kagiya” e “Tamaya” eram comemorações japonesas frequentes em shows de fogos de artifício antigamente.

Isso veio do período Edo, onde Kagiya e Tamaya eram dois fabricantes diferentes de fogos de artifício e as pessoas gritavam pelo favorito!

Meowth gritou.

“Eu *nbau* sou o Tama. *Miau* nome é Meowth, *miau...*”

Tama era um nome comum pra gatos antigamente.

“*Miaura* de escapar,” disse ele preparado.

Porém, Jenny já havia chego no Centro Pokémon em sua moto policial.

“Vocês não vão escapar.”

Ela meteu o pé no acelerador.

“Não subestimem os policias de moto da Cidade de Viridian!”

A moto subiu em uma das paredes caídas do Centro Pokémon e com seu impulso atingiu o balão de ar quente em cheio.

“Na mosca!”

Jenny fez um V de vitória de sua moto, aterrissada em segurança.

O balão de ar quente estourou que nem um balão e disparou pelo infinito do céu noturno.

“Que drogaaaaaaaaaaaaaaa!” Os gritos de Jessie e James foram sumindo como um foguete decolando.

Na manhã seguinte... nas ruínas do Centro Pokémon, Joy ligou para o Centro Pokémon da Cidade de Pewter pelo tevefone.

A médica da Cidade de Pewter falou do outro lado da linha.

“Recebemos todos os Pokémon da Cidade de Viridian em segurança.”

“Obrigada, até nosso Centro ser restaurado, eu agradeceria se você tomasse conta dos Pokémon transferidos da Cidade de Viridian.”

“*Uau...*”

Sussurrou Jenny de sua moto, esticando o pescoço pra ver a tela de TV.

“Então ela é a médica na Cidade de Pewter?”

A médica na tela, no Centro Pokémon da Cidade de Pewter, tinha o mesmo nome e rosto que a Joy.

“É minha irmã mais velha. O que significa que o nome dela também é Joy. A maioria das médicas nesse país vem da família Joy.”

Joy sorriu.

“Mas tenho que admitir que eu sou a mais bonita.”

“Eu nunca soube disso. ...Então é a mesma coisa com médicas.”

Jenny abriu um sorriso brilhante.

“A maioria das policiais nesse país são da família Jenny. Mas eu sou a mais fofa.”

“Então somos iguais”, disse Joy.

“Somos iguais”, respondeu Jenny.

“Eu consigo ouvir vocês.” A Joy da Cidade de Pewter encarou as duas.

A Joy da Cidade de Viridian mudou de assunto rapidamente.

“Ah, mana. Um menino, uma menina e um Pikachu esforçados... saíram essa manhã à caminho da Cidade de Pewter. Mas eles vão ter que passar pela Floresta de Viridian primeiro.”

A Floresta de Viridian é uma floresta muitas vezes considerada como um trecho perigoso pra iniciantes tentando se tornar Treinadores Pokémon.

“Não precisa se preocupar... Tenho certeza que aqueles três conseguem lidar com a Floresta de Viridian...”

“É. Tem razão.”

Joy falou com a Joy no outro lado da linha.

“Mana, manda um abraço pra essas crianças quando chegarem na Cidade de Pewter.”

Delia, a mãe de Ash, não sabia de nada do grande incidente na Cidade de Viridian.

Porém, ela ainda estava acordada quando a manhã chegou.

Desde que ela tinha recebido a ligação de Ash da Cidade de Viridian, ela não conseguiu dormir.

Delia pegou um álbum de fotos na estante e folheou as páginas. Havia fotos de Ash recém-nascido. E outras dele começando a engatinhar.

Cada foto trouxe de volta pelo menos trinta memórias do tempo de Delia e Ash juntos. O que significa que quando ela começou a olhar todos os vinte álbuns de memórias deles, ela não conseguiu mais parar.

Na hora que ela se deu conta, já era de manhã.

... Ah não... Eu preciso preparar o especial do dia de hoje...

Mas mesmo assim, Delia não conseguiu desviar os olhos até chegar na última página, o que levou ela a abrir o restaurante meia hora atrasada.

Delia tinha uma reputação de ser uma mulher altamente responsável.

O almoço de ontem e a abertura atrasada de hoje foram os primeiros tropeços que ele já tinha dado desde que abriu o restaurante.

... Trabalho é trabalho... Não posso tropeçar só porque meu filho saiu pra uma jornada!

Apesar de se repreender, ninguém na Cidade de Pallet diria um “a” sequer sobre a Delia.

Ela era uma mãe solteira com menos de trinta cujo único filho que ela passou anos criando tinha acabado de sair de casa.

No dia seguinte e nos que seguiram, Delia não perdeu um único cliente, só ganhou mais.

Agora vamos voltar pra história do grupo do Ash.

Floresta de Viridian... escura tanto de noite como de dia.

E na escuridão profunda...

“Aaaaaaaa!”

A voz de uma menina ecoou.

Era a voz de Misty.

Foi o primeiro grito que a confiante Misty soltou.

Continua no Capítulo 5

Apêndice 4.0

(Se estiver com pressa, fique a vontade pra pular pro Capítulo 5. Porém, pode ser que tenha informações importantes aqui que ninguém nunca ouviu antes.)

Sobre o Sistema de Transferência de Pokémon em Poké Bolas

Trecho retirado de documentos não publicados da Agência Internacional de Comunicações ao Ministério de Comunicações do Japão

É fato que os sistemas de comunicação modernos têm suas raízes nos correios. Porém, não temos intenção de discutir as origens dos correios em Parris, na França, no ano de 1653 ou da origem de selos postais na Inglaterra no de 1839. Ou como um homem inglês chamado Cooke patenteou o telegrama em 1843. Ou mesmo como o famoso Graham Bell patenteou o telefone em 1876 (apesar de não o ter inventado), ou como Marconi, da Itália, fez a transmissão sem fio possível em 1894, não temos intenção de mencionar nada disso.

O que estamos tentando enfatizar é que para se comunicar com pessoas à distância, continuamos a usar métodos antigos como correio, telefones e rádio, assim como fazíamos nos dias passados.

Com o progresso de tecnologias de comunicação como fax, celulares, chats de computador e telefones, o que é transferido por eles não são objetos físicos. Com o poder da internet, você pode ver o rosto de alguém do outro lado do mundo enquanto fala com a pessoa, mas você não fala frente a frente de verdade. Você está apenas vendo uma imagem sendo transmitida por sinais elétricos e escutando uma sintetização eletrônica de uma voz.

Para realmente falar frente a frente, você precisa ou ir até a pessoa ou a pessoa até você.

Contudo, isso leva tempo. Não importa qual método de transporte você usa, você não pode viajar a distância toda instantaneamente.

A massa física de humanos não pode ser transmitida. Esse é um sonho de conquista de cientistas há tempos. A habilidade de teletransportar humanos por transmissões. Converter humanos em impulsos elétricos e transferí-los para outro lugar; em outras palavras, um humano transmissível.

Apesar disso, cientistas continuaram a dedicar suas vidas à tal pesquisa, mas foram incapazes de transmitir sequer pequenos objetos como um lápis, que dirá seres vivos.

No fim, o sentimento de que a conversão de matéria física pra transmissões elétricas era impossível começou a tomar conta de pesquisadores. Isso foi chamado de teorema da não-teleportação.

Porém, uma descoberta incrível foi feita no século atual.

Foi o resultado de uma traquinagem de uma criança de três anos.

Como vocês sabem, a posse de Poké Bolas por crianças é ilegal sem uma permissão especial.

Porém, essa criança queria *muito* uma Poké Bola.

A criança pegou uma das Poké Bolas do pai em segredo e a colocou na copiadora da casa. Ela achou que podia copiá-la e criar uma Poké Bola duplicada.

É o tipo de lógica que uma criança teria. Mas o detalhe importante aqui é que a Poké Bola não estava vazia, ela continha um Pokémon dentro.

Além disso, a copiadora tinha uma função de fax. Ou melhor, era uma máquina de fax com uma função de cópia.

A criança confundiu o botão de copiar com o botão de enviar um fax automático.

O fax automático foi enviado pro escritório do pai.

Enquanto isso... a máquina de fax no escritório do pai ficou com papel preso. Quando a máquina foi aberta pra determinar a causa, foi encontrada uma Poké Bola que ninguém tinha colocado lá.

Basicamente, a Poké Bola tinha sido transmitida de casa pro escritório..

Por que a Poké Bola acabou dentro da máquina de fax?

Porém, o Pokémon que deveria estar dentro não podia ser encontrado em lugar nenhum. Quando o pai chegou em casa, ele tomou conhecimento pela criança se acabando de chorar sobre a Poké Bola que tinha sumido da copiadora.

A comunidade científica fez a festa quando ouviu sobre o episódio.

A Poké Bola era apenas uma Poké Bola comum usada pra capturar e transportar Pokémon. A Poké Bola em si não tinha nenhuma função especial que a permitia ser transferida via fax. O que significava que tinha que ter sido o poder do Pokémon que estava dentro.

O pensamento era de que ele tinha algum tipo de habilidade que permite converter o próprio corpo pra transmissões elétricas junto com a Poké Bola.

O resultado da investigação concluiu que essa era uma habilidade presente em todos os Pokémon.

Precisamente falando, essa é a Habilidade de Transmissão de Monstro de Bolso (Abreviada como Habilidade Transbolso... Também conhecida como Pokécom).

Quando Pokémon estão dormentes dentro de um item pequeno como uma Poké Bola, eles demonstram a habilidade de converter a si mesmo e seu recipiente em sinais elétricos.

Contudo, não se sabe se essa habilidade é usada conscientemente ou não pelos Pokémon.

E então, cientistas começaram suas pesquisas.

Nos primeiros experimentos, até quando a Poké Bola era transferida com sucesso, o Pokémon dentro dela desaparecia toda vez.

Devido ao conhecimento de que transmissões via fax por linhas telefônicas ou transmissões comuns de computadores não são de uma qualidade alta o suficiente para evitar acidentes, hoje em dia é ilegal transferir Pokémon por essas conexões.

Hoje, melhoras nos materiais usados na fabricação de Poké Bolas levaram à Poké Bolas que transmitem Pokémon com mais facilidade. Porém, sem um Pokémon dentro, transmitir uma Poké bola é impossível.

Inclusive, com um Pokémon dentro, você conseguiria transmitir até uma carteira ou um estojo (isso é ilegal devido à chances altas de acidentes. Quando transmitir Pokémon, sempre use Poké Bolas transmissíveis padrões oficiais).

Contudo, e apesar de podermos estar nos repetindo, até com a tecnologia mais atual de Poké Bolas, sem um Pokémon dentro, elas não podem ser transmitida.

O que significa que nesse mundo, dentre todos os objetos físicos tanto animados quanto inanimados, somente Pokémon podem ser transmissíveis eletronicamente.

Por que é uma possibilidade limitada só aos Pokémon? Esse é um dos grandes mistérios tanto nos corações de cientistas quanto pesquisadores amadores.

Além disso, quando o assunto é linhas de transmissão atuais, as mais adequadas para transmissão de Pokémon são a rede de computadores exclusiva do Centro Pokémon e o Transmissor Satélite de Pokémon, mas pro dia-a-dia, recomendamos a própria linha de alta capacidade da Agência Internacional de Comunicações, a Pokénet. Há alguns fanáticos que usam redes não-oficiais de transmissão, assim como algumas pessoas que usam uma conexão barata de internet, mas não é recomendável, já que a segurança dos Pokémon não é garantida.

O ponto por trás dessa história toda é, acreditamos que os preços para transmissão de Pokémon devem ser revisados. Desde o boom mundial de Pokémon, o número de usuários que transmitem Pokémon aumentou significativamente.

Os Pokémon sendo transmitidos são seres vivos. Para desenvolver as defesas necessárias e garantir a segurança dos Pokémon e impedir hackers de cometerem roubos... ou melhor, sequestros, já que eles são seres vivos... gostaríamos de propor um aumento de 30% no custo de transmissão de Pokémon.

-OOOO/O

(Por questões de segurança, a data e o nome do remetente foram removidos)

Comitê de Revisões do
Ministério de Comunicações do Japão

Nota #1

Propostas são frequentemente feitas antes de reuniões ou relatórios para obter uma ideia das opiniões dos seus parceiros. É considerada uma preparação ou trabalho preliminar.

Neste caso... se junto com o aumento anual do imposto de venda, o preço for aumentado ainda mais, cidadãos e Pokémon não ficariam irritados? Parece que esse foi o racional por trás da rejeição dessa proposta.

Documento Confidencial do Setor de Transmissões
do Departamento Pokémon de Crimes

Citação da ex-General Superintendente da
Polícia, Sherlock Jenny CCMXCIII

CCMXCIII = 893^a. Sim, o Shudo terminou o capítulo referenciando o rolê das Jenny pra fazer gracinha.

Capítulo Cinco

Atravessando a Floresta